

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO,
CULTURA E AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

EVERALDO DE SOUZA CORDEIRO

**DA TEORIA À PRÁTICA: UMA ANÁLISE DAS AÇÕES DA
ONG PROJETO SAÚDE E ALEGRIA NO TELECENTRO
COMUNITÁRIO DE SURUACÁ NO RIO TAPAJÓS**

**BELÉM-PARÁ
2013**

EVERALDO DE SOUZA CORDEIRO

**DA TEORIA À PRÁTICA: UMA ANÁLISE DAS AÇÕES DA
ONG PROJETO SAÚDE E ALEGRIA NO TELECENTRO
COMUNITÁRIO DE SURUACÁ NO RIO TAPAJÓS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Ciências Sociais e Aplicadas: Linha de Pesquisa: Mídia e Cultura na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro

**BELÉM-PARÁ
2013**

Cordeiro, Everaldo de Souza

Da teoria à prática: uma análise das ações da ONG Projeto Saúde e Alegria no Telecentro Comunitário de Suruacá no rio Tapajós/Everaldo de Souza Cordeiro. Belém: UFPA, 2013.

132f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

1. Amazônia 2. Comunicação 3. Cultura 4. Educação

C.D.D. 302.2

EVERALDO DE SOUZA CORDEIRO

**DA TEORIA À PRÁTICA: UMA ANÁLISE DAS AÇÕES DA
ONG PROJETO SAÚDE E ALEGRIA NO TELECENTRO
COMUNITÁRIO DE SURUACÁ NO RIO TAPAJÓS.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Mestrado em Ciências da Comunicação, para o Exame de Dissertação.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro

RESULTADO: () APROVADO () REPROVADO

Data: ____/____/____

Prof(a) Dr(a)

Prof(a) Dr(a)

Prof(a) Dr(a)

**BELÉM-PARÁ
2013**

De forma afetuosa e singela dedico este trabalho aos meus pais Geraldo Nogueira Cordeiro e Raimunda de Souza Cordeiro – representando todas as pessoas que estiveram comigo nesse período intenso vivido durante o mestrado – como gratidão pela aceitação, bondade, compreensão e generosidade que foram essenciais ao longo do processo.

AGRADECIMENTOS

À coordenação do PPGCOM, na pessoa da Profª Drª Maria Ataíde Malcher – competente, generosa e exigente – e a todo o colegiado pela dedicação no trabalho de organizar o curso e nos dar essa possibilidade de nos tornarmos pesquisadores em terras amazônicas;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro – admirável e inteligente – pela dedicação e exigência nas orientações que me fizeram acreditar que seria possível concluir o trabalho;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCOM pela competência na atuação docente que possibilitou maior riqueza à minha formação;

Aos colegas do curso que se tornaram amigos generosos e, em alguns casos, irmãos gêmeos ao longo da etapa de formação;

Aos moradores e moradoras de Suruacá no rio Tapajós, aos agentes do Projeto Saúde e Alegria e aos amigos Audirene Cordeiro, Edilberto Sena, Florêncio Vaz, Manuel Dutra e Rosa Rodrigues pelas valiosas contribuições ao trabalho. Muito grato!

Conhecer não é um ato através do qual o sujeito transformado em objeto, recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção.

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo é o resultado de uma pesquisa que analisou a relação entre teoria e prática das ações propostas pela Organização Não Governamental Projeto Saúde e Alegria (ONG-PSA), na localidade de Suruacá, no rio Tapajós, no município de Santarém, oeste paraense. A problemática de investigação foi conduzida a partir de dois questionamentos centrais: Como se dá a relação entre teoria e prática no que se refere ao trabalho desenvolvido pelo Projeto Saúde e Alegria no Telecentro Comunitário de Suruacá? E qual o impacto que o uso de novos meios comunicacionais causou na vivência cultural na área pesquisada? A análise dos dados foi produzida, a partir do levantamento bibliográfico e documental sobre as ações da ONG, de dados disponibilizados no site oficial do PSA, do vídeo institucional da ONG, do que se viu e ouviu na localidade Suruacá e da visão de pesquisadores e agentes das áreas de Comunicação, Cultura e Educação que atuam fora do PSA. Entre os resultados da pesquisa, constatou-se que a proposta publicizada pelo Projeto corresponde com a descrição da entrevista realizada com os moradores do local que nos últimos 25 anos têm acompanhado, trabalhado e recebido as ações do PSA. Percebeu-se que há uma práxis convergente presente na relação comunicacional e educacional entre o PSA e Suruacá, não de natureza exclusivamente dialética, mas também dialógica, no sentido de complexidade entendida no pensamento de Morin (1991), das mediações do pensamento de Martín-Barbero (1997) e da dialogicidade profunda no pensamento de Freire (1996), em processos envolvendo Comunicação, Cultura e Educação em Suruacá, mas pondera-se que a presença desta ONG no interior da Amazônia brasileira não dispensa a ação do estado na efetivação de políticas públicas nas áreas de comunicação, cultura, educação e saúde.

Palavras-chave: Amazônia, Comunicação, Cultura e Educação

ABSTRACT

This study is the result of a research examining the relationship between theory and practice of the actions proposed by the NGO "Project Health and Happiness" (NGO-PSA) on the inlands of Suruacá, among Tapajós river, Santarém, in the western of Pará state. The research problem was conducted from two main questions: What's the relation between theory and practice in the projects experience of the community Telecentre of Suruacá? And, what's the cultural impact caused by new media use in the area? Data analysis was produced from field work and bibliographical-documentary survey about NGOs actions – material collected from the official website of the NGO-PSA, institutional videos and interviews with staff and external researchers acting in Communication, Culture and Education fields. On the survey results, we constacted that the publicized Project proposal corresponds to the social description helded by the residents about the action developped in the last 25 years by the NGO. We perceived that there are convergent communicational and educational practices in relationship between PSA and Suruacá. These practices are not only in a dialetc order, but also in a dialogical one. We understand this dialogical order with the complexity theory, present on Morin's thought (1991), the mediation theory, presente Martín-Barbero's thought (1997) and the "deep dialogicity", present in Freire's thought (1996) in cases involving Communication, Culture and Education. We also consider that the presence of NGOs in Suruacá does not exempt the necessity of brazilian state action in the execution of public policy on communication, culture, education and health on those areas.

Keywords: Amazon, Communication, Culture and Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEAPAC – Centro de Apoio a Projetos de Ação Comunitária

CEAPS – Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base

CITA - Conselho Indígena dos rios Tapajós e Arapiuns

FLONA – Floresta Nacional

GDA – Grupo de Defesa da Amazônia

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

ICMbio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (antigo CNPT/IBAMA)

IESPES – Instituto Esperança de Ensino Superior

MEB – Movimento de Educação de Base

ONG – Organização Não Governamental

PSA – Projeto Saúde e Alegria

RESEX – Reserva Extrativista

STTR – Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

UC – Unidades de Conservação

UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará

UFPA – Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 QUANDO OS SABERES CONVERGEM	18
1.1 Revisão epistemológica da noção de pensamento	19
1.2 O contexto da chamada Pós-modernidade	22
1.3 Edgar Morin e os desafios da complexidade do pensar	27
1.4 Paulo Freire e sua relação com a comunicação e a cultura	29
1.5 Jesús Martín-Barbero e as mediações culturais	32
1.6 Articulando saberes	35
2 A CONVERGÊNCIA ENTRE COMUNICAÇÃO, CULTURA E EDUCAÇÃO EM UMA EXPERIÊNCIA SOCIAL NA AMAZÔNIA	38
2.1 Os povos da Amazônia	41
2.2 A experiência da ONG Projeto Saúde e Alegria na Amazônia	45
2.3 Como está estruturada ONG-PSA	46
2.4 Desenvolvimento Territorial	47
2.5 Saúde Comunitária	49
2.6 Empreendimentos sustentáveis	50
2.7 Educação, Cultura e Comunicação	52
3 A EXPERIÊNCIA SOCIAL EM SURUACÁ A PARTIR DAS LUTAS POPULARES E DAS AÇÕES DA ONG-PSA	57
3.1 Localização geográfica de Suruacá	60
3.2 Os moradores mais antigos de Suruacá	61
3.3 Do que vivem os moradores de Suruacá	61
3.4 Da organização social e política de Suruacá	62
3.5 Da chegada e permanência da ONG-PSA em Suruacá	63
3.6 Análise das sete entrevistas sobre a ONG-PSA e Suruacá	70
3.7 O Telecentro Comunitário, para onde tudo converge	72
4 TEORIA, PRÁTICA E PRÁXIS ENTRE A ONG-PSA E SURUACÁ	76
4.1 Da teoria à prática	77
4.2 A práxis que resulta da relação entre ONG-PSA e Suruacá	85
4.3 Correspondência entre o que propõe a ONG-PSA e o que ocorre em Suruacá	86
5 ENTRE VISTAS E PONTOS DE VISTA SOBRE AMAZÔNIA, SURUACÁ A ONG-PSA	89
5.1 Padre Edilberto Sena	92
5.2 Frei Florêncio Vaz	95
5.3 Jornalista Manuel Dutra	102
CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS	106
REFERENCIAS	113
ANEXOS	115

INTRODUÇÃO

O tema investigado nesta pesquisa é o da relação entre teoria e prática, a partir da convergência das ações propostas pela Organização Não Governamental Projeto Saúde e Alegria (ONG-PSA) na localidade de Suruacá, no rio Tapajós, município de Santarém, oeste paraense. A experiência aponta para dimensões dialéticas e dialógicas dentro de uma perspectiva de complexidade em um processo comunicacional, cultural e educacional em permanente movimento.

A pesquisa nasceu do interesse em estudar processos e relações convergentes entre comunicação, cultura e educação. O campo teórico motivador, deu-se a partir do contato com as ideias de Edgar Morin (1991), Jesús Martín-Barbero (1997) e Paulo Freire (1983), autores que abordam em suas obras as relações comunicacionais, culturais e educacionais presentes na dinamicidade e complexidade da vida, em uma dimensão que vem ao encontro da análise feita na pesquisa aqui proposta.

O estudo aqui desenvolvido pretendia, em um primeiro momento, direcionar-se para a observação do trabalho da ONG-PSA, em pesquisa direta a ser realizada na sede da Organização, em uma dimensão mais teórica. O objetivo era comparar a proposta da ONG com as ideias dos autores de base desta pesquisa, em busca de saber se havia convergência entre as áreas de interesse e de como se dava essa aproximação nas ações dos proponentes e agentes do Projeto Saúde e Alegria.

Todavia, tendo conhecimento da relação entre a ONG-PSA e Suruacá (um dos primeiros lugares na Amazônia a acolher as ações da organização), percebeu-se, em pesquisa exploratória na Vila, que o estudo deveria ser feito levando em conta a história e a vida dos atores sociais que compõem a localidade, buscando descobrir e descrever como os moradores percebiam e percebem a presença da ONG desde que chegou no local.

O trabalho de pesquisa foi então reajustado e o foco da investigação, sem desconsiderar a base de busca da compreensão dos processos convergentes entre comunicação, cultura e educação, passou a ser a relação teórica e prática, que resulta na práxis comunicacional, cultural e educacional entre a ONG-PSA e os moradores de Suruacá.

O título 'Da teoria à prática: uma análise das ações da ONG Projeto Saúde e Alegria no Telecentro Comunitário de Suruacá no rio Tapajós' foi um desafio enfrentado no cruzamento dos olhares entre os moradores da vila e a ONG-PSA, mas principalmente na inclusão do cruzamento de pontos de vista distintos e divergentes por parte de militantes de movimentos sociais em defesa da Amazônia brasileira, envolvidos em processos comunicacionais, culturais, educacionais, políticos e econômicos que ocorrem na região.

Partiu-se do olhar sobre a ONG-PSA, e desta sobre si mesma, para o olhar sobre Suruacá e de seus moradores sobre si e sobre as ações da ONG-PSA em seu meio. Buscou-se relacionar teoria, prática e práxis em uma dimensão dialógica entre o pensamento da ONG e o pensamento dos moradores da vila. Em seguida, a dimensão de dialogicidade, resultante da pesquisa sobre o que a ONG-PSA propõe e como os moradores da localidade recebem e percebem essas ações, foi cruzada com a percepção dialética por parte dos olhares externos dos pesquisadores nativos da região entrevistados sobre Amazônia, ONG-PSA e Suruacá, sendo integrada na perspectiva da Complexidade proposta por Edgard Morin, quando analisa o todo nas partes e as partes no todo, sem desconsiderar a diversidade e a aleatoriedade, confluídas em dimensões transdisciplinares e integradoras.

Assim, cinco capítulos foram escritos a partir de reflexões sobre Amazônia e Organizações não governamentais; Convergência de saberes; Experiência social em Suruacá; Relação entre teoria e prática; Dialética, dialogicidade e complexidade; e Pontos de vista externos sobre Amazônia, ONGs e Projeto Saúde e Alegria.

Com relação à Metodologia adotada para a realização da pesquisa, buscou-se considerar uma perspectiva não só transdisciplinar como também transmetodológica, delimitando o foco da investigação, mas também mantendo uma abertura necessária às mudanças que viessem a ocorrer ao longo do processo. Sendo a pesquisa uma análise qualitativa, os escritos reunidos em cinco capítulos resultam do seguinte percurso metodológico: levantamento bibliográfico e leitura ao longo das disciplinas do primeiro ano do Mestrado com o estudo dos temas relacionados à comunicação, cultura, educação e convergência de saberes, dando suporte ao estudo da realidade em questão. Além disso, foram levantados materiais publicados em monografias, livros, revistas, áudio e vídeo sobre a ONG Projeto Saúde e Alegria e sobre a vila de Suruacá. Atenção especial foi dada ao conteúdo publicizado pela ONG em seu site oficial e vídeo institucional.

Na pesquisa preliminar, descobriu-se que uma das principais ações integradas e desenvolvidas pela Organização é o Programa Comunicação, Cultura e Educação. Foi a partir deste Núcleo que o interesse para ampliar a reflexão sobre a convergência nas ações da ONG-PSA, sobretudo no Telecentro de Suruacá, ampliou-se. Buscar entender o que a Organização diz de si em suas ações convergentes de comunicação, cultura e educação e o que os moradores de Suruacá pensam disso fez parte da motivação inicial.

No que diz respeito à pesquisa de campo, a mesma foi aplicada, tanto na sede da ONG Projeto Saúde e Alegria na cidade de Santarém, quanto na Vila de Suruacá no rio Tapajós. As fontes de informação foram agentes e coordenadores da ONG-PSA; moradores da localidade, com atenção especial para os moradores que acompanham as ações do Projeto Saúde e Alegria desde o seu início; os monitores do Telecentro; e o único Agente Comunitário de Saúde da vila.

Um dos primeiros passos foi realizar um levantamento sobre a história de Suruacá em livros e sites da Internet. Depois visitas e conversas com os moradores do local foram realizadas de maneira espontânea. Em seguida foram aplicados questionários perguntando aos moradores se estes conheciam e desde quando conheciam a ONG-PSA, e ainda quais as ações da ONG que os mesmo consideravam mais importantes para os moradores do local. A partir das visitas nas casas das famílias e da aplicação de questionários, sete moradores foram selecionados para gravação de entrevistas, tendo como critério a idade e o tempo de contato dos mesmos com a ONG-PSA e suas ações. Os setes entrevistados viram a chegada do Projeto Saúde e Alegria e acompanharam o desenvolvimento de suas ações ao longo de 25 anos. As entrevistas foram gravadas, ouvidas, transcritas e interpretadas, sendo que, além da conservação do conteúdo em áudio, foi feito ainda registro fotográfico dos espaços visitados e dos entrevistados.

A partir das pesquisas exploratórias e de campo, tanto na sede da ONG-PSA, quanto na Vila de Suruacá, e já com o resultado e sistematização dos diferentes olhares das duas realidades, buscou-se compreender a práxis resultante da relação entre teoria e prática, no sentido do que a ONG propõe e de como os moradores do local acolhem e vivenciam essa experiência. Em seguida, a partir do cruzamento desses olhares na relação comunicacional, cultural e educacional entre ONG e a população local, a dimensão de dialogicidade foi ampliada e cruzada com uma dimensão dialética, quando da percepção e consideração da fala e escuta de pontos

de vista e entrevistas com militantes de movimentos sociais e pesquisadores da região sobre Amazônia, ONGs, com destaque para relação entre PSA e Suruacá.

O aporte teórico veio a garantir a possibilidade da articulação entre teoria, prática e práxis nas perspectivas das dimensões dialética, dialógica e complexa dos pensamentos de Paulo Freire, Martín-Barbero e Edgar Morin. E aqui cabe a explicação de como foi feita a articulação do pensamento desses três autores de base da presente pesquisa. Primeiro, nas relações entre os olhares da ONG, dos moradores de Suruacá e dos entrevistados externos à essa relação, percebeu-se o paradoxo entre as perspectivas dialógica e dialética, os olhares sobre a relação entre a ONG e a localidade é vista de um ângulo bem distinto. Nesse sentido, considerando que os autores de base, mesmo vindo de tradições marxistas, rompem com o núcleo duro em suas análises e consideram processos e relações mais densas que, se vistas somente de fora pelo pensamento ortodoxo, seriam consideradas como análises alienadas. Mas, Barbero, Freire e Morin, mergulham na receptividade dos processos que se movem no movimentado campo da comunicação, cultura e educação, levando em conta relações que apontam para a integração das diferenças, mesmo não deixando de reconhecer o lugar distinto do opressor e do oprimido. Por meio do diálogo, Freire integra Cristianismo e Marxismo. Morin integra emoção e razão, mito e ciência, objetividade e subjetividade, caos e ordem. E Martín-Barbero busca o sentido dos processos culturais entre meios e mediações, cartografando em mapas noturnos o que nem sempre é perceptível à luz da razão sistematizada no núcleo duro da ciência com o raiar de cada dia.

Ao buscar integrar entre vistas e pontos de vista distintos, a pesquisa encontrou o sentido de primar por um ensaio aberto, não conclusivo, e nem por isso deixar de cumprir com seus objetivos de buscar conhecer e compreender o que se dá na teoria e na prática na relação entre ONG-PSA e moradores de Suruacá, a partir das ações desenvolvidas no interior da localidade com a inclusão de meios e processos comunicacionais, culturais e educacionais novos em seu imaginário. Esse percurso resultou em cinco capítulos sistematizados no retrato do que foi visto e analisado tanto na pesquisa teórica quanto na empírica.

No primeiro capítulo, *Quando os saberes convergem*, perpassa-se pelo universo do pensar a partir de uma reflexão sobre a crise do próprio pensamento, nos excessos de logicização e engessamento do mesmo quando este fica fechado na objetividade da disciplinarização e não se abre à diversidade de saberes por meio

de uma subjetividade em permanente exercício de construção do conhecimento. O contexto contemporâneo chamado por alguns de Pós-moderno também é analisado frente à crise do modelo de pensamento europeu gestado no período Moderno. As ideias de Edgar Morin, Paulo Freire e Jesus Martín-Barbero são analisadas e articuladas na busca da convergência de saberes.

No segundo capítulo, cujo título é *A convergência entre comunicação, cultura e educação em uma experiência social na Amazônia*, a reflexão desenvolvida é feita a partir da motivação teórica inicial da convergência aplicada ao objeto da pesquisa. Traça-se um panorama sobre a relação entre ONGs e Amazônia, considerando a fala do jornalista Manuel Dutra sobre o conceito que se tem da região e dos povos a habitam, considerando as implicações históricas, ideológicas e políticas. Descreve-se ainda, no primeiro capítulo, o perfil da organização não governamental Projeto Saúde e Alegria, e de como a ONG está estruturada para desenvolver cinco programas que dinamizam suas ações.

Ainda no segundo capítulo, o jornalista Manuel Dutra questiona o papel das ONGs para além das realidades rurais, cobrando mais sua presença também em espaços urbanos, contribuindo não só para preencher o vácuo deixado pelos governos. Deseja que os povos da Amazônia sejam de fato protagonistas da própria história que ainda é desconhecida por muitos, inclusive pelos próprios amazônidas, já que muitas vezes essa história é vista, relatada e escrita por quem vem de fora.

Dutra denuncia algumas construções ideológicas como o 'vazio amazônico' e uma 'Amazônia somente de rios e florestas'. Em sua opinião, na Amazônia concreta há ruralidade e urbanidade, povos que vivem em áreas de conservação na floresta; mas, há também povos da cidade, em costumes hibridizados e culturas mestiçadas em uma dimensão de complexidade.

É necessário, ainda conforme o pensamento de Manuel Dutra, reconhecer a dívida das instituições de ensino superior da Amazônia para com a própria Amazônia, quando se percebe que ao longo dos 25 anos de uma ONG com o Projeto Saúde e Alegria, pouco ou quase nada foi pesquisado e registrado sobre as implicações dessa presença.

No terceiro e quarto capítulos, *A experiência social em Suruacá a partir das ações do PSA, e Teoria, prática e práxis entre a ONG-PSA e Suruacá*, buscou-se fazer a articulação entre a fala da Organização e a fala dos moradores entrevistados em Suruacá em que ao longo na busca da práxis resultante dessa relação.

Na perspectiva, a da relação entre a ONG Saúde e Alegria e a Vila de Suruacá, constatou-se que há uma relação condizente entre teoria e prática, nos processos de dialogicidade integradora, dentro do que a proponente se dispõe a executar.

Os moradores da localidade reconhecem que, além das ações emergenciais nas áreas da saúde, por exemplo, o PSA ajudou e, ainda ajuda, na construção de um processo que elevou e eleva a autoestima dos moradores do local na valorização da própria cultura e na possibilidade de organização sustentável da localidade, para que esta também ganhe visibilidade, vindo a integrar a sociedade global, sem perder de vista a dimensão do local.

No quinto e último capítulo, *Entre vistas e pontos de vista sobre Amazônia, Suruacá e saúde e alegria*, quando se trata dos pontos de vista externos ao PSA e a Suruacá, as críticas apontam para a falta de integração da ONG Saúde e Alegria com outros movimentos sociais mais amplos e comprometidos com lutas históricas na região.

Dois dos três entrevistados veem o PSA como uma ONG assistencialista que inclusive contribui para o 'congelamento' dos povos da floresta, para o não reconhecimento da própria etnia e para o atrelamento a interesses do capital internacional, nas políticas assistencialistas dos governos nacional e municipal.

Os integrantes de organizações sociais não governamentais, ligadas às pastorais sociais da Igreja Católica, queixam-se da ausência do Projeto Saúde e Alegria nas lutas para a criação da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (Resex Tapajós-Arapiuns) criada na década de 90, a partir da luta dos povos ribeirinhos de parte da região dos rios Tapajós e Arapiuns, nos municípios de Aveiro e Santarém, no oeste paraense.

Com inspiração marxista, a partir da Teologia da Libertação, as lideranças ligadas ao catolicismo libertador, organizaram-se em associações de bairro na cidade, sindicato de trabalhadores rurais e colônia de pescadores nos campos e nos rios, recebendo formação a partir das ideias de Paulo Freire, em uma perspectiva mais dialética e de luta contra madeireiros e setores do governo, em um foco diferente dos agentes do Projeto Saúde e Alegria que no contexto de criação da Resex ficam ao lado das instituições governamentais.

As pastorais sociais católicas e as organizações que com elas articularam-se para a construção da Resex, defendem o protagonismo dos povos habitantes na

área de conservação, lutam pelo resgate da história da etnia indígena e pelo direito à vida, pela posse da terra, fomentando o desenvolvimento da consciência na perspectiva de conquista dos seus direitos.

Dentro da perspectiva de setores da luta social na Amazônia, os ribeirinhos não têm que se contentar com soluções apresentadas como presentes por parte de governantes em nem tampouco por parte de ações que recaem muitas vezes no assistencialismo por parte de organizações não governamentais.

A dimensão paradoxal entre dialética – com os que lutam por um ideário cristão-marxista, e de dialogicidade – com os que buscam mergulhar em processos culturais mais densos, tanto na dimensão mercadológica e tecnológica da sociedade contemporânea, quanto nas relações entre mediações e mediatizações de processos comunicacionais tradicionais ou novos, requer uma reflexão que prime pelo respeito à complexidade do processo. É preciso não querer respostas prontas e conclusivas, e sim, primar por um ensaio aberto, dinâmico, compreendendo a realidade humana e social como um texto vivo, a partir da oralidade, da hipertextualidade e do movimento permanente de construção, reconstrução e mudança.

Assim, o resultado da pesquisa é apresentado nas considerações intituladas “não finais”, isso não porque a pesquisa não tenha sido concluída ou não tenha chegado ao objetivo proposto, mas porque deixa em aberto as possibilidades de novas pesquisas e aprofundamentos no que ficou constado na relação entre ONG-PSA e moradores de Suruacá a partir de seus próprios olhares e dos olhares externos aos processos comunicacionais, culturais e educacionais vividos por agentes do Projeto e moradores do local.

A CONVERGÊNCIA DE SABERES



Foto: Projeto Saúde e Alegria

1 QUANDO OS SABERES CONVERGEM

A sociedade contemporânea vive um tempo de significativas e profundas transformações sociais, culturais, econômicas e políticas. A própria palavra tempo e sua compreensão linear é reconfigurada em novas interpretações que têm também a marca da descontinuidade. Não se trata somente de uma época de mudanças, mas uma radical mudança de época, em uma sociedade marcada, segundo Marcondes Filho (1994), por uma Cultura tecnocêntrica, geradora de modos diversos de vida em que não prevalecem mais os paradigmas de uma sociedade marcada pelo teocentrismo, com o predomínio do sagrado sobre o humano, e nem tampouco o predomínio antropocêntrico marcado pela hegemonia da razão.

Fala-se em pós-modernidade, ou modernidade tardia. Fala-se em crise de paradigmas, em fim da história. Vive-se um processo, ou processos culturais, em que as idades da linguagem, da oralidade e da escrita são permeadas pela idade da imagem, havendo uma confluência das três na idade da linguagem da multimídia como lembra Sousa (2003) ao falar de novas linguagens para um novo tempo.

Há autores como Stuart Hall (2003) que falam em transformações identitárias do sujeito moderno e contemporâneo. Esse autor ao falar da identidade cultural na pós-modernidade fala de um descentramento do sujeito. Segundo ele, a ideia que se tinha de identidade aos moldes do Iluminismo europeu da Modernidade e mesmo a identidade do sujeito sociológico do Interacionismo Simbólico, na relação entre sujeito e sociedade, são postas em questão com o aparecimento do sujeito pós-moderno, descentrado e sem uma essência definida substancialmente. Esse sujeito, portanto, não tem uma cultura fixa, mas vive em uma dimensão de hibridização, de personalidades múltiplas e mescladas, ou o que Morin (1991) chama de mestiçagem.

Ao mesmo tempo em que se anunciam crises em diferentes dimensões e instituições humanas e sociais, vive-se também na contemporaneidade um tempo de convergência de valores, costumes, saberes e mesmo de fazeres distintos, tidos durante muito tempo como antagônicos e dicotômicos, sem muita possibilidade de aproximação. Assim, uma revisão da construção do pensamento racional na tradição ocidental pode ajudar na compreensão dos desafios do tempo presente no que diz respeito à importância da articulação de áreas e conhecimentos distintos.

Morin (2011), ao referir-se ao desafio da globalidade no mundo contemporâneo, denuncia a insanidade racionalista e dogmática como uma espécie de cegueira na própria natureza do que deve ser um conhecimento pertinente. Ele diz também que uma mínima compreensão do que é o conhecimento pode ensinar que o mais importante é a contextualização, a busca de um sentido integrador e integral, em uma visão ampliada que determinará a inserção e os limites da validade de qualquer conhecimento.

Além de propor uma reforma do pensamento, Morin (2011) denuncia a falsa racionalidade, isto é, o engessamento do pensamento no dogmatismo, no cientificismo, nas visões fechadas. Ele reconhece a necessidade de se restaurar a racionalidade, no exercício de um pensamento aberto, contra a racionalização. Para Morin:

O pensamento mutilado e a inteligência cega se pretendem e se acreditam racionais. A verdadeira racionalidade é aberta e dialoga com um real que resiste a ela. Opera um vaivém incessante entre a lógica e o empírico; ela é um fruto de um debate argumentativo de ideias, e não a propriedade de um sistema de ideias. A razão que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade, a vida é irracional. (p. 55-56).

Segundo o teórico da Complexidade, “a verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo, do mecanicismo. Sabe que o espírito humano não pode ser onisciente, que a realidade implica mistério” (MORIN, 2011, p. 56), em uma dimensão de abertura e disponibilidade de aprender sempre. E isso leva à necessidade de repensar o próprio pensamento em diferentes dimensões, mas principalmente nas dimensões de base do próprio pensar, ou seja, na subjetividade em um exercício imaginativo mais livre e criativo em que se valoriza a imaginação, a poesia, o mito, a religião; e a na objetividade, em um exercício mais elaborado e organizado pelo sentido epistêmico da lógica, matemática, mecânica e outras áreas do conhecimento.

1.1 Revisão epistemológica da noção de pensamento

Em que consiste o pensamento? O que significa pensar? Como responder a essa pergunta aparentemente simples, mas carregada de diferentes significados?

Rubem Alves (2004), citando Nietzsche diz que o pensamento é marcado pela mudança e dança.

Nietzsche diz que, para se aprender a pensar, é preciso aprender a dançar. O pensamento são as ideias dançando. A analogia é uma dança do pensamento. Pela analogia, o pensamento pula de uma coisa que ele conhece para uma coisa que ele não conhece (ALVES, 2004, p.60).

Nessa dinâmica, do movimento do pensar, é preciso não descuidar da objetividade dos saberes prontos, registrados em livros e na tradição oral de gerações passadas, terra firme em que se ficam os pés em apoio para que as asas da imaginação ganhem força para o exercício do pensar. Mas, “o pensamento é como a águia que só alça voo nos espaços vazios do desconhecido. Pensar é voar sobre o que não se sabe” (ALVES, 2004, p. 58-59) em dimensão paradoxal.

A herança Greco-romana, herdada pelas escolas filosóficas europeias, foi sistematizada a partir de uma visão racional que garantiu estruturação do pensamento nas dimensões ontológicas, gnosiológicas, epistemológicas e axiológicas, problemas filosóficos de caráter global.

A realidade epistemológica, isto é, o olhar profundo sobre a dimensão científica, aponta para a visão geralmente caracterizada a partir de paradigmas e concepções sustentadoras de realidades compreendidas em princípios não contraditórios, tidos como exatos e aceitos universalmente.

A visão científica ocidental é fruto de um processo histórico constituído pela cristalização da visão racional que brota do surgimento do *logos* enquanto razão estabelecida na busca da objetividade por critérios lógico-matemáticos. O conceito de *logos* nasce com os pensadores gregos originais em um salto do imaginário mítico permeado por narrativas cosmogônicas e teogônicas na confluência da religião, arte e política em dimensões, subjetivas e objetivas do pensamento.

Na chamada pré-modernidade, no período medieval, a cultura teocêntrica não cedeu espaço para dúvida e incerteza, quando da busca da união entre fé e razão, na justificativa para os dogmas estabelecidos no seio da religião e estendidos para os interesses das classes dirigentes das sociedades que formavam a Europa.

Com a Renascença, abriu-se espaço para um neo-humanismo, com o advento de uma razão emancipadora que veio colocar o homem no centro do pensamento a partir de sua dimensão racional, favorecendo a construção do projeto de Modernidade tendo como marca a cultura antropocêntrica, em um retorno aos clássicos da antiguidade grega, cultivando-se a livre criação do pensamento para além da interpretação de mundo oficializada pela Igreja e pelo Estado.

Galileu, Copérnico, Bacon, e outros, abriram caminho para o nascimento da Modernidade, da Filosofia Moderna, sistematizada inicialmente no pensamento de René Descartes que propôs, com seu *cogito ergo sum*, uma releitura da própria Filosofia para a construção de uma nova ciência que primasse pela infalibilidade, em um método considerado seguro após passar pela prova da dúvida metódica.

A maior oposição ao sistema cartesiano francês, veio por parte do empirismo inglês. Berkeley, Hume, Locke e outros se manifestaram como defensores de um pensamento epistemológico que, contrário a Descartes, rompeu com a metafísica e com o caráter dedutivo-universal, primando pela indução-particular e pelo conhecimento através dos sentidos na experimentação.

Na Modernidade, uma das tentativas de resolver a dicotomia entre inatistas franceses e empiristas ingleses veio por parte da filosofia alemã, com Immanuel Kant e seu criticismo, ou filosofia transcendental. Realidades que não podem ser provadas ou comprovadas empiricamente, não necessariamente seriam descredenciadas ou negadas pela razão. Kant reconhece a existência do 'númeno', ou seja, a intuição que vem antes da manifestação do ser, a "coisa em si" que só existe para o sujeito transcendental, como fundamento para conhecer o fenômeno na estruturação do mundo e das realidades que dele fazem parte.

Após a 'solução kantiana', a escola alemã continuou seu esforços para adequar a realidade à força da razão, mais forte do que nunca a partir da filosofia das luzes. E coube a Hegel o papel de propor um Idealismo como motor do mundo na dimensão da história movida por uma espécie de espírito absoluto a impulsionar dialeticamente a realidade. A rigidez do pensamento hegeliano teve opositores que se levantaram em inúmeras correntes de pensamento como o existencialismo, o marxismo e o romantismo.

Os movimentos da positivização da razão, ao longo da história ocidental, resultaram no Positivismo. Nele, Augusto Comte, propôs uma superação radical da dimensão mítico-religiosa-metafísica-filosófica do pensamento, em aberta crítica às dimensões que escapassem dos domínios das ciências naturais e exatas.

Augusto Comte tentou propor uma espécie de "física social", fundando a Sociologia como uma ciência que poderia, aos moldes da razão positiva, observar os fenômenos sociais, assim como o cientista natural observava a natureza para extrair dela sua regularidade e prever para prover, assimilando de maneira

funcionalista uma “ordem” a ser respeitada e preservada para alcançar o “progresso” das nações.

Ludwig Feuerbach na Antropologia, Karl Marx na Sociologia, Sigmund Freud na Psicologia e Friedrich Nietzsche em sua crítica à Moral ocidental também se levantaram contra a “ditadura racionalista”, propondo análises a partir de uma dimensão materialista ou corpórea que rompia com o Idealismo clássico.

O movimento de crítica à Razão Instrumental, como a chamou a Escola de Frankfurt, propôs que se levantasse outra razão, a Razão Crítica. Mesmo assim, o esgotamento do projeto racional, a partir da segunda metade do século XX, resultou no que alguns convencionalmente denominaram de pós-modernidade, no sentido de superação do projeto da modernidade, esgotado com todas as barbáries e desastres resultantes do projeto-iluminista-capitalista, verificada nas grandes guerras mundiais, nos regimes totalitários, na fome e na destruição do meio ambiente, ameaçando a vida do planeta.

É a partir das intuições, das vivências comuns, que o ser humano indaga, problematiza e a reflete sobre ele próprio, sobre seus semelhantes. E assim, as diferentes teias/teorias vão sendo tecidas na constituição de estatutos epistemológicos que ganham a marca da universalidade pelo reconhecimento da comunidade científica, quando o pensamento integra e desintegra, por meio da dúvida, da incerteza e da aleatoriedade, em relações dialéticas, dialógicas e complexas.

1.2 O contexto da chamada Pós-modernidade

A pós-modernidade traz para o centro do debate o desafio de conviver em uma sociedade plural, marcada por processos polifônicos e polissêmicos, na tarefa de superação de paradigmas que já não correspondem às exigências de um mundo considerado globalizado e marcado por processos políticos transculturais e transnacionais.

As mudanças em curso vão além da dimensão econômica, criando novas ambiências, novas maneiras de interpretar a realidade, em uma dimensão multimidiática ou de mediatização, geradora da tecnocultura, como Sodré (2010) chama em sua obra “A reinvenção da cultura”. Para ele,

a verdade é que as realidades comunicacionais abrangidas por expressões já clássicas estão sendo rapidamente alteradas pelo advento de novas tecnologias da informação, que fazem proliferar uma comunicação satelitizada, multicoaxial e reticular. Diferentemente do bombardeio de imagens e mensagens pelos monopólios midiáticos tradicionais, o ciberespaço e a realidade virtual oferecem-se como uma espécie de laboratório metafísico, questionador do sentido do real. (2010, p. 7-8).

Desse processo multicultural, participam diferentes sociedades, das mais urbanizadas consideradas desenvolvidas às realidades consideradas da periferia ou do interior, que se hibridizam em dimensões rurais e urbanas, gerando novos contextos e novas experiências sociais.

Qualquer análise feita, na urbanidade e/ou ruralidade, nos dias atuais requer que se leve em conta a dimensão processual e complexa dos meios, mediações e mediatizações. Para Sodré (2010, p. 7), vive-se hoje um processo tecnocultural em que “as imagens estetizantes disseminam-se por toda a parte, sem se definirem mais a partir de uma zona especial a que possamos dar o nome de ‘indústria’, nem a partir de um público dito ‘de massa’”.

A Amazônia, espaço permeado pela diversidade, tem sido também um desses cenários em permanente envolvimento de símbolos e significados múltiplos que se aproximam e se distanciam em um movimento de criação e recriação que aponta para a renovação constante. Síntese da diversidade por natureza, a região formada por diferentes regiões e por povos distintos, também experimenta a diversidade cultural e tecnocultural em um misto de rural e urbano.

Nesse espaço multifacetado, percebe-se a dialética da vida na construção do conhecimento, cultura e história enquanto produções humanas, como lembra Freire:

[...] na medida em que os homens, em sua relação dialética com o mundo, o transformam por meio do seu trabalho, eles são condicionados pelos produtos de sua ação. Assim, ao objetivar o mundo, os homens objetivam a si mesmos, e a cultura surge como alienação ou estranhamento do próprio ser que o cria. Porém, dialeticamente, a alienação original constitui um momento essencial do próprio processo de desalienação. (1971c, p. 110).

Também há processos dialógicos a partir da complexidade de saberes e valores distintos, como pensa Morin (1991), na convergência que interliga comunicação cultura e educação em um entrelaçamento dinâmico permanente.

A tentativa de entendimento dessa relação, que não se dá apenas no âmbito da espontaneidade, mas por meio de estratégias conscientes, seja pelos que são nascidos na Amazônia ou por quem veio de fora, faz-se necessária para a

compreensão do fenômeno humano manifesto na comunicação e educação por meio da cultura.

Pesquisas que levem em consideração processos transmetodológicos e transdisciplinares em diferentes teorias, práticas e práxis na busca da compreensão de realidades, também se impõem e constituem-se como desafios para quem não olha para o local somente a partir da ótica dos que veem de fora, mas principalmente porque ousa olhar para si a partir dos seus e de outros olhares.

Nesse sentido, a presente reflexão analisa a relação entre teoria e prática de uma experiência social na Amazônia paraense entre uma ONG e uma localidade ribeirinha. A ONG conhecida como Projeto Saúde e Alegria – PSA tem buscado articular comunicação, cultura e educação visando ao atendimento básico em saúde de populações que vivem às margens dos rios na Amazônia.

Para realizar a análise e descrever a experiência, este trabalho pauta-se nas ideias sobre comunicação, cultura e educação de Edgar Morin, Paulo Freire e Jesus Martín-Barbero, em perspectivas comunicacionais, culturais, educacionais e filosóficas que apontam para o desafio da convergência de saberes diversos, na busca da integração humana, em uma dinâmica que inclui o repensar o pensamento em dimensões dialéticas, dialógicas e complexas. Esses autores contemporâneos surgem depois da chamada virada linguística do século XIX para o XX, virada esta que, como lembra Chauí (2000), aponta para uma mudança significativa na noção que se tinha de História, Cultura e Linguagem.

A linearidade de uma grande História Universal apontava para a ideia de Progresso, sendo que algumas sociedades eram consideradas evoluídas e civilizadas, enquanto outras eram consideradas inferiores, bárbaras, selvagens. Essa concepção servia para justificar colonialismo e a dominação de povos tidos como superiores sobre inferiores.

A partir do século XX, a concepção passa a ser de uma descontinuidade histórica universal, com o reconhecimento de que cada povo tem sua própria história e concepção de história, sendo que o passado nem é inferior ao presente e nem o futuro será melhor do que o tempo que se vive. O passado, o presente e o futuro têm suas próprias especificidades.

Algo semelhante acontece com a noção que se tinha de cultura. No lugar de uma concepção de uma grande e única Cultura Universal, surge uma nova interpretação que considera as experiências e singularidades de cada povo em sua

expressão cultural. Assim, passa-se de uma única concepção de Cultura, singular e superior, para com a qual todos os povos deveriam se adequar, para uma concepção plural, de diversidade cultural.

No que diz respeito a linguagem, a contemporaneidade, isto é, a segunda metade do século XIX e todo o século XX chegando ao XXI, defronta-se com dimensões polifônicas e polissêmicas, remetendo a análises filosóficas e científicas voltadas para a processualidade dos vários discursos e dos vários sentidos ou interpretações desses discursos. Fenomenologia, Hermenêutica e Semiótica passam a ser consideradas pelas ciências antropológicas, sociológicas e filosóficas como fundamentais para o campo das pesquisas nas ciências humanas e sociais.

A reflexão é sempre desafiadora quando lançada para a construção social humana em diferentes campos. No campo da comunicação, Muniz Sodré (2010) compreende o ser humano no estágio atual como um bios midiático ou bios virtual, profundamente imerso em relações socioculturais integradas pelas novas tecnologias.

Neste contexto, processos globalizados e acelerados marcam diferentes culturas em dimensões complexas e diversas, como lembra Morim (2011), e fazem ainda refletir sobre a necessidade de se integrar processos múltiplos, dialéticos e dialógicos, inter e transdisciplinarmente.

Assim, analisar processos convergentes em campos abertos como Educação, Cultura e Comunicação, aponta para a necessidade de aprofundamento desses conceitos em sua dimensão ontológica, gnosiológica, epistemológica e axiológica, dentro do universo de pensamento humano.

Como aponta o pensamento de Freire (1983), o ser humano se situa nesses processos a partir da consciência sobre si e sobre o mundo por meio do reconhecimento da historização da própria cultura. Daí o questionamento de base da pesquisa aqui empreendida: em Suruacá na sua relação com o Projeto Saúde e Alegria, como se dá o processo comunicativo e educativo dessa experiência social a partir dos novos processos desencadeados?

Conceituar comunicação, cultura e educação, é uma exigência que se faz na ordem da definição do que uma determinada coisa é, ou seja, em sua natureza ontológica. E essa ordem da ontologia, na tradição do pensamento ocidental, origina-se de uma ruptura com a dimensão imagética, intuitiva, mítica, no exercício da imaginação que se expressava por meio da religião e da arte, na relação entre

natureza e divindade, nas narrativas cosmogônicas e teogônicas no contexto grego, ainda no período chamado de homérico, ou na penumbra da pré-história quando a linguagem gestual e oral predominava.

O tempo mítico, em um contexto predominantemente rural, antes mesmo da fundação das cidades gregas e da urbanidade, deu-se durante quase um milênio. Depois disso, o surgimento do pensamento filosófico, pautado no logos e na chamada racionalidade lógica, rompeu com o tempo dos poetas e daqueles que cultivam a arte, a intuição, a crença, a fantasia e o lúdico como possibilidade de sentido para o tempo e para a eternidade.

Passa-se da intuição para a comprovação lógico-racional separada do mito. E o conhecimento passou a ter um sentido de definição do ser, estudo sobre o ser, sistematização do ser e de busca de vivência a partir de crenças que pudessem ser comprovadas pela razão em uma operação mental sobre um determinado ser conceituado, sendo este um ente abstrato ou concreto.

A dimensão ontológica é a dimensão que possibilita refletir, pensar, estudar e conceituar o ser de todos os entes existentes. E é a partir dessa dimensão que se pensa o conhecimento, a dimensão gnosiológica do saber para aprofundar o conhecer sobre o conhecer, relacionando ser e conhecer, aplicando-os na teoria e na prática.

Assim sendo, a visão de ciência e de conhecimento que se herdou no ocidente, resulta enquanto episteme que se pauta no *ontos*, ou seja, no ser. Daí que definir algo epistemologicamente depende de sua definição ontológica, a partir das regras estabelecidas pelo discurso científico.

Todavia, a realidade não se limita ao aspecto científico e nem o discurso da verdade pode ficar limitado a essa esfera. Os desafios da contemporaneidade implicam em estar e não estar na ordem da ciência positivizada. Daí que é preciso saber de que lugar se fala e para quem se fala, e ainda de que ciência se fala, sem renunciar às exigências epistemológicas, mas indo além delas para outras dimensões, como a da intuição e do imaginário, que muitas vezes foram expurgadas do discurso hegemônico cientificista.

O conhecimento sobre o *ser*, sobre o *conhecer* e sobre a *ciência* remete-nos ao compromisso vivencial que se faz na dimensão axiológica, ou seja, ao conhecimento do valor, do sentido intuído, refletido e aprofundado do compromisso ético em diferentes vivências manifestadas no cotidiano da vida e não somente em

conceitos fixos, cristalizados e universalizados. E é Edgar Morin que também fará a denúncia de estruturas científicas presas em um dogmatismo logicizado que procura negar o caos, o disperso, o aleatório, os sonhos desconexos e os desejos intuídos que parecem não ter ordem ou razão matematizável, previsível, em estrutura mecanicista em círculos fechados.

Em uma sociedade contemporânea cheia de culturas, em discursos que se encontram e desencontram-se em vários processos de linguagens, da oralidade, escrita e imagem, busca-se entender o complexo, com os passos em um caminho não pronto, mas que vai se fazendo ao longo da jornada de construção do conhecimento.

1.3 Edgar Morin e os desafios da complexidade do pensar

A Teoria da Complexidade proposta por Morin (1991) é construída na tecitura da unidade na diversidade. É uma espécie de amplexo, ou seja, abraço das diferenças que se encontram sem negar as próprias diferenças, mas buscando a integração permanente. Para ele, com as mudanças que ocorreram no século XX, a maior urgência no campo das ideias não é rever doutrinas e métodos, mas elaborar uma nova concepção do próprio conhecimento que contemple várias dimensões da vivência humana.

No lugar da especialização, da simplificação e da fragmentação de saberes, Morin (1998) propõe o conceito de complexidade como ideia-chave do livro *O Método*, obra principal deste filósofo e sociólogo, publicada em seis volumes, a partir de 1977.

O pensamento complexo tem como fundamento formulações que surgiram no campo das ciências exatas e naturais, como as teorias da informação e dos sistemas e a cibernética, que evidenciaram a necessidade de superar as fronteiras entre as disciplinas, considerando a incerteza e as contradições como parte da vida e da condição humana e, ao mesmo tempo, sugerindo a solidariedade e a ética como caminho para a religação dos seres e dos saberes.

Ao falar do Renascimento, considerado por muitos como um marco divisório entre antiguidade e modernidade, Morin não deixa de criticar os limites da razão utilizada na dissolução da complexidade. “O Renascimento, que provocou a ressurreição de uma filosofia não mais serva da religião, restabeleceu o tema da

autonomia da razão, oriunda dos gregos, e permitiu o desenvolvimento da ciência sobre bases empírico-rationais com Galileu, Descartes, Bacon” (MORIN, 2011, p. 33-34). Mas diz que o racionalismo promove um tipo de conhecimento que não consegue abarcar a complexidade. “Esse desenvolvimento da ciência permite conhecer, embora separando os objetos do conhecimento uns dos outros e separando-os do sujeito conhecedor, em resumo, dissolvendo a complexidade” (MORIN, 2011, p. 33-34).

Assim, o pensamento racionalista construiu um modelo epistemológico, explicativo, baseado na lógica matemática e mecânica, quantificando a realidade, fragmentando o saber na tentativa do esgotamento de uma dimensão subjetiva voltada para os mitos e religião. “A razão crítica vai criticar os mitos, as religiões, de uma forma que eu qualificaria de míope, porque ela não percebeu o conteúdo humano dos mitos e da religião” (MORIN, 2011, p. 34).

Os excessos da logicização do pensamento no cartesianismo inviabilizam uma relação dialógica entre as dimensões objetiva e subjetiva do pensamento. Morin (2011) propõe uma revisão do próprio pensamento, pois é preciso tomar consciência das ‘patologias da razão’ instrumental, sendo necessário “ultrapassar a ideia de razão pura, pois não há racionalidade sem afetividade. É preciso uma dialógica entre racionalidade e afetividade, uma razão mestiçada pela afetividade, uma racionalidade aberta” (p. 42).

Em *Introdução ao pensamento complexo* (MORIN, 1991), resgata o conceito de paradigma para além da simplificação tradicional de modelo de pensamento e o caracteriza semântica, lógica e ideologicamente. Semânticamente, determina a inteligibilidade e dá sentido ao que é apresentado no, pelo e para o pensamento. Logicamente, determina as operações lógicas centrais. Ideologicamente, é o princípio primeiro de associação, eliminação, seleção que determina as condições de organização das ideias. E, é em virtude desse triplo sentido gerativo e organizacional, que o paradigma orienta, governa a organização dos raciocínios individuais e dos sistemas de ideias que lhe obedecem.

A problemática epistemológica baseia-se nas noções de pluralidade e complexidade dos sistemas físicos, biológicos, antropológicos e sociológicos, cuja compreensão requer o paradigma da complexidade que é fundado numa outra razão – a razão aberta – evolutiva, residual, complexa e dialógica. A razão é evolutiva, porque progride por mutações e reorganizações profundas.

Pelo poder que tem de ser transubjetivo, o paradigma da complexidade, ao mesmo tempo em que controla a lógica que o controla, por um princípio de coesão-coerência, em uma teia de complexidades que dinamicamente supera as previsões deterministas, pois, “precisamos de uma racionalidade complexa que enfrente as contradições e a incerteza sem asfixiá-las ou desintegrá-las. Isso implica uma revolução epistemológica, uma revolução no conhecimento” (MORIN, 2011, p. 42-43), repudiando uma inteligência cega que não consegue ver além de fragmentos.

Na dimensão da epistemologia da complexidade, o pensamento indica que tudo se liga a tudo numa rede relacional e interdependente. Nada está isolado no *cosmos*, mas sempre está em relação. Por isso, há necessidade de restaurar o pensamento em vista da globalidade: “A reforma do pensamento é um problema antropológico e histórico-chave. Jamais na história da humanidade as responsabilidades do pensamento e da cultura foram tão opressivas” (MORIN, 2011, p. 42-43).

Para Morim (2011), umas das grandes necessidades do mundo contemporâneo é a reforma do pensamento, na busca de superação das dicotomias criadas em torno de diferentes interpretações do mundo e seus sentidos.

1.4 Paulo Freire e sua relação com a comunicação e a cultura

O pensamento de Paulo Freire, em sua trajetória na segunda metade do século XX, contribuiu para a formulação de um modelo de comunicação horizontal e democrático mesmo não sendo considerado um teórico da área da comunicação, mas um professor pensador que refletiu em sua prática as ideias de filósofos e teóricos de diferentes campos.

Em seu livro *Extensão e Comunicação?*, Freire (1983) faz uma crítica ao modelo “extensionista” que ele entendia como um modelo de persuasão por meio da propaganda para dominar os trabalhadores rurais. “Não vemos como se possa conciliar a persuasão para a aceitação da propaganda com a educação, que só é verdadeira quando encarna a busca permanente que fazem os homens, uns com os outros, ser mais” (p.14). Para Freire, a persuasão e a extensão, no sentido de dominação do outro, de negação da autonomia do outro, são termos que jamais poderão ser conciliáveis com o termo educação, entendida como prática da Liberdade.

Em um contexto de luta pela reforma agrária, em um país de dimensões continentais e com um povo a quem foi negado o direito de ter terra para plantar, colher e viver, Freire denuncia programas que se utilizam da comunicação e da educação para enganar o ser humano. Denuncia a distorção conceitual de comunicação e educação e busca o sentido etimológico, semântico e mesmo ontológico dos termos. Para ele “Nem aos camponeses, nem a ninguém, se persuade ou se submete à força mítica da propaganda, quando se tem uma opção libertadora”, pois, o “educador se recusa à ‘domesticação’ dos homens, sua tarefa corresponde ao conceito de *comunicação*, não ao de *extensão*” (FREIRE, 1983, p. 14).

As propostas de Freire partem do princípio de que a comunicação transforma os seres humanos em sujeitos. Assim, a educação é construção compartilhada de conhecimentos, um processo de comunicação através de relações dialéticas e paradoxalmente dialógicas. A educação, como prática da liberdade é, sobretudo, uma situação de conhecimento que não termina no objeto estudado, já que ela se dá na processualidade do diálogo com outros sujeitos também abertos ao conhecimento.

Só se comunica o inteligível na medida em que este é comunicável. Esta é a razão pela qual, enquanto a significação não for compreensível para um dos sujeitos, não é possível a compreensão do significado à qual um deles já chegou e que, não obstante, não foi apreendida pelo outro na expressão do primeiro. Vê-se assim que a busca do conhecimento que se reduz à pura relação do sujeito cognoscente - objeto cognoscível, rompendo a “estrutura dialógica” do conhecimento, está equivocada, por maior que seja sua tradição. Equivocada também está a concepção de que o fazer educativo é um ato de transmissão ou se extensão sistemática de um saber. [...] A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (FREIRE, 1983, p. 46)

Esse entendimento dá-se em um espaço contextualizado no cotidiano da vida, das relações concretas do mundo do trabalho e da cultura, mundo entendido como produção humana. É neste espaço que Freire aplica a dialética na história concreta, buscando alfabetizar a partir do imaginário trabalhadores encerrados em situações de opressão, dialogando com os mesmos e possibilitando a eles o diálogo entre si e com o mundo.

Da percepção crítica e da dialética, Freire, como educador cristão, busca um processo interativo de criação entre sujeitos. Em seu pensamento, essa ação

necessita estar baseada numa relação de diálogo que, como processo significativo, compartilhado, constitui a estrutura fundamental e o campo da educação que é a criação da cultura como produto humano.

No entendimento da educação como processo dialético e dialógico, Freire percebe a comunicação em uma dimensão política, geradora de reflexão, de consciência crítica e de transformação da realidade que possui o diálogo. Para ele, o diálogo não é possível sem um compromisso com seu processo, ou seja, o diálogo faz-se dialogando, desenvolvendo a capacidade de ouvir e de falar, garantindo principalmente, por uma atitude ética, o direito de vez e de voz a todas as pessoas.

O caráter problematizador do diálogo em torno das situações ou conteúdos concretos, existenciais, implica um retorno crítico à ação transformadora, a um constante repensar a prática, transformada em práxis, em reflexão-ação, duas dimensões necessárias da essência da comunicação, mediadas pela palavra ou linguagem-pensamento.

Com relação ao campo cultural, a proposta freiriana de “ação cultural libertadora” é o desafio fundamental para os oprimidos da América Latina. Essa ação consiste em lutar pela garantia do direito à voz no contexto global, direito de pronunciar sua palavra, direito de autoexpressão e expressão do mundo, de participar do processo histórico da sociedade, no compromisso em associações de bairros, comunidades eclesiais de base, sindicatos e outras instituições que assumem a luta dos menos favorecidos.

Ainda hoje, muitos educadores buscam pautar-se em suas ideias para construir uma sociedade mais justa e igualitária na consideração das diferenças e na construção de uma pedagogia da liberdade e libertadora, na perspectiva de construção da autonomia.

Paulo Freire (1983), quando propõe o conceito de Comunicação como diálogo e não como mera transmissão de informações, reconhece que o processo comunicacional e educacional só se dá por meio do diálogo. Para o pensador brasileiro que teoriza a partir da visão dos oprimidos em sua dialética com o opressor, a dialética pode levar à dialogicidade quando se reconhecem as diferenças e se busca a superação das desigualdades por meio da construção da educação, comunicação, cultura e histórica em dimensão dinâmica e processual, no conceber e fazer conhecimento.

Comunicação [é] a coparticipação dos Sujeitos no ato de conhecer [...], [ela] implica numa reciprocidade que não pode ser rompida [...], comunicação é diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de Sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (1983, p.46-47).

A partir das ideias de Paulo Freire, há possibilidade da relação e interconexão de saberes que fazem com que comunicação, cultura e educação sejam compreendidas como dimensões fundamentais da construção do conhecimento, em contextos em que dialética e dialogicidade também se distinguem, mas se encontram e se complementam.

1.5 Jesús Martín-Barbero e as mediações culturais

Em suas reflexões sobre as mediações, Jesús Martín-Barbero (2006) propõe que se desloque o foco de análise da comunicação dos meios para as mediações, ou seja, para as articulações entre práticas de comunicação, movimentos sociais, diferentes temporalidades e pluralidades de matrizes culturais.

Ele investiga o papel que os meios massivos exerceram nas diversas fases de modernização da América Latina, testemunhando um quadro de transformações sociais, econômicas e políticas, que irrompia a partir das décadas de trinta e de cinquenta do século XX. Além disso, deparou-se com as reduções praticadas e não alegadas pelas maneiras através das quais a comunicação recebeu tratamento teórico nessa região.

O deslocamento teórico metodológico, proposto por Martín-Barbero, está ligado ao fato de que a história dos meios de comunicação vinha sendo escrita em termos da estrutura econômica ou do conteúdo ideológico dos meios, não levando em conta o estudo “das mediações através das quais os meios adquiriram materialidade institucional e densidade cultural”. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 228).

Para ele, é preciso levar em conta o espaço cultural, focalizando o lugar onde se articula o sentido que os processos econômicos e políticos têm para os diferentes grupos sociais, superando a visão voltada para os processos de emissão dos grandes grupos economicamente e ideologicamente dominantes.

No artigo *Desafios culturais da comunicação à educação*, publicado no Brasil na Revista Comunicação & Educação, em meados do ano 2000, Martín-Barbero expõem sua preocupação em relação à falta de compreensão na elaboração de

políticas culturais na Colômbia e de como o campo da comunicação pode atuar frente aos desafios que a Educação precisa enfrentar para a formação de cidadãos livres e capazes de agir de forma autônoma na sociedade.

A crítica revela o anacronismo do sistema educacional colombiano que pensa que o que acontece na cultura e na mídia são assuntos de outros, enquanto “tudo isso passa pela necessidade de que o ecossistema comunicacional se articule e se organize com as dinâmicas da cultura e da educação” (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 52).

Martín-Barbero diz que se um país realmente quiser prestar um serviço verdadeiro a seu povo, tem de promover um encontro da Educação com o país. E esse encontro vai além de introduzir novas tecnologias da comunicação e informação na escola ou em sala de aula ou mesmo de introduzir cultura e educação nesses meios. É preciso reconhecer que “O modelo predominante é vertical, autoritário na relação professor-aluno e linearmente sequencial no aprendizado. Introduzir, nesse modelo, meios e tecnologias modernizantes é reforçar ainda mais os obstáculos que a escola tem para se inserir na complexa e desconcertante realidade de nossa sociedade” (MARTÍN-BARBERO, op. cit).

É imprescindível reconhecer o surgimento de um ecossistema comunicativo; algo tão vital como o ecossistema verde, ambiental. “Trata-se de uma experiência cultural nova, ou, como chamou Walter Benjamin, um *sensorium* novo. Novos modos de perceber e de sentir; uma nova sensibilidade que, em muitos aspectos, se choca e rompe com o *sensorium* dos adultos” (MARTÍN-BARBERO, op. cit.).

Um exemplo dessas mudanças e de sua capacidade de distanciar os jovens dos conceitos de seus próprios pais está na velocidade e na sonoridade; não só dos automóveis, mas também nas imagens dos vídeos-game, do discurso televisivo, na publicidade e relatos audiovisuais, na maneira como os jovens se movem entre as novas sonoridades. Articulações, multimisturas ou batidas fortes que para os jovens é o início de sua experiência musical.

A outra dinâmica é aquela ligada ao âmbito dos grandes meios, mas os ultrapassa. Sua concretização se dá com o surgimento de um ambiente educacional difuso e descentrado, no qual todos estão imersos. Um ambiente de informação e de conhecimentos múltiplos, em que há continuidade e descontinuidade, aspectos desconexos e complexos, como percebe Morin.

Essa nova ambiência é diferente do modelo de sistema educativo que rege o mundo atualmente. É como se a escola fosse de encontro à sociedade em sua nova configuração e não estivesse dando conta de cumprir com o protagonismo formador, junto a crianças, jovens e adultos, descentralizando e articulando saberes na promoção do ser humano por meio da cultura.

Para Martín-Barbero, esse modelo “tem muito claro seus dois centros: a escola e o livro”, uma herança histórica a ser superada. “Dos mosteiros medievais às escolas de hoje, o saber conservou esse duplo caráter de ser, ao mesmo tempo, centralizado e personificado em figuras sociais determinadas” (MARTÍN-BARBERO, op. cit).

Com a descentralização do saber das autoridades religiosas medievais, a interpretação dos códigos de leitura se ampliou. Assim, o saber passou radicalmente por uma transformação, “uma das mais profundas transformações que pode sofrer uma sociedade [...] o saber é disperso e fragmentado e pode circular fora dos lugares sagrados nos quais antes estava circunscrito” (MARTÍN-BARBERO, op. cit. p. 55).

A escola ainda não é um espaço para a autodeterminação, um lugar para aprender a conviver e a harmonizar. É claro que, a partir das reflexões de Rousseau, Piaget, Gramsci, Martín-Barbero, Paulo Freire e outros, muita coisa já mudou no campo educacional, mas muito ainda se está por fazer.

É preciso romper com a visão instrumental de aparelhamento da escola com ferramentas de comunicação para auxiliar o professor no ensino, pois é como se fosse “usar os meios televisivos para que mais gente possa estudar, porém estudar sempre a mesma coisa, ou seja, permitir, por exemplo, que os alunos vejam uma ameba numa tela gigantesca” (MARTÍN-BARBERO, op. cit. p. 56).

Nessa perspectiva, perpetua-se uma concepção de comunicação e educação incapaz de enfrentar os desafios atuais que o ecossistema comunicativo apresenta ao sistema educativo, quando apresenta uma nova cultura, outro modo de ver e ler, de aprender e de conhecer.

Isso implica pensar em um sistema educacional com um cidadão que não só sabe ler livros, mas também ver TV e ler hipertextos informáticos, articulando saberes com sua própria vivência. “O cidadão de hoje pede ao sistema educativo que o capacite a ter acesso à multiplicidade de escritas, linguagens e discursos nos

quais se produzem as decisões que o afetam, seja no campo de trabalho como no âmbito familiar, político e econômico” (MARTÍN-BARBERO, op. cit. p. 58).

O autor lembra ainda que a universidade, o sistema educacional, precisa alterar sua forma de relacionamento com o conhecimento em sua configuração contemporânea e com o conjunto da sociedade globalizada e tecnologizada para entender a centralidade dos processos de comunicação – o ecossistema comunicativo – em uma perspectiva cidadã e democrática.

Martín-Barbero quando propõe que o olhar desloque-se dos meios para as mediações, reconhece na comunicação, na cultura e na própria educação também processos dinâmicos e em permanente transformação.

Vinha eu da filosofia e, pelos caminhos da linguagem, me deparei com a aventura da comunicação. E da heideggeriana morada do ser fui parar com meus ossos na choça-favela dos homens, feita de pau-a-pique, mas com transmissores de rádio e antenas de televisão. Desde então trabalho aqui, no campo da mediação de massa, de seus dispositivos de produção e seus rituais de consumo, seus aparatos tecnológicos e suas encenações espetaculares, seus códigos de montagem, de percepção e reconhecimento. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.15).

Assim, Martín-Barbero articula saberes e vive a dinâmica da cultura como processualidade em diferentes dimensões com diferentes experiências. No espaço e no fazer cultural, comunicação e educação se encontram, de maneira também dinâmica e processual na experiência da vida, no cotidiano de quem não apenas recebe os produtos dos meios de comunicação social, mas os reconfigura a partir de sensibilidades próprias, experiências únicas, trocas simbólicas imbricadas com o viver e o fazer de cada um.

1.6 Articulando saberes

A partir das ideias de Edgar Morin, Paulo Freire e Jesús Martín-Barbero, percebem-se processos comunicacionais, educacionais e culturais não só dialéticos, mas também dialógicos e complexos. Neles, a consideração da unidade na diversidade, na valorização dos processos culturais como construtores da história, é fundamental para a construção da autonomia do sujeito.

A convergência entre comunicação, cultura e educação, na construção de novos saberes, em experiências e vivências subjetivas, na busca do sentido que a vida e a história têm para cada ser humano, passa por uma necessidade de

repensar o próprio pensamento em uma perspectiva de reforma ou renovação de suas estruturas.

A construção do campo da comunicação passa pela necessidade de uma séria revisão epistemológica e na superação de dicotomias no campo do conhecimento, considerando aspectos que vão além da objetividade científica sem descuidar de referências epistemológicas e diferentes paradigmas construídos historicamente.

Assim, a dimensão indispensável da objetividade pode ser associada a aspectos subjetivos que incluem desejos, emoções, medos, fantasias, intuições, mitos e religiosidades na busca da transcendentalidade que dá sentido a mundanidade, na perspectiva da reunião que se percebe no pensamento de Freire (1996) que reúne ideal cristão, materialismo histórico e esperança.

Essa articulação se dá quando se reconhece a importância da relação e integração do pensamento, em uma perspectiva que considera a unidade na diversidade, no exercício filosófico, ou seja, do pensamento em diferentes contextos, em novos paradigmas interpretativos a partir da complexidade em dimensão transdisciplinar que considera o todo e as partes.

No próximo capítulo, essa experiência de convergência de saberes é analisada a partir do contexto amazônico, quando se traça um panorama da região, seu sentido histórico, político e cultural. A pesquisa leva em consideração a presença de organizações não governamentais em espaços não urbanos na Amazônia brasileira, principalmente nas comunidades ribeirinhas do rio Tapajós no oeste paraense, sendo o objeto de estudo a convergência de saberes na relação entre teoria e prática entre a Organização Não Governamental Projeto Saúde e Alegria (ONG-PSA) e os moradores da localidade de Suruacá.

COMUNICAÇÃO, CULTURA E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA

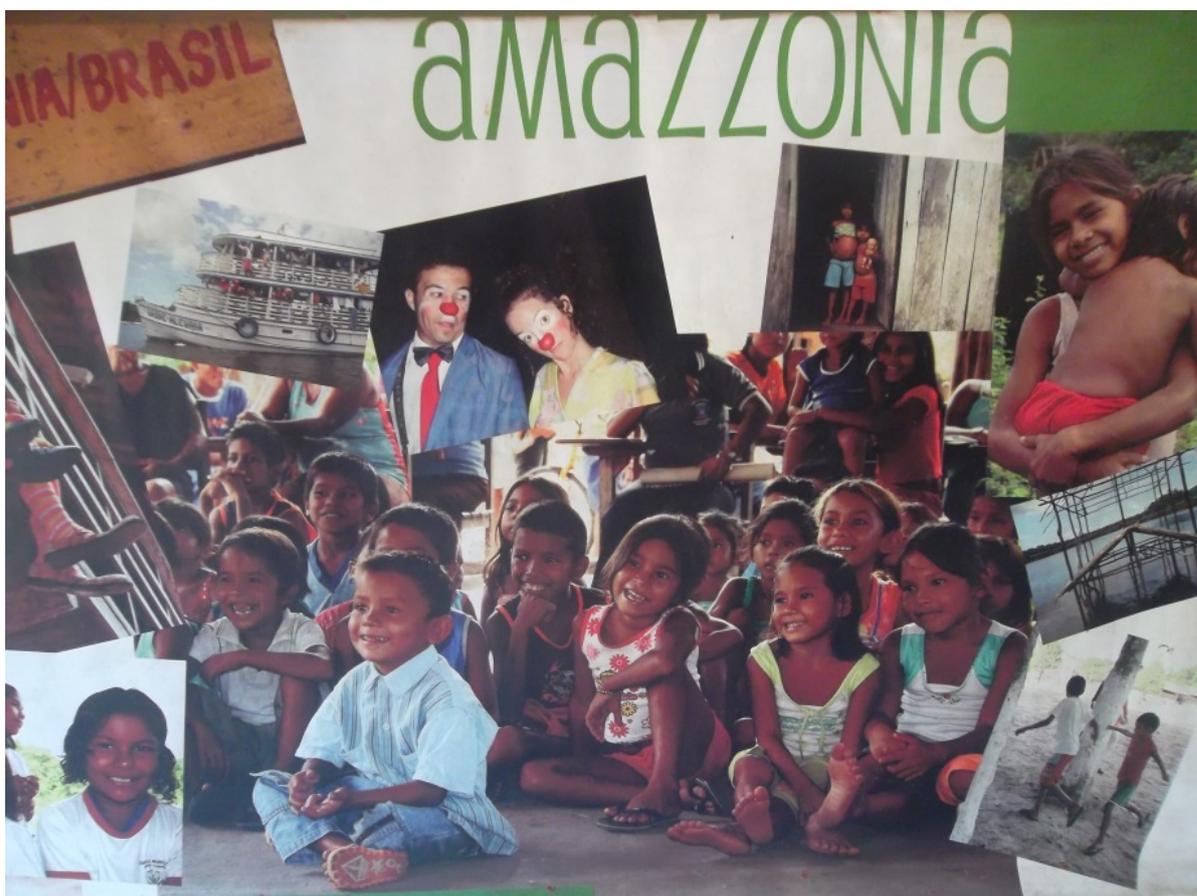


Foto: Projeto Saúde e Alegria

2 A CONVERGÊNCIA ENTRE COMUNICAÇÃO, CULTURA E EDUCAÇÃO EM UMA EXPERIÊNCIA SOCIAL NA AMAZÔNIA

O presente trabalho move-se na dinâmica das interfaces entre comunicação, cultura e educação, na perspectiva da análise de uma experiência social dessa natureza no interior da Amazônia brasileira. Trata-se do Projeto Saúde e Alegria – PSA, Organização Não Governamental que atua há 25 anos junto às populações ribeirinhas¹ na região Oeste do Estado do Pará, desenvolvendo estratégias que visam promover a saúde e a qualidade de vida das populações tradicionais.

Quatro municípios da região² são beneficiados pelo Projeto. Cerca de 30 mil pessoas são atendidas em 150 localidades às margens de rios e lagos em áreas de conservação como florestas e reservas extrativistas. Crianças, jovens, adultos e idosos participam direta ou indiretamente de estratégias comunicacionais e educacionais em cinco programas com ações de desenvolvimento territorial, saúde comunitária, empreendimentos sustentáveis, comunicação e educação³.

De acordo com o jornalista, professor e pesquisador da Universidade Federal do Pará – UFPA, Dr. Manuel Dutra⁴, a Amazônia é cheia de organizações não governamentais. Algumas são da região e outras de fora, sendo que quase todas têm algum enlace com outras entidades nacionais e/ou estrangeiras. Em entrevista

¹ Moradores que vivem em localidades constituídas às margens dos rios na Amazônia.

² Aveiro, Belterra, Juruti e Santarém.

³ Informações no site da organização www.saudeealegria.org.br

⁴ Pesquisador tapajoara nascido na Vila de Boim, no Pará, pertencente ao município de Santarém. Com mais de três décadas militância na imprensa, Manuel José Sena Dutra é graduado em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) (1968/1962); a partir de 1994, tornou-se especialista em Educação Ambiental pelo Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará (NUMA/UFPA), e, em 1997, mestre em Planejamento do Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, pela Universidade Federal do Pará (UFPA) (1995/97). No período de 1999 a 2003 cursou doutorado em Ciências Socioambientais, pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará, com disciplinas cursadas em programa interinstitucional com a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom) e estágio doutoral no Centro de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo (RS). É autor, entre outros, dos livros *O Pará dividido: discurso e construção do estado do Tapajós* e *A natureza da mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade e os povos da floresta*. Pela atuação no jornalismo recebeu os seguintes prêmios e títulos: em 1988, Prêmio Esso de Jornalismo Região Norte, Esso Brasileira de Petróleo, com a matéria *Poluição: tristeza e morte nos descaminhos do ouro*, publicada pelo jornal O Liberal (Belém); 1989, Honra ao Mérito, Sociedade de Preservação dos Recursos Naturais e Culturais da Amazônia; dois prêmios em 1990, o Prêmio Esso de Jornalismo Região Norte, Esso Brasileira de Petróleo com a reportagem *Japoneses comprovam: mercúrio está matando índios e garimpeiros*, pelo O Liberal (Belém) e o Honra ao Mérito, Câmara Municipal de Santarém (PA); mais um Esso em 1994, Prêmio Esso de Jornalismo Região Norte, Esso Brasileira de Petróleo, com a matéria *Vida e água se misturam na várzea*, também pelo jornal O Liberal de Belém; em 1999, venceu o Concurso Dissertações de Mestrado, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (UFPA).

para a presente pesquisa, Dutra afirma que a ação das ONGs é bem vinda no momento em que as pessoas que compõem essas organizações sejam realmente comprometidas com aquilo que elas prometem realizar. Para ele, além da preocupação com o meio ambiente natural, poderia ter mais ONGs também preocupadas com o meio ambiente humano, haja vista no caso da região amazônica, a realidade não ser como muitos de foram pensam apenas de áreas rurais. A Amazônia é urbanizada e tem muitos desafios. Dutra diz que

a Amazônia é hoje uma região urbanizada. 70% ou 75%, quem sabe até um pouco mais da população da Amazônia hoje vive em cidades. E há uma concentração muito grande dos objetivos das organizações não governamentais na questão do desmatamento, questão das hidroelétricas, defesa dos povos indígenas, quer dizer, temáticas a princípio justas, corretas, mas a Amazônia tem um meio ambiente humano urbano muito grande necessitando de cuidados e atenções especiais, inclusive com relação à arborização. Por exemplo, Belém e Manaus são duas cidades que no seu porte são das mais desarborizadas do Brasil. Então isso é uma questão urbana (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Antes, porém, da reflexão sobre a presença das organizações não governamentais no contexto amazônico, é interessante analisar a complexidade do próprio contexto, conhecer a história da Amazônia, analisar a história local, relacionando-a aos acontecimentos globais.

Para Manuel Dutra, o conceito de Amazônia nasceu a partir da inserção dessa imensa região, que não se chamava Amazônia, no mundo global do século XVII para cá. Ele lembra que a Amazônia está inserida nas grandes discussões, nos grandes interesses internacionais, e ressalta que

a Amazônia é uma região periférica e a periferia é parte de um centro. Não existe centro sem periferia e a Amazônia é uma periferia de extrema importância para o capitalismo mundial. Em um primeiro momento, importante para a expansão mercantilista quando os bens naturais e minerais começaram a se transformar em mercadoria, passando a integrar o todo global. E se é uma região que é tão importante para o mundo inteiro é necessário que as discussões ou as pesquisas extrapolem apenas os enlances locais e regionais, para perceber as articulações das mega ONGs multinacionais que estão aí também, buscando perceber qual é a forma dessa relação (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Um olhar mais aprofundado para a Amazônia, a partir das contradições de sua própria história e dos diferentes processos que esta região plural e complexa em seu constructo ideológico tem, permitirá desconstruir o olhar do colonizador e de

outros povos que de fora a veem como um mundo desconhecido, quase deserto e até mítico. A desmitificação e a desmistificação passam pela problematização a partir da concretude dos problemas desta região formada por várias regiões, vários povos e vários contextos culturais.

Na opinião de Manuel Dutra, o conceito de Amazônia nasceu com a colonização. Antes o que havia era uma região cheia de imensas florestas e rios onde centenas de povos viviam sua vida. Eles estavam numa fase pré-formação do Estado, mas já possuíam organização. Dutra diz que

alguns grupos, os próprios Tapajós e os Muras, segundo o pesquisador norte-americano Robert Carneiro, afirmam que antes da colonização alguns grupos já estavam no princípio de formação de um estado como se entende na Modernidade, de território, de organização. Por exemplo, os Tapajó tinham um grande cacique que seria o Nurandaluguaburabara, no médio Tapajós na altura da Vila de Boim. Não era um grande governante, mas era uma figura que viria a ser mais tarde talvez um rei ou um imperador de diversas outras nações territorialmente constituídas. (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Com relação ao nome Amazônia, assim entende o jornalista e pesquisador Manuel Dutra:

A questão do nome Amazônia surgiu a partir de uma lenda inspirada na mitologia grega e da invenção de uma fantasia das mulheres que andavam de cavalos, as Amazonas, que os próprios cronistas dizem nunca ninguém viu essas mulheres, no entanto elas existem. E o mito ganha vida e se assenta na história (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Então a Amazônia, conceitualmente conhecida como região, passou a existir a partir do processo colonizador, inclusive aos poucos, porque segundo Dutra

O conceito de Amazônia é recente, ele é da segunda metade do século XIX quando representantes parlamentares do Grão Pará começaram a usar essa terminologia no parlamento imperial, inclusive levantando críticas de outras regiões perguntavam que país era esse. O que havia antes era chamado de vale do rio Amazonas ou região Norte (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Para o professor Dutra, a Amazônia brasileira se compõe de unidades políticas, ou seja, de estados da região Norte que é parte do país. Enquanto região em si é uma construção histórica. Ele afirma que não existem regiões naturais, existem regiões politicamente construídas. E, enquanto região a Amazônia é uma pluralidade. É uma pluralidade pelo próprio aspecto físico. Nela há floresta densa,

mata fina, capoeirões, florestas semidecíduas, que em determinada época do ano elas desfolham. Na região amazônica há mata de igapó, campos gerais, pedras e montanhas pedregosas. Há ainda na Amazônia, segundo relata Manuel Dutra, áreas em que se olha para um lado e para outro e não se veem a vegetação e sim um tipo de savana com árvores de três, quatro metros de altura, finas e espaças, somente um campo cheio de pedras e montanhas pedregosas. Para ele,

a Amazônia não é uma imensa floresta como Humboldt viu e chamou de Hileia, como se fosse uma imensa floresta densa. Tem tantos tipos de Amazônia. Não precisa nem ir longe, se você pegar um carro em Santarém do Pará e subir a rodovia Santarém-Cuiabá você vai encontrar em alguns locais, em certas épocas do ano, pessoas andando quilômetros a procura de água em lombos de burro, em tratores, como se estivessem em uma região árida. Se mostrar uma fotografia dessa realidade lá fora dizendo que isso é na Amazônia, as pessoas vão achar muito estranho, porque o imaginário indica o contrário, diz que é muita água e muita floresta. Claro que tem muita água e muita floresta, mas não é só. (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Dutra lembra ainda que é inclusive na Amazônia que está o ponto mais alto do Brasil que é o Pico da Bandeira. Portanto, problematiza-se quando se questiona o fato de que sempre se disse que a Amazônia seria uma região homogênea e que seria uma planície alagada, por exemplo. “É claro que existem determinados locais em que existem planícies alagadas, mas a Amazônia é muito diversa, ela não é uma planície” (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013), ressalta o professor que ainda relata suas andanças que resultaram em grandes reportagens, destacando que “basta andar na Transamazônica e ver o relevo bastante acentuado, com grandes áreas onduladas que não são montanhas, mas são serras” (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013). E, assim como há diversidade de recursos naturais, também há diversidade de povos e culturas nos diferentes contextos da Amazônia.

2.1 Os povos da Amazônia

Assim como há diversidade em dimensões naturais como visto acima, a Amazônia é espaço de diversidade étnica e cultural, tanto dos povos que habitam primitivamente a região, quanto dos povos que nela chegaram. Esse processo de diversificação e de encontro e desencontro de povos não se dá apenas na dimensão

dialógica, mas principalmente dialética, isto é, contraditória, quando se olha para o contexto global de ocupação da Amazônia.

O jornalista Manuel Dutra entende que todo processo de dominação tenta transformar em discurso, em realidade, determinados conceitos que facilitem o processo de dominação. Para ele, por exemplo, “os europeus, espanhóis e portugueses, inventaram o índio” (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013). E é preciso entender historicamente que a Amazônia foi construída ideologicamente a partir de interesses colonialistas. Para aqueles que pensam a história amazônica como a história de um vazio populacional, Dutra lembra que “em 1637 quando Cristovam de Acunha desceu de Quito até Belém ele contou 150 nações com suas línguas e culturas, somente na calha do rio Amazonas, pois não adentrou na região” (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013). Segundo o professor Dutra,

a visão primeira do europeu é foi uma visão de dentro do navio para as margens dos rios. Eles não penetraram na mata, não penetraram nos afluentes como o Xingu, onde muitos povos habitam e habitavam o local. Os mundurucus só foram encontrados muito mais tarde, o que eles viram foram os Tapajó que estavam aqui na beira do rio Amazonas. Então Cristovam de Acunha contou só na beira 150 povos que ele diz com línguas diferentes, culturas diferentes, etc. Eram povos distintos, com línguas distintas, inclusive que em determinados momentos eram inimigos, que brigavam e faziam guerra. Então, havia uma diversidade grande (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

A diversidade no espaço amazônico, de acordo com Manuel Dutra, é negada em função da necessidade de homogeneidade construída ideologicamente e historicamente para dominar. Lembrando-se ainda dos colonizadores do Brasil, ele destaca que

Para ter o controle, imagine que Portugal, um país minúsculo, paupérrimo na época, cheio de miséria, mandando seus miseráveis pra cá, tinha que assumir geopoliticamente a região. Uma das maneiras foi dizer “são índios”, como se fosse uma coisa só. E isso ficou na nossa mente hoje, como se fosse o mesmo povo, e são povos bem diferentes. Inclusive, chegou o momento em que eles criaram uma língua geral, Nheengatu, que foi uma tentativa de aprofundar essa homogeneização forçada, pra poder dominar, pra poder falar com eles, pra poder se entender com eles, pra dominar melhor. E através desse Nheengatu inventado pelos missionários se passaram então todos os conceitos que interessavam ao dominador (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Dutra lembra ainda das correntes imigratórias em diversos momentos da história da Amazônia. Quando Pombal decidiu trazer escravos da África, foi um

momento forte em que o capitalismo nascente precisava de mais mercadorias; Portugal precisava de mais mercadorias para fazer face à sua própria subsistência, e, permanentemente, a Amazônia foi um campo de atração. E, nos últimos cinquenta anos, com garimpos, com a busca de terras mais férteis, criou-se o mito da “terra pobre”, no entanto até hoje se mata na Amazônia por causa de terra, em um discurso contraditório, porque as pessoas se matam por algo que não tem valor. Assim,

Se você olhar mil artigos científicos [estes] dirão que as terras da Amazônia são fracas, no entanto aqui tem uma imensa produção de soja, de arroz, milho e outros grãos. Aí é bom perguntar aos cientistas onde está a fraqueza desta terra e por que as pessoas se matam tanto na Amazônia por causa de terra. Depois veio a SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia e junto com dezenas de outros planos como Polo Amazônia, o Projeto Grande Carajás que não era apenas a instituição de uma mina de ferro, mas o projeto de ocupação de todo o sul do Pará. E antes mesmo destes planos dos militares, os sulistas estavam chegando, vieram instalar-se na Amazônia, assim como os catarinenses também vindos pelo Projeto Rondon (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Além de olhares e interesses de outras regiões do Brasil, a Amazônia também é alvo dos olhares estrangeiros. Do ocidente ao oriente, ela é cobiçada como lembra Manuel Dutra:

A história também registra que quando estava terminando a guerra civil nos Estados Unidos, no correr dos anos 1860, houve a proposta da embaixada norte-americana ao Imperador de trazer a população não branca daquele país para ocupar a Amazônia, havendo essa tentativa em muitos outros momentos, sendo que, na própria história de Santarém, inúmeras famílias norte-americanas vieram aqui se instalar. E a Amazônia foi sendo vista aos olhos do mundo como um espaço aberto às necessidades dos outros, do ocidente e o oriente, pois para a Amazônia vieram vários japoneses e os chineses também tentaram vir em épocas passadas (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Ainda com relação ao discurso construído sobre a Amazônia como espaço vazio, ou seja, que haveria um imenso “vazio amazônico”, como se na região não existissem muitos habitantes e sim uma imensa floresta ocupada em grande parte por animais sem a presença de humanos, Dutra também afirma que esse discurso foi construído historicamente. A visão de um imenso espaço, cheio de recursos naturais e com quase ninguém foi construído ideologicamente buscando atrair o mundo para cá. Para Manuel Dutra, a Amazônia não era vazia no passado e nem é hoje. Diz ele: “Se a gente for ler o Robert Carneiro que veio aqui e pesquisou nas décadas de 1950 e 1960, vamos perceber que ele contradiz a noção do ‘vazio’. Ele

diz que a calha do rio Amazonas era ocupada de modo tênue e de modo extenso” (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013). De acordo com as leituras e pesquisas de Manuel Dutra, no que diz Robert Carneiro, “não havia grandes aglomerações, mas se você saísse da Ilha do Marajó até os confins do rio Amazonas e Solimões você iria encontrar gente e isso na calha, imagina pra dentro” (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Com relação à diminuição da grande população que já existiu na região amazônica, Dutra é firme em reconhecer que, além do esvaziamento simbólico discursivo de interesse do colonizador, hoje um esvaziamento concreto em algumas áreas da região, com a destruição em massa de inúmeros povos e nações indígenas. Diz ele:

Esse pensamento histórico do “espaço vazio” foi construído não só no discurso, mas com ações que dizimaram povos inteiros. Segundo alguns cronistas, só no Grão Pará e Maranhão, mais de dois milhões de pessoas nativas foram abatidas nos primeiros trinta anos de colonização, por doenças, trabalhos forçados e campanhas de extermínio. Se a gente for olhar mais ao norte do continente, o Bartolomé de las Casas, que veio como soldado viu a desgraceira toda que os espanhóis estavam fazendo, matanças sistemáticas, voltou para a Espanha, tornou-se religioso franciscano e retornou como missionário e testemunha que de 13 a 15 milhões de pessoas foram dizimadas só nos primeiros 40 anos de colonização. Então houve um esvaziamento simbólico e concreto. E a noção de espaço vazio correu o mundo (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Assim, muitas pessoas vieram e vêm para a Amazônica ainda hoje em busca dessa imensa terra vazia, homogênea e uniforme, aberta ao mundo todo. E, assim, as ONGs hoje estão também em um vácuo, ocupando outro espaço vazio, vazio não de pessoas, mas vazio da ausência dos governos, ou do estado. Muitas instalam-se nos bolsões florestais e lá trabalham com os nativos, povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos que passam a ter contato com técnicas e tecnologias resultantes da expansão capitalista no mundo.

Não é objetivo e muito menos pretensão deste trabalho enumerar, catalogar, classificar, selecionar e analisar as organizações não governamentais presentes na região amazônica. Mas, optou-se por analisar uma delas, a ONG Projeto Saúde e Alegria (ONG-PSA), devido ao seu trabalho estar relacionado ao objeto desta pesquisa, ou seja, a dimensão de convergência em suas ações comunicativas, culturais e educacionais, do seu discurso à sua prática.

2.2 A experiência da ONG Projeto Saúde e Alegria na Amazônia

Registrada com o nome de Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental (CEAPS), a Organização Não Governamental Projeto Saúde e Alegria (ONG-PSA)⁵ é uma das muitas ONGs que atuam na Amazônia brasileira. A entidade propõe-se, há 25 anos, desenvolver ações de prevenção e promoção da saúde por meio de estratégias de comunicação e educação, entrelaçadas nas diferentes formas culturais construídas por populações amazônicas.

De acordo com o site oficial da ONG (www.saudeealegria.org.br), a mesma nasceu a partir das atividades desenvolvidas em comunidades ribeirinhas da Amazônia pelo médico sanitário Eugênio Scannavino juntamente com a arte-educadora Márcia Gama. Eles foram contratados em 1983 pela Prefeitura de Santarém, no Pará, para ações de assistência em saúde nas comunidades rurais.

Como a ONG divulga, os dois pioneiros encontraram uma situação em que a maioria das doenças poderia ser evitada, por isso, além do atendimento médico, também desenvolveram ações de prevenção, treinando voluntários locais e realizando gincanas educativas que pudessem melhorar as condições de higiene com o objetivo de reduzir os altos índices de desnutrição e mortalidade infantil. Mas, após um ano de trabalho exitoso, as ações tiveram que ser interrompidas com o término do mandato municipal.

Em 1985, o irmão de Eugênio, Caetano Scannavino, à época estudante do Curso de Comunicação Social em São Paulo, veio para Santarém e juntou-se à causa para garantir a continuidade das ações de forma mais ampla e independente. E foi aí que fundaram o Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental (CEAPS), chamando-o de Projeto Saúde e Alegria.

Passados 25 anos, a ONG-PSA, de acordo com o que relata em seu vídeo institucional, agregou empreendedores sociais realizando, além de atendimentos médicos, auxílio às comunidades na criação e desenvolvimento de tecnologias sociais voltadas para a promoção dos interesses das próprias populações atendidas.

De forma gradual e participativa, ao longo do tempo, foi sendo consolidada uma proposta de desenvolvimento comunitário integrado, iniciada experimentalmente em 1987 com 16 comunidades piloto e que, a partir dos anos

⁵ Informações tiradas do site www.saudeealegria.org.br

2000, começou a se multiplicar de forma horizontal para novas áreas com o apoio dos próprios moradores.

Hoje, a ONG-PSA atua diretamente em quatro municípios da região oeste do Pará: Aveiro, Belterra, Juruti e Santarém, gerando benefícios práticos e continuados a aproximadamente 30 mil pessoas, em 150 comunidades, tendo se tornado referência como instituição fomentadora de programas de desenvolvimento sustentável.

Miguel Lima, liderança da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, reconhece que o Projeto “é cultura, meio ambiente, saúde, educação, é tudo junto. É um conceito integrado, não é uma coisa isolada” (MIGUEL LIMA, entrevista no vídeo institucional do Projeto Saúde e Alegria), remetendo a um processo convergente de ações integradas visando um e vários objetivos.

A ONG-PSA também publiciza que, ao longo de 25 anos, têm formado multiplicadores como lideranças, agentes de saúde, parteiras, grupo de jovens, grupo de mulheres, produtores rurais e professores que foram convocados e incluídos para disseminar as ideias e ações fundamentais da Organização.

Dona Raimunda Feitosa Pedroso, liderança da Comunidade de Macuri, no rio Tapajós, que também gravou participação no vídeo institucional da ONG-PSA, diz que “o objetivo que eles colocam na comunidade, de todos esses ensinamentos que eles trazem, é que as próprias comunidades possam trabalhar mais tarde com os próprios pés” (RAIMUNDA PEDROSO, entrevista no vídeo institucional do Projeto Saúde e Alegria), reconhecendo que a organização dá o apoio fundamental para o protagonismo nas ações organizacionais das comunidades.

2.3 Como está estruturada a ONG-PSA

A ONG-PSA está organizada a partir de quatro grandes programas que favorecem a atuação da ONG em diferentes áreas da região amazônica e suas localidades. São eles: *Saúde, Organização Comunitária, Economia da Floresta, e Comunicação Cultura e Educação.*

Fábio Pena, assessor pedagógico da ONG-PSA, lembra que esses eixos foram reconfigurados, não sendo modificados em sua essência. “Por exemplo, o programa Organização Comunitária passou a ser chamado de Desenvolvimento Territorial. O programa Saúde, de Saúde Comunitária. O programa Economia da

Floresta passou a ser chamado de Empreendimentos Sustentáveis. E o programa de Educação, Cultura e Comunicação continuou com o mesmo nome” (FÁBIO PENA, entrevista ao pesquisador em maio de 2013). Abaixo, a compreensão que a ONG-PSA tem de seus programas integrados.

2.4 Desenvolvimento Territorial

Dizem os agentes da ONG-PSA que o programa de Desenvolvimento Territorial é a base de sustentação social e política de seu trabalho. Fábio Pena, resalta que “de nada adiantariam os outros programas e ações se não houvesse acolhida e capacitação para que os comunitários assumissem o protagonismo dos processos no exercício da cidadania e gestão do próprio desenvolvimento” (FÁBIO PENA, entrevista ao pesquisador em maio de 2013).

O Desenvolvimento Territorial conduz as ações da organização a partir da lógica das localidades, primeiramente aceitando a existência destas com suas histórias de luta pelo próprio reconhecimento a partir do local em que nasceram. É o caso de quem teve de lutar dentro da Floresta Nacional do Tapajós para garantir sua propriedade e participar das políticas de estado para o manejo florestal. Da mesma forma, os moradores do Tapajós e do Arapiuns - dois importantes rios da região oeste paraense - que lutaram muitos anos pela criação da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns.

Assim, os agentes da ONG-PSA, afirmam que dentro do programa Desenvolvimento Territorial vêm lutando para o fortalecimento e a autogestão das representações comunitárias, alinhando-se às dinâmicas e aos cenários socioambientais. Segundo os agentes da ONG, isso é um grande desafio em uma região em que os territórios ainda são ocupados de forma desordenada, convivendo com a exploração madeireira ilegal, o avanço do agronegócio e demais frentes predatórias que aumentaram o desmatamento, a grilagem de terras e os conflitos sociais.

O programa Desenvolvimento Territorial assessora as lideranças locais, buscando garantir a apropriação popular das iniciativas realizadas pela ONG-PSA como um todo, e trabalha, principalmente, para consolidar o processo de ordenamento territorial e a regularização fundiária da região em que atua, garantindo

a permanência dos moradores em suas localidades com direitos assegurados e melhor qualidade de vida.

Os coordenadores e agentes da ONG-PSA dizem na propagação de suas ações em seu site oficial e vídeo institucional que têm dado apoio às federações das localidades que integram os assentamentos, glebas e Unidades de Conservação - UC da região, fortalecendo as representações territoriais no controle social das políticas públicas, na defesa de suas terras, e no manejo de seus recursos naturais para viabilização econômica, social e ambiental de suas áreas.

Segundo a ONG, uma das iniciativas exitosas de gestão comunitária tem sido o mapeamento participativo para empreendimentos sustentáveis que contribuem concretamente para o reconhecimento das próprias localidades pelas populações que nelas habitam.

Capacitação de lideranças; Educação para a cidadania; Assessoria aos movimentos sociais; Integração às políticas públicas e Apoio a gestão territorial são eixos de extensão do 'Programa Desenvolvimento Territorial'. A ONG-PSA diz dar apoio às Federações das Comunidades como Floresta Nacional do Tapajós (FLONA) e Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (RESEX), onde estão indígenas e quilombolas. Segundo a Organização, as pressões para o ordenamento agrário da região resultaram na criação de novas áreas protegidas o que aumentou ainda mais a responsabilidade das populações locais na gestão de suas terras. E por esse motivo que a ONG-PSA tem apoiado as representações de territórios através de oficinas, seminários e mapeamentos participativos.

Sobre o mapeamento participativo, Ricardo Folhes – Coordenador de Geoprocessamento do PSA - também gravou entrevista no vídeo institucional dizendo que “com os mapas as comunidades podem enxergar melhor o conjunto do território, a distribuição dos recursos naturais, as ocupações irregulares, ver onde tem posto de saúde, onde não tem escola” (RICARDO FOLHES, entrevista no vídeo institucional do PSA).

Uma das lideranças da Federação dos Quilombolas da região, Aldo Santos afirma: “Pra nós o mapeamento participativo é muito importante porque ele está nos dizendo realmente onde é que nós ficamos, onde nós estamos, onde pode ser o nosso limite” (ALDO SANTOS, entrevista ao vídeo institucional do PSA).

Ricardo Folhes lembra ainda que “no momento em que dados são gerados pelas comunidades, as imagens viram documentos que servem aos órgãos públicos

na aplicação de políticas mais adequadas para a região”. (RICARDO FOLHES, entrevista no vídeo institucional do PSA).

2.5 Saúde Comunitária

O programa Saúde Comunitária é a marca da primeira ação desenvolvida pelos fundadores da ONG-PSA. O *slogan* do Projeto diz que “a saúde é a alegria do corpo e a alegria é a saúde da alma”. A saúde e os problemas referentes a ela foram de início o maior desafio para os agentes da Organização pelos gravíssimos quadros encontrados em comunidades ribeirinhas da Amazônia brasileira.

A Saúde, segundo o que a ONG-PSA expõe em seu site oficial, é uma das maiores reivindicações das populações que vivem em regiões ribeirinhas no meio da Floresta Amazônica. Doenças simples, de origem primária, tornam-se graves devido à falta de intervenção efetiva e adequada. Os índices de desnutrição são elevados, assim como a mortalidade infantil decorrente de diarreias, ou doenças infecciosas que podem ser prevenidas.

O programa de Saúde Comunitária procura somar esforços às políticas públicas para assegurar o direito à saúde e reduzir os níveis de exclusão das populações que habitam a região amazônica, tornando mais acessíveis os serviços assistenciais e construindo ações resolutivas no campo da atenção básica com prevenção e educação.

Em parceria com as prefeituras locais, representações comunitárias, universidades e outras organizações, foi desenvolvido um modelo demonstrativo de saúde, participativo e adaptado à realidade amazônica, que hoje é referência do Ministério da Saúde para aplicação de políticas e estratégias de atenção básica em toda região, como é o Caso do Hospital Fluvial conhecido como Barco Abaré⁶ que percorre inúmeras comunidades com primeiros socorros e ações mais delicadas e necessárias como até mesmo exames e intervenções cirúrgicas.

Diante disso, a ONG-PSA vem construindo, em parceria com o poder público, um modelo de saúde adaptado à realidade ribeirinha. É um trabalho, principalmente,

⁶ Unidade Móvel de Saúde adquirida pelo PSA em uma parceria com a organização internacional ONG holandesa Terre Des Hommes (TDH) que doou um barco todo de ferro para que o PSA em parceria com as prefeituras da região o transformasse em um Barco Hospital. O nome Abaré, escolhido pelos moradores das localidades ribeirinhas atendidas significa, na língua Tupi, amigo cuidador.

de medicina preventiva, baseado na educação, com atividades de medicina e saneamento muito voltadas para corrigir deficiências básicas, construindo microssistemas de água tratada, poços, banheiros, pedras sanitárias, melhorando a saúde e evitando doenças.

Em relação à higiene e saneamento, a ONG-PSA divulga⁷ que já construiu mais de 150 poços semi-artesianos e mais de 5.000 filtros de água; instalou mais de 5.000 pedras sanitárias e beneficiou mais de 1.500 famílias com água encanada; organizou mais de 70 polos com rádio amadores e Ambulancha – ‘ambulância adaptada para os rios’, que realiza uma média de 50 remoções por ano das comunidades mais distantes para os centros que têm postos de saúde e hospitais mais desenvolvidos.

O Barco Abaré realiza atenções básicas nos moldes do Programa Saúde da Família de uma forma itinerante. São, de acordo com o vídeo institucional da ONG-PSA, 72 comunidades atendidas, 7.000 exames e 18.000 atendimentos por ano⁸. Através de visitas programadas é dada assistência de saúde aos moradores nas próprias localidades em que habitam.

A ONG-PSA divulga como parte dos resultados de suas ações, por meio do seu vídeo institucional, que realiza 98% de cobertura vacinal, Pré-natal Hiperdia PCCU, sendo o Abaré uma experiência que também recebe estudantes e residentes, com a realização de 350 cirurgias por ano, além de Projetos de pesquisa⁹. Convênios com universidades e outras organizações reforçam o trabalho. Um exemplo disso é a parceria com os Expedicionários da Saúde que permite a realização de jornadas cirúrgicas para a solução de problemas graves como hérnias e cataratas.

2.6 Empreendimentos sustentáveis

Por esse programa, a ONG-PSA busca alternativas junto aos moradores das localidades atendidas para o auto-sustento e otimização dos produtos por elas gerados. Chamado inicialmente de Economia da Floresta, o programa objetiva a geração de renda, com a capacitação de produtores e grupos de mulheres,

⁷ Informações publicadas no vídeo institucional do Projeto Saúde e Alegria.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

fomentando a agricultura familiar e Agroecologia, o manejo florestal, a educação para o trabalho, o empreendedorismo e Planos de Negócios, assim como, a economia doméstica e arte utilitária, com ecoturismo de base comunitária e sistemas de energia renovável.

De acordo com o que divulga a ONG-PSA em seu vídeo institucional, a partir de levantamentos feitos ao longo de 25 anos nas áreas em que atua, a economia das populações ribeirinhas da Amazônia tem como base a caça, a pesca, o extrativismo vegetal e a agricultura de subsistência, sendo que a circulação da moeda ainda é escassa. A degradação do meio ambiente a partir de processos exploratórios e de ocupação, com práticas predatórias de desmatamento reduziram a disponibilidade de recursos naturais fundamentais para a existência das populações que habitam o interior da floresta. Assim, o modo de vida tradicional é desestruturado e os contextos alterados.

A ONG-PSA reconhece que, a partir das localidades amazônicas, que têm os recursos próprios do solo da floresta que sustentam o Brasil e o mundo, existem também enormes potencialidades culturais para serem identificadas, reconhecidas e aproveitadas para o investimento na sustentabilidade das populações dessas áreas. Desde serviços ambientais, materiais e técnicas tradicionais na imensa biodiversidade existente na região.

Na concepção dos agentes da ONG-PSA, o aproveitamento com bases tecnológicas inclusivas pode tornar competitiva a Economia da Floresta, assegurando um futuro sustentável para a região e para o planeta. “Para além do olhar de quem vem de fora, o olhar de quem vive dentro pode ser aproveitado pedagogicamente em ações conjuntas que beneficiem populações inteiras” (FÁBIO PENA, em entrevista ao pesquisador em maio de 2013), considerando também o intercâmbio com outras regiões e povos de todo o planeta.

Através do Programa ‘Empreendimentos Sustentáveis’, a ONG-PSA afirma desenvolver iniciativas que favoreçam a renda familiar, garantam a segurança alimentar e promovam a redução do impacto sobre o meio ambiente. São componentes socioeconômicos estratégicos que tem possibilitado a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento regional. Um dos exemplos é a experiência do turismo de base comunitária, aliado à produção artesanal com matérias primas extraídas da floresta, como forma de complementação de renda.

2.7 Educação, Cultura e Comunicação

O programa Educação, Cultura e Comunicação é o eixo da ONG-PSA que mais chamou a atenção na presente pesquisa, devido a convergência entre comunicação, cultura e educação ser evidenciada claramente nas atividades agregadas no programa. Este é uma das estratégias que busca unificar e dá visibilidade a todas as outras iniciativas da ONG-PSA. Ele visa ampliar as oportunidades de aprendizagem, despertando a cidadania e a consciência ambiental para o desenvolvimento e a valorização da cultura local. Os agentes da organização não governamental entendem que, na Amazônia, o resgate cultural é também educação ambiental, uma vez que os dois processos estão intimamente relacionados à importância dos rios e da floresta na vida das pessoas.

Fábio Rodrigues Pena, 31 anos, conheceu a ONG-PSA quando ainda tinha apenas 12 anos idade. Hoje, ele coordena o Setor de Comunicação e Educação da organização. Fábio Pena é fruto das primeiras experiências convergentes entre comunicação, cultura e educação desenvolvidas pelos proponentes da ONG-PSA. Formado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, Fábio Pena pesquisou, para seu Trabalho de Conclusão de Curso, um dos carros chefes das estratégias de comunicação, cultura e educação da ONG-PSA, a Rede Mocaronga de Comunicação.

Dos 25 anos do Projeto, Fábio Pena diz que está há 17 e, de criança atendida pelas ações desenvolvidas pela ONG-PSA, tornou-se um adolescente voluntário no Projeto. Alguns anos mais tarde ele veio a se tornar um partícipe nos processos de interface entre comunicação e educação em sua realidade cultural na localidade Carariacá, às margens do rio Amazonas, local em que Fábio nasceu.

Fábio Pena foi uma das crianças salvas da morte prematura muito comum em comunidades de várzea na época em que nasceu. A mortalidade infantil era elevada devido aos problemas no uso da água e das fortes diarreias causadas por contaminação, pois não havia tratamento do líquido que se ingeria.

Nas experiências de Fábio Pena com a ONG-PSA, cujo resultado das ações ele diz ver em si mesmo também, ele resalta as ações preventivas e educativas desenvolvidas em sua comunidade de origem. No local em que nasceu foi um dos monitores mirins da ONG e, por meio da arte e educação, principalmente pelas atividades do Gran Circo Mocarongo de Saúde e Alegria, recebeu lições para toda a

vida. Lições simples como lavar as mãos, escovar os dentes e higienizar os alimentos a serem consumidos.

Há cinco anos, Fábio Pena é um dos assessores pedagógicos do PSA e coordena diretamente o programa que é o alvo da presente pesquisa que nasceu a partir da curiosidade de como se dá o processo de convergência entre comunicação, cultura e educação nas ações na ONG Projeto Saúde e Alegria.

Pesquisador da Rede Mocaronga de Comunicação que inclui ações conjuntas com jornal, rádio, TV e internet, principalmente nos 12 telecentros comunitários acompanhados pela ONG-PSA, Fábio Pena dá destaque para o Telecentro Comunitário de Suruacá, objeto de estudo da pesquisa aqui proposta. Para ele, os moradores de Suruacá, principalmente os jovens, têm desenvolvido atividades interessantes dentro das perspectivas do Núcleo de Comunicação da ONG-PSA.

No que diz respeito à Comunicação e Educação, o PSA por meio de seus fundadores percebeu que investir na infância e juventude poderia ajudar muito no desenvolvimento das ações comunitárias. A infância e a juventude desde o início, segundo Fábio Pena, têm sido prioridades absolutas, especialmente porque “mais de 53% da população atendida tem até 19 anos, sendo um dos segmentos no qual mais se projetam as contradições sociais da região” (FÁBIO PENA, entrevista ao pesquisador, em maio de 2013). O PSA, desde seus inícios, tem trabalhado junto às escolas das localidades aonde chega, buscando o desenvolvimento integral das novas gerações de ribeirinhos com a garantia de seus direitos fundamentais.

Fábio Pena afirma ainda que o Projeto Saúde e Alegria

busca o reconhecimento do potencial das próprias comunidades, por meio do programa de Desenvolvimento Territorial e da promoção da Saúde Comunitária pela prevenção e cuidados básicos, o PSA tem usado de estratégias comunicacionais e educacionais por meio de ações culturais inclusivas para ter êxito em seus objetivos (FÁBIO PENA, entrevista ao pesquisador, maio de 2013).

Diante da realidade educacional das comunidades ribeirinhas, este componente se torna estratégico. O acesso ao ensino fundamental tem melhorado nos últimos anos, porém, somente 7,5% dos jovens conseguem concluir o ensino médio. Onde existem escolas, com poucos recursos além do livro didático, o currículo segue padrões nacionais ainda pouco apropriados à realidade e à cultura local. Assim, já sendo o ensino precário o índice de evasão aumenta devido ao desestímulo de estudantes e falta de valorização dos professores.

O Programa Educação, Cultura e Comunicação, promove ações complementares às ações das escolas, através de arranjos educativos locais que são formados como polos de uma Rede de Aprendizagem Colaborativa, animando processos de educação nas escolas e comunidades, englobando iniciativas como a Rede Mocaronga de Comunicação Popular, a Inclusão Digital na Floresta, Educação pelos Direitos da Infância, e o Circo Mocarongo de Saúde e Alegria.

Fábio Pena lembra que, logo no início, quando conheceu as ações do PSA, elas ainda não eram estruturadas para um trabalho direto com os jovens. Isso veio ao longo do tempo, depois de um trabalho com voluntários, principalmente lideranças comunitárias.

Foi com a chegada do circo e do sistema de som que os jovens foram se aproximando. Foi daí que o fundador do PSA, Eugênio Scannavino percebeu a possibilidade estratégica que seria a comunicação e os meios de comunicação que começou a investir em ações dessa natureza. Percebeu que ali ele tinha um potencial para lidar com os jovens que em um primeiro momento estavam tímidos, mas por outro tinham também a rebeldia e a vontade de interagir. (FÁBIO PENA, entrevista ao pesquisador em maio de 2013).

Segundo Fábio Pena, foi nessa época, por volta de 1985, que Eugênio convidou seu irmão, o foto-jornalista Caetano Scannavino, para pensar ações de comunicação para envolver os jovens no interior da Amazônia no oeste paraense. Assim começaram as primeiras ações com fotos, experimentação de vídeos e outras atividades do Projeto Saúde e Alegria para aquilo que seria o que é hoje o programa de Educação, Cultura e Comunicação.

Com relação a recursos e ajuda financeira para desenvolver as ações, Fábio Pena lembra ainda que

O primeiro apoiador externo da Rede Mocaronga foi o UNICEF, garantindo assim a expansão das ações nessa área, para a promoção de oficinas e a implantação de rádios comunitárias, de maneira bem simples com *kits* de som em alto-falantes e até mesmo em bicicletas com som que circulavam nas comunidades atendidas pelo Projeto, além dos primeiros vídeos comunitários. (FÁBIO PENA, entrevista ao pesquisador em maio de 2013).

O coordenador do Setor de Comunicação e Educação do PSA acredita que o processo de efetivação do programa Comunicação, Cultura e Comunicação é um processo que vai se construindo a partir de muitas experiências, das comunidades e dos proponentes do Projeto que vem trazendo experiências várias a partir de vários autores. Ele reconhece que

o pensamento latino-americano, em especial o do brasileiro Paulo Freire, muito influenciou para noções como democratização da comunicação e educação, da cultura popular, em processos que reconhecem a importância da dialogicidade entre educadores e educandos, entre agentes do PSA e agentes das próprias comunidades, entre sujeitos que são protagonistas da própria história. (FÁBIO PENA, entrevista ao pesquisador, maio de 2013).

Fábio Pena reconhece ainda o Programa Educação, Cultura e Comunicação como um meio, no sentido de possibilitar a articulação e divulgação para todos os outros programas do PSA. Por outro lado, Fábio lembra da prioridade fundamental do Programa de Comunicação, Cultura e Educação do PSA.

O Programa tem como prioridade o público juvenil, no sentido de possibilitar a estes uma leitura crítica da mídia e a utilização dos meios tradicionais e de novos meios como a internet, para mediações entre as próprias localidades e destas para com o mundo em que estão interconectadas. (FÁBIO PENA, entrevista ao pesquisador, maio de 2013).

A construção e promoção da cidadania, ou seja, do reconhecimento de direitos e deveres, remete à construção de espaços que se constituam como ecossistemas educomunicativos em que crianças, jovens e adultos construam, juntos, experiências novas. Segundo Fábio Pena, isso possibilita ainda que reflitam a própria experiência social a partir de sua cultura, reconhecendo-se e abrindo-se também a novas experiências e culturas diferentes, para as quais diferentes saberes convergem.

A perspectiva da convergência vem ao encontro dos interesses da pesquisa, pois o programa Comunicação, Cultura e Educação da ONG-PSA, não somente utiliza os instrumentos comunicacionais com estratégias para divulgar as ações preventivas de saúde, como também vê nos processos comunicacionais na educação e na cultura, a possibilidade de interação social dos moradores da localidade atendida com suas intervenções.

No próximo capítulo, verificar-se essa complexidade nas tensões, conflitos, divergências, convergências, dialética e dialogicidade na experiência social que se dá em Suruacá, a partir da chegada da ONG-PSA, no contexto de luta pela criação da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns.

AS AÇÕES DA ONG – PSA EM SURUACÁ



Foto: Projeto Saúde e Alegria

3 A EXPERIÊNCIA SOCIAL EM SURUACÁ A PARTIR DAS LUTAS POPULARES E DAS AÇÕES DA ONG – PSA

Conhecer um pouco mais de Suruacá e sua localização, bem como o que pensam e dizem seus moradores mais antigos e os mais ligados às ações do Projeto Saúde e Alegria, sobre a chegada e instalação na vila, é parte do objetivo deste capítulo.

Suruacá é uma localidade ribeirinha situada à margem esquerda do rio Tapajós, nos limites do município de Santarém, na região Oeste do Pará. Fica quase em frente da cidade de Belterra também banhada pelo rio Tapajós, distante cerca de quatro horas do centro urbano de Santarém, por via fluvial, dependendo do barco, sendo este o único meio de acesso ao local. A pequena vila fica dentro da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (Resex), criada no final dos anos 90, a partir da luta de moradores pela garantia de direito ao uso sustentável de suas terras sem o prejuízo da exploração ilegal de madeira e de outros recursos da floresta.

Frei Florêncio de Almeida Vaz Filho, um dos entrevistados para o quinto capítulo desta pesquisa, foi um dos idealizadores e articuladores fundamentais para a criação da Resex Tapajós-Arapiuns. A Resex tem o seu início quando ele ainda estava sua pesquisa para o mestrado sobre as comunidades ribeirinhas do Baixo Tapajós, a cultura e sua ligação com a terra. Sua pesquisa acabou influenciando indiretamente as mobilizações, quando estava em Santarém, em 1996, fazendo a pesquisa de campo para sua dissertação que defenderia em outubro de 1997. Segundo o frei, foi aí que esse processo começou.

Estando na região e sendo filho da região, ele soube que grupos de comunidades do Arapiuns e de sua comunidade de origem, Pinhel, no rio Tapajós, além de outras comunidades vizinhas estavam interessadas, de alguma forma, em barrar a entrada das madeiras da região. E foi, então, que junto a pessoas das pastorais sociais da Igreja Católica, ONGs e Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que se começou a buscar uma forma legal de fazer com que aquela terra ficasse na mão dos moradores e botassem as madeiras para fora.

Frei Florêncio lembra ainda que foi o protagonismo e a capacidade organizativa das comunidades que provocou o processo de construção da Resex Tapajós-Arapiuns. Com base nessa experiência, ele pôde apresentar a causa para o

seu orientador do mestrado que o incentivou a procurar as vias legais para ajudar as comunidades na criação.

A Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns foi criada nos municípios de Santarém e Aveiro, a partir do Decreto Presidencial N° 98.897/ 98, com o objetivo de garantir a exploração autosustentável e a conservação dos recursos naturais renováveis tradicionalmente utilizados pela população extrativista da área.

Segundo Frei Florêncio, o processo de discussão começou bem antes. No final de 1996 foi realizado o primeiro encontro para a criação da RESEX. Os comunitários e as organizações sociais passaram o ano de 1997 na missão de sensibilização dos moradores das localidades da área, no sentido de reconhecimento de que eles eram os legítimos donos da terra. A partir disso foi feito o pedido oficial para o governo federal com muitos abaixo assinados coletados em reuniões.

O frade reconhece ainda que, mesmo o decreto tendo sido de iniciativa do governo federal, é uma conquista das comunidades organizadas para lutar por seus direitos.

A informação acima é muito importante para a presente pesquisa, pois é, dentro desse contexto, que a ONG-PSA atua. E, suas ações são dentro de uma dimensão de certa forma diferenciada e, até mesmo, criticada pelos setores responsáveis pela luta de criação da Resex.

As críticas e visões diferenciadas sobre a ONG-PSA será assunto melhor explanado no quinto capítulo deste trabalho, quando são manifestados os olhares externos sobre suas ações na Amazônia, inclusive o olhar de Frei Florêncio Vaz, um dos críticos à ONG.

Outra informação importante e que interessa a este capítulo é sobre a estreita relação da criação da Resex Tapajós-Arapiuns com a Vila de Suruacá, no rio Tapajós. É de lá o primeiro presidente eleito pelas populações ribeirinhas da Reserva para administrar a área. Seu Miguel Lima foi o primeiro presidente da Associação Tapajoara. O título dele era de Presidente da Resex simbolizando que a gestão, o governo, o gerenciamento da terra estava nas mãos dos moradores do lugar.

Ao longo do processo, a partir de contradições e de intervenções de fora, houve uma divisão no movimento Resex na região do Arapiuns e Tapajós devido às pressões governamentais sobre o protagonismo e auto-organização social dos

moradores da área. A Resex foi inspirada nas ações de Chico Mendes como protagonista de áreas de conservação no Acre, mas na região do Tapajós foi inspirada na legislação de terras indígenas, sendo que estes tem um controle muito grande sobre suas terras. Mas, segundo Frei Florêncio, no ano 2000 os moradores foram surpreendidos quando o Governo Federal cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), colocando as Resexs debaixo do controle do IBAMA, sendo que as terras passam a ser administradas por um gestor servidor do IBAMA. Criou-se um conselho deliberativo envolvendo prefeituras, universidades, associações comerciais e representantes de moradores, sendo eleito um novo presidente, diferente do que fora eleito pelos moradores da área. Isso provocou uma divisão no movimento Resex, sendo que os membros das pastorais sociais da Igreja Católica, ligados à Teologia da Libertação, tiram-se do processo, tornando-se críticos ao modelo criado pelo Governo Federal. Para eles, a Resex serve hoje muito mais ao controle do governo sobre a floresta e sobre os próprios moradores.

As ideias expostas acima, na maioria contribuição de Florêncio Vaz, ajudaram na contextualização e melhor definição do cenário em que a ONG PSA ainda hoje desenvolve suas atividades. Este cenário é marcado por lutas políticas, interesses distintos, mas, também, se constitui com um espaço de sínteses e de buscas pela integração.

3.2 Os moradores mais antigos de Suruacá

Na pesquisa de campo realizada para este trabalho em Suruacá, um senhor de 84 anos, Inácio Francisco de Souza Filho, e uma senhora de 76, Martinha Colares Bentes, afirmaram ser os mais antigos moradores da vila. Eles disseram que seus pais e avós já habitavam a localidade há mais de 90 anos. O entrevistado afirma ter nascido em 09 de agosto de 1928, em Suruacá, e, segundo ele, nesse tempo, só existiam três casas na localidade e que seu pai foi um dos primeiros moradores da localidade, vivendo até os 94 anos.

Seu Inácio não soube dizer o significado da palavra Suruacá, nome atribuído, segundo o que ele contou, aos indígenas primeiros moradores que deram este nome à vila. Segundo ele, Suruacá possui, hoje, 116 famílias que vivem basicamente da agricultura e da pesca que já foi mais farta. “Quando não existia malhadeira tinha jaraqui, tambaqui, kujuba, pirapitinga, tudo a gente pegava, agora tá mais difícil” (INÁCIO FILHO, entrevista ao pesquisador, em outubro de 2012).

A outra entrevistada, dona Martinha Bentes, de 76 anos, contou que nasceu em 21 de setembro de 1935, em Suruacá. De acordo com ela, a mãe, que morreu aos 82 anos, foi uma das primeiras moradoras do lugar. Segundo ela, 1910 é o ano de fundação de Suruacá. Ela lembra que foi com a chegada da escola radiofônica do Movimento de Educação de Base (MEB), na década de 60, ligado à Igreja Católica, que Suruacá foi chamada de comunidade, antes era conhecida como localidade.

3.3 Do que vivem os moradores de Suruacá

Quando a Resex Tapajós-Arapiuns foi criada, em 1999, os moradores foram chamados para participar no processo de elaboração de planos de manejo de recursos naturais específicos na área de conservação. Desse modo, o manejo da atividade de caça se tornou uma das principais demandas das populações da reserva. Em sua maioria, os moradores atendidos pelas ações do PSA vivem da pesca artesanal, da caça, da coleta de produtos da floresta, do plantio da mandioca e lavouras regionais.

Há uma forte ligação com as culturas dos povos originários da região, especialmente os indígenas; por isso, os habitantes das localidades que compõem a Resex formam agrupamentos tradicionais, cuja subsistência depende diretamente

da utilização dos recursos naturais existentes na área. A economia é baseada na agricultura familiar e em atividades extrativas com fins de subsistência.

A base da economia de Suruacá já foi a extração da borracha e o beneficiamento da farinha de mandioca. Hoje, são os benefícios de aposentados e os salários de funcionários do município como professora, agente de saúde e técnico em enfermagem, que ajudam na economia local.

Além do trabalho empregado no serviço público e na agricultura de subsistência, os moradores de Suruacá empregam seu tempo na pesca, nos estudos, na arte, através de um circo local ligado ao Projeto Saúde e Alegria, assim como da produção da programação da rádio comunitária, na área comunicação através do telecentro digital e por meio da telefonia móvel.

3.4 Da organização social e política de Suruacá

Um levantamento feito pelo Agente Comunitário de Saúde (ACS) da localidade, Djalma Moreira Lima, em novembro e dezembro de 2011, revela que em Suruacá existem 481 moradores, número que aumentou com a chegada de novos moradores para a localidade, em um total atual de 127 famílias, sendo que, nos dados que o agente repassa à Prefeitura Municipal de Santarém, 60 famílias estão cadastradas no Programa Bolsa Família do governo federal.

A pesquisa de campo, a partir da entrevista com o ACS, mostrou que em Suruacá existem hoje jovens de 15 a 19 anos. A pesquisa também revelou que há mais homens do que mulheres em Suruacá. Do total da população, 258 são do sexo masculino e 222 do sexo feminino. Quanto ao grau de escolaridade, os dados demonstram que 14 pessoas, entre 35 e 39 anos, concluíram o Ensino Médio, sendo este o grupo de faixa etária com maior número de pessoas com Ensino Médio completo. Somente sete pessoas concluíram o ensino superior. Deste último grupo de pessoas, quatro concluíram o Ensino Médio na faixa etária de 30 a 34 anos, 45 a 49 anos e 50 a 54 anos. Já na faixa etária de 35 a 39 e 40 a 44 anos, duas pessoas em cada grupo concluíram ensino superior.

Nas observações feitas na pesquisa de campo, percebeu-se também que, além de acompanhar programações televisivas, através de antenas parabólicas e por estações de rádio AM e FM cujo sinal chega a Suruacá, os moradores também têm a praia, igarapés, trilhas e lagos para o lazer, além de dois campos de futebol

em que são realizados torneios locais e regionais com festas populares, sendo quatro por ano, incluindo a festa do padroeiro da comunidade, o Sagrado Coração de Jesus.

Constatou-se ainda que, em Suruacá, praticamente, todos os membros professam a fé católica. Mesmo havendo evangélicos no lugar, o único templo existente na vila é o do catolicismo romano. Os costumes da urbanização alteraram valores tradicionais da comunidade. O contato com outros centros, a presença dos meios de comunicação (rádio, TV, revistas e internet) influenciam na maneira de viver, mas, mesmo assim, alguns costumes são conservados.

Tendo chegado à comunidade com pouco mais de 20 anos e, hoje, chegando à casa dos 50, Djalma Moreira Lima, único Agente Comunitário de Saúde da localidade, percebe que muita coisa mudou no comportamento dos jovens. O ACS afirma que, segundo seus levantamentos para a Secretaria de Saúde do Município de Santarém, o índice de gravidez na adolescência diminuiu.

A escolha por entrevistar os moradores mais antigos e aqueles que estão em Suruacá desde a chegada do Projeto Saúde e Alegria marca todo este capítulo dando materialidade aos sujeitos entrevistados na pesquisa. Eles foram escolhidos na perspectiva dialógica defendida por Freire (1996) na autonomia dos sujeitos no processo comunicacional e educacional. O olhar de dentro sobre o que vem de fora lembra também a perspectiva dos estudos culturais latino-americanos desenvolvidos principalmente por Martín-Barbero (1996), quando analisa os meios e as mediações em relações também dialógicas. Já a presença externa de Frei Florêncio neste tópico, ao abrir o capítulo sobre a criação da Resex Tapajós-Arapiuns contribui para o desafio entre dialética e dialogicidade que resulta na complexidade do pensar e sentir humanos, como lembra Morin (1991), e que terá sua tecitura mais detalhada no último capítulo deste trabalho.

3.5 Da chegada e permanência da ONG - PSA em Suruacá

Suruacá é uma das referências do nascimento e chegada das ações do Projeto Saúde e Alegria na região amazônica. Foi a primeira localidade que acolheu a experiência e que mantém o elo com o PSA até hoje, 25 anos depois. Ela é uma das localidades mais divulgadas pela organização na publicização de suas ações. É em Suruacá que estão lideranças que acompanharam a chegada, o

desenvolvimento e a permanência da organização na localidade. Na pesquisa de campo para este trabalho, foram entrevistados 07 moradores que estão, há muitos anos, em relação com as ações do PSA em Suruacá.

Perguntado se lembrava do ano da chegada do Projeto Saúde e Alegria em Suruacá, o primeiro entrevistado, seu Inácio de Souza Filho, de cima de uma bajara¹⁰, disse que não se lembrava do ano inicial, mas lembrou de como foi a chegada do Projeto, afirmando que foi ele quem acolheu o Dr. Eugênio e a equipe que chegou à comunidade por volta das 18hs, com médicos, equipamentos e instrutores que vieram trabalhar com orientações para os moradores no cuidado da água, da criação de animais visando à saúde por meio da prevenção de doenças. Ele lembra que alguns moradores, por não conhecer o Projeto e sua proposta, rejeitaram de início, mas depois reconheceram a importância das ações em prol da vila. Para ele, o maior benefício trazido pelo Projeto Saúde e Alegria para a localidade foi o cuidado com a saúde, por meio de trabalhos preventivos e cuidados direto com o tratamento de doenças.

O segundo entrevistado, Djalma Lima, lembra que o PSA chegou a Suruacá em 1986, mas começou a atuar na comunidade em 1987. Logo que o Projeto chegou, havia na localidade ocorrência de muitas doenças como coqueluche, sarampo, catapora, diarreia, vômito, pois a água não era tratada. Poços e cacimbas¹¹ eram feitos mais ou menos com um quilômetro de distância da beira do rio. Antes da chegada do PSA, conta o entrevistado que “dava muito limo na água do rio que banha a vila, ou seja, um tipo de alga marinha que matava muitos peixes e muitas crianças eram vítimas da diarreia e desidratação”. (DJALMA LIMA, entrevista ao pesquisador, em outubro de 2012) Segundo ele, até os adultos adoeciam pelo uso da água não tratada. Os moradores da localidade não tinham recurso, não possuíam um processo de educação para o cuidado da saúde, muitas pessoas perderam a vida. Assim, a chegada do PSA foi como uma “solução salvadora” para os moradores, disse o segundo entrevistado.

Djalma Lima afirmou estar desde o início do Projeto Saúde e Alegria em Suruacá e lembra que o primeiro contato foi em uma reunião no prédio da escola municipal na localidade. “Na reunião estavam o Dr. Eugênio, Romildo e o

¹⁰ Canoa com um pequeno motor na parte de traz fazendo com a viagem e travessia dos rios seja mais rápida.

¹¹ Poço artesanal, lugar de guardar água no chão.

Pimentinha”. (DJALMA LIMA, entrevista ao pesquisador, outubro de 2012). A proposta inicial do PSA foi entrar em Suruacá e mostrar o projeto de saúde que o Dr. Eugênio trouxe, não só de saúde preventiva como também de tratamento imediato de doenças comuns que ocorriam na região. “Como o Dr. Eugênio é médico, isso facilitou muito sua entrada aqui” (DJALMA LIMA, entrevista ao pesquisador, outubro de 2013), destacou o entrevistado. Ele lembra ainda que, com o passar dos anos, o Projeto foi mostrando que as propostas na área da saúde, na agricultura e na comunicação eram possíveis de ser concretizadas. Houve a implantação de jornal comunitário, rádio comunitária, da internet que chegou em 2003 e da telefonia móvel em 2010.

A primeira ação que o segundo entrevistado relata ter participado no início do PSA foi com serviços de veterinária, quando recebeu a capacitação para conhecer e tratar problemas relacionados a carrapatos e a micoses de galinhas que atingiam os comunitários. Seis meses depois, viu que a ação era pouca e, então, passou a ser monitor de saúde para lidar com humanos, trabalhando durante 12 anos no voluntariado.

Em relação ao trabalho comunicativo, Djalma Lima disse que, no início, o processo de relação do PSA com os moradores de Suruacá era vertical, ou seja, no sentido de que o Dr. Eugênio trazia as ideias dele para a localidade. Com o passar do tempo, os moradores também começaram a dar suas sugestões e, por meio do diálogo, as propostas do PSA eram melhoradas e retrabalhadas a partir das contribuições dos habitantes da localidade.

Fazendo uma análise crítica, Djalma Lima reconhece que desde o início a coordenação do PSA incentivou a organização comunitária, valorizando a localidade e sua população no seu direito de vez e de voz. Segundo ele, o fundador do PSA sempre dizia que vinha para as localidades atendidas, mas que desejava que um dia essas populações caminhassem com os próprios pés. Na opinião do entrevistado, isso é importante, mas reconhece que ainda hoje os moradores precisam de vários pés para caminhar mais e melhor, e isso inclui “os pés de fora”, como os do PSA, para apoiar efetivamente a localidade em suas necessidades e lutas. Por fim, o entrevistado reconheceu que a chegada do PSA à Suruacá foi muito boa, mas o desafio permanente é de que a localidade caminhe com os próprios pés, o que em muitos momentos já aconteceu. Ele reconhece ainda que uma das lacunas deixada pelo Projeto Saúde e Alegria foi não continuar efetivamente o apoio em ajudar a

localidade de maneira mais intensa como no início no desenvolvimento da agricultura familiar e em outras ações efetivas.

Em sua fala, Djalma Lima reconhece que o PSA levou à Suruacá diversos tipos de plantio, mudança de viveiros, uma casa de beneficiamento de frutas, o que não vingou. Para ele, o PSA acreditou que os moradores de Suruacá já estariam preparados para tocar as ações adiante, mas isso não ocorreu. Em sua opinião, as lideranças ainda não estavam preparadas para o processo e faltou o incentivo e mais presença, mais apoio, pois muitos moradores ainda precisam de incentivo e presença.

O ACS revelou ainda que, na área da saúde, o PSA não está mais tão presente como no início e ele, sozinho, por ser remunerado pelo município, tem de atender 127 famílias. Em relação à saúde que antes era assistência do PSA por meio do Barco-Hospital Abaré cujo prazo de desenvolvimento das ações já terminou o atendimento hoje é de responsabilidade da Secretaria Municipal de Saúde de Santarém.

Djalma Lima sente falta de maior acompanhamento e presença de agentes proponentes do PSA que antes davam treinamento em diferentes áreas como capacitação de lideranças na saúde, no jornalismo, na agricultura familiar, mas, depois do treinamento, foram embora e deixaram a comunidade sozinha. Ele afirma que hoje, efetivamente, o PSA ajuda mais na manutenção do Telecentro e no Projeto de Inclusão Digital na escola local.

Na conclusão da fala do segundo entrevistado, sente-se que ele deseja uma presença mais efetiva do PSA que, segundo ele, um dia já foi maior. Reconhecendo a ausência do estado na efetivação de políticas públicas, o que deu certo na história que ele vivenciou foi a presença da ONG junto aos comunitários, em um tempo que já se passou e que ficou marcado.

A terceira entrevistada, Maura Bentes Carmo, 53 anos, nascida em Suruacá em 07 de abril de 1959, trabalha como servente da Escola Municipal e concedeu entrevista em frente ao Telecentro Comunitário onde funciona a Rádio Comunitária Japiim¹². Quando perguntada sobre a chegada da ONG-PSA na localidade, disse que ainda era jovem quando a ONG chegou a Suruacá. Ela lembra que de início

¹² Pássaro da região, de plumagem e coloração preta e amarela, construtor de grandes ninhos na copa das árvores da Amazônia. Por duas vezes em que se mudou o prédio da rádio comunitária de Suruacá, os japiins migraram e fizeram seus ninhos em árvore ao redor da estação radiofônica, motivo pelo qual os moradores chamaram a Rádio de Japiin.

houve resistência por causa dos agentes virem de fora. Assim, ela conta que muitas localidades da região não aceitaram o Projeto Saúde e Alegria, mas Suruacá aceitou a proposta do médico Eugênio, sendo que uma minoria não queria.

Segundo lembra Maura Bentes, a primeira ação da ONG-PSA foi com relação à saúde e comunicação, com informações sobre a importância de ações preventivas no uso da água. Ela firma que, após uma capacitação de lideranças, a saúde melhorou muito, pois, antes da ONG, a água era muito poluída, cheia de fungos e limo. Na época, os moradores cavavam cacimbas, os pocinhos na beira da praia em busca de água mais limpa para beber.

Na opinião de Maura Bentes Carmo, a ONG-PSA usou da comunicação e educação para ajudar a comunidade a cuidar da saúde de seus membros. Segundo ela, isso foi o básico, o fundamental na conjugação de esforços de agentes, monitores e moradores em ações conjuntas.

A entrevistada afirma ainda que o Projeto envolveu a escola e criou a rádio comunitária para levar a cada membro da localidade informações sobre educação em saúde. A partir daí, não se teve mais problemas graves de saúde, principalmente entre as crianças, pois diminuiu o índice de mortalidade infantil que era muito alto na época devido a problemas de desidratação.

De acordo com a Maura Carmo, mesmo os membros do PSA tendo vindo de fora, sempre valorizaram a cultura local, conservando os costumes do lugar e promovendo ações de reconhecimento e de valorização da própria cultura. Para ela, “eles educaram a gente pra viver a própria cultura, reconhecendo e valorizando o que antes não se valorizava” (MAURA BENTES CARMO, entrevista concedida ao pesquisador, em outubro de 2012).

Outra ação importante do PSA, destacada pela entrevistada, foi ter ajudado no fortalecimento da organização comunitária, sendo este um dos temas usados desde o início pelos proponentes do Projeto. “A gente aprendeu muito a se organizar e nos tornamos exemplos para outras localidades” (MAURA BENTES CARMO, entrevista concedida ao pesquisador, em outubro de 2012), destacou.

Na opinião de Maura Bentes Carmo, a ONG PSA só fez bem e continua fazendo bem para Suruacá, dando oportunidade para crianças, jovens e adultos, experimentarem novos conhecimentos para vivência local, como o sistema de informação que envolve rádio, jornal, internet e telefonia celular.

O quarto entrevistado, Joaci Barreto Marques, de 54 anos, nasceu em 13 de novembro de 1957, em São Luiz, localidade próxima à Suruacá. Agricultor e locutor da Rádio Japiim há 17 anos, um dos fundadores da rádio, apresenta o programa semanal Japiim Show. Segundo ele, o que de mais importante o PSA trouxe para a localidade foram as informações sobre saúde e educação, assim como informações para a agricultura e para os meios de comunicação que ajudaram de maneira especial a juventude local.

O entrevistado relembra suas primeiras experiências comunicacionais com o PSA e do crescimento obtido. “Começamos aqui com fitas, depois veio CD, DVD e agora estamos com internet” (JOACI MARQUES, entrevista ao pesquisador, outubro de 2012), conta o agricultor locutor que confessa que, desde a terceira série primária tinha o sonho de ser locutor de rádio, ao ouvir a programação da Rádio Rural de Santarém¹³, respondendo, sem duvidar à professora quando esta perguntava o que ele queria ser quando crescesse.

Joaci Marques disse que a educação e a comunicação são fundamentais para que a comunidade caminhe a cada dia se comunicando entre si e com o mundo. Ele abriu as portas do pequeno estúdio onde funciona a rádio no Telecentro Comunitário e passou a operar os equipamentos e a fazer a locução comunicando avisos de interesse dos moradores por ocasião da pesquisa de campo feita para este trabalho.

A quinta entrevistada, Carla Mayara Melo Vasconcelos, 30 anos, nascida em 15 de maio de 1981, em Suruacá, identificou-se como monitora voluntária no Telecentro Comunitário, realizando esse trabalho há 05 anos. Relatou que acompanha o Projeto Saúde e Alegria desde a adolescência, quando tinha 16 anos, e disse que, com a chegada do PSA, muita coisa melhorou não só em Suruacá, mas também em outras comunidades ribeirinhas do Tapajós, Amazonas e Arapiuns, em relação à saúde, à educação e à comunicação.

Segundo Carla Mayara, muitos jovens deixaram um pouco mais a timidez e começaram a participar de atividades de interesses da coletividade que vive às margens dos rios. A entrevistada reconhece ainda que o PSA trabalha juntamente com as lideranças da localidade na valorização da cultura local. Ela frisa que “hoje os moradores de Suruacá já podem partilhar sua própria identidade com o mundo via internet” (CARLA MAYARA MELO VASCONCELOS, entrevista ao pesquisador,

¹³ Emissora de rádio pertencente à Igreja Católica – Diocese de Santarém e que está há 49 anos no ar, sendo uma das mais ouvidas da região amazônica a partir do oeste paraense.

outubro de 2012) e ressalta que o PSA ajudou muito nas ações educativas e comunicacionais para a qualidade de vida.

Há 17 anos, desde o início da Rádio local, Carla Mayara vem ajudando no processo comunicacional, falando nos microfones sobre a cultura da comunidade, o meio ambiente e os acontecimentos do cotidiano. Ela disse que, no início, foi um pouco difícil o contato com o microfone, mas que, com o passar do tempo e o apoio do PSA com oficinas e treinamentos em rádio, jornal e internet, foi tomando gosto e jeito para o trabalho. Sobre a rádio, ela destacou: “De uma rádio poste passamos a uma rádio FM, chegando agora não só nas casas dos moradores de Suruacá, mas também em casas de comunidades vizinhas” (CARLA MAYARA MELO VASCONCELOS, entrevista ao pesquisador, outubro de 2012).

O sexto entrevistado, Antonio Bentes Farias, um senhor de 69 anos que nasceu em Suruacá, em 27 de setembro de 1942. Falou pouco, mas em sua fala, reconhece que o Projeto Saúde e Alegria é um parceiro muito importante para os moradores de Suruacá. Em sua opinião, a ação mais importante do Projeto na localidade foi em relação à saúde, principalmente ao tratamento da água que agora é tratada e de boa qualidade. Para ele, o tratamento da água amenizou muito os problemas de saúde que a comunidade enfrentava.

A sétima entrevista selecionada foi com Margarete Colares Lima, uma senhora de 50 anos, dona de casa, entrevistada à frente de sua residência. Ela disse que nasceu em 11 de maio de 1962, em Suruacá. Lembra que, quando da chegada do Projeto Saúde e Alegria, tinha ainda 25 anos. Segundo ela, foi um pouco difícil, pois alguns moradores não queriam aceitar a implantação do Projeto. Depois de várias conversas, os membros da organização foram aceitos e bem recebidos, ajudando a localidade com muitas ações, dentre elas, logo de início, a implantação do sistema de água, que foi fundamental para os moradores que não sabiam como tratar a água. Segundo relata: “Hoje temos poços e cloro para tratar a água que chega por torneiras nas casas dos moradores” (MARGARETE LIMA, entrevista ao pesquisador, outubro de 2012). Ela destaca ainda as ações de comunicação do PSA que favoreceram a relação entre os membros de Suruacá, por meio de celulares, assim como o contato com outros lugares da região e do mundo por meio do sinal de internet. Diz ela: “Hoje, se meu filho viaja pra Alter do Chão e demora, eu já estou ligando pra saber o que aconteceu, se ele já chegou ou que horas ele vai chegar” (MARGARETE LIMA, entrevista ao pesquisador, outubro de

2012). Em seu relato a entrevistada destaca que, nesses 25 anos, em alguns momentos, a presença do PSA não se fez tão intensa como logo no início, mas o Projeto nunca abandonou a relação com os moradores da localidade, ajudando a formar agentes comunitários e monitores locais, estando, por meio deles, sempre presentes em Suruacá.

3.6 Análise das sete entrevistas sobre a ONG - PSA e Suruacá

No livro *Ação Cultural para a liberdade*, Freire (1981) lembra que é próprio dos seres humanos dizerem o mundo através do seu trabalho, de sua ação, de sua cultura. Para ele, cultura e história são produtos humanos. A ação, a fala, a manifestação vista na pesquisa de campo em Suruacá, nas entrevistas diversas feitas e nas sete selecionadas, remetem ao pensamento que alguns moradores, de longa data, têm sobre Projeto Saúde e Alegria. Essas falas podem ajudar na análise comparativa sobre teoria e prática das ações propostas pelo PSA para a Amazônia e desenvolvidas em Suruacá, a partir das sensações, dos sentimentos, das impressões, do imaginário dos moradores do lugar.

Reconhece-se que a amostra balizada para a presente pesquisa é pequena se for levada em conta a população total de Suruacá, mas é significativa na perspectiva freiriana do reconhecimento do protagonismo da pessoa humana na criação da cultura e da história quando a esta não é negado o direito fundamental à liberdade, e liberdade de ter vez e voz, sendo partícipe do processo de construção do conhecimento e da própria realidade.

Em Freire (1996), percebe-se o movimento da mudança por meio de uma ida da dialética, ou seja, do reconhecimento das diferenças e destas na luta entre dominadores e dominados, mas que remete à possibilidade do diálogo entre estes quando se rompe com a cultura do silêncio do primeiro imposta ao segundo, pois a liberdade vem pela consciência do dominado de sua própria condição de subordinação e de quando este luta, não com as mesmas armas do dominador, mas com a liberdade da consciência e da organização em grupo para lutar por condições dignas de vida e de liberdade.

Na análise das entrevistas selecionadas na pesquisa de campo em Suruacá, buscou-se nas linhas e entrelinhas, no dito e no não dito, reconhecer processos dialéticos, dialógicos e complexos, na luta pela sobrevivência e por condições

sempre melhores de vida e de dignidade que passa pelos campos da comunicação, cultura e educação.

O primeiro entrevistado, a terceira e a sétima entrevistados destacaram a resistência inicial que os membros do PSA tiveram por parte de alguns ribeirinhos em localidades que não quiseram a ação da ONG. Suruacá foi a primeira localidade em que os moradores aceitaram a presença do PSA, mesmo com rejeição de alguns, no início.

A análise mais a fundo vem por parte do segundo entrevistado. Por acompanhar o PSA desde o início e ter trabalhado vários anos como voluntário e, depois, como agente do Projeto, ele reconhece os pontos positivos e negativos. Três pontos chamam atenção em sua fala: primeiro que o PSA não atua com a mesma intensidade quanto no início, principalmente na área da saúde, ficando a responsabilidade para a Prefeitura de Santarém que dispõe de apenas um ACS na vila; segundo, que algumas ações do PSA não vingaram, por conta de que nem todos os envolvidos no processo estarem capacitados para dar continuidade; e terceiro que as ações atuais do PSA na localidade concentram-se na dimensão da comunicação e educação no Telecentro Comunitário.

A mais entusiasta das entrevistas foi a da terceira entrevistada. Ela somente reconheceu pontos positivos na atuação do PSA em Suruacá. Afirmou que houve respeito pelos moradores em suas vivências culturais. Segundo ela, “o Projeto envolveu a escola e criou a partir daí a rádio comunitária” e ainda “o PSA só fez bem e continua fazendo bem para Suruacá [...] veio a somar e ajudar na melhoria a cada dia, dando oportunidade para crianças, jovens e adultos, experimentarem novos conhecimentos para vivência local”. Um dos pontos mais interessante é que a terceira entrevistada reconhece a importância do PSA articular comunicação e educação, quando afirma que “o PSA usou da comunicação e educação para ajudar a comunidade a cuidar da saúde de seus membros [...] na conjugação de esforços de agentes, monitores e moradores em ações conjuntas” e isso, como já havia destacado acima, no respeito à cultura local.

O quarto entrevistado e a quinta entrevistada vivenciaram diretamente a experiência com os processos e instrumentos de comunicação levados pelo PSA para Suruacá. Ele, um agricultor rural que sonhava em ser locutor de rádio e ela, uma adolescente que aos, 16 anos falou, pela primeira vez ao microfone. Hoje ele tem 54 anos, mas desde os 37, portanto há 17 anos, atua como locutor da Rádio

Comunitária. É um tempo significativo, assim como o da jovem que começou aos 16 e hoje está com 30, acumulando um bom tempo no serviço de locução na localidade e, nos últimos 05 anos, sendo uma das monitoras no Telecentro Comunitário de Suruacá.

Os sete entrevistados são unânimes em reconhecer a ação fundamental do PSA na área da saúde. Reconhecem que a intervenção do PSA, na saúde preventiva e nos cuidados básicos com a água e a qualidade de vida, foi importante para combater a mortalidade entre os recém-nascidos e, mesmo, entre adultos e idosos do lugar.

3.7 O Telecentro Comunitário, para onde tudo converge

O que mais chama a atenção, hoje, em Suruacá, 25 anos após o contato dos moradores da localidade com a Organização Não Governamental Projeto Saúde e Alegria, é a grandiosa torre de uma empresa de telefonia celular, avistada ao longe quando se navega pelo Tapajós e se vislumbra o elevado onde a localidade está situada. Como uma espécie de marco e farol, a torre ajuda até mesmo na identificação da localização geográfica pra quem não é conhecedor da região.

Mas, dentro da pequena vila, a construção em madeira, em dois andares, a mais alta da localidade, mais alta até mesmo do que a torre da Igreja é o que também chama atenção. É lá que está instalada a sede do Telecentro Comunitário de Suruacá. É lá o local em que funcionam os treinamentos educacionais e culturais, as instalações da FM Comunitária, salas de aula e laboratórios de inclusão digital. Experiências com jornal, rádio, vídeos e internet, agregados à Rede Macoronga de Comunicação Popular da ONG-PSA, encontram-se no Telecentro Comunitário.

Passados 25 anos da chegada do Projeto Saúde e Alegria na vila, muito mais do que a grandiosidade do Barco Hospital Abaré que, de tempos em tempos, aportou na localidade, é a sede do Telecentro o sinal mais visível da interrelações e convergência de ações da ONG-PSA em Suruacá.

A partir da pesquisa exploratória em visita à Vila, a lembrança do Programa Comunicação, Cultura e Educação da ONG-PSA, relacionada à convergência de saberes nas ideias de Edgar Morin, Jesus Martín-Barbero e Paulo Freire, revigorou o sentido da pesquisa na problematização do que diz a ONG na Teoria, dos que dizem

os autores em suas ideias e do que de fato se ouve e de vê nas ações e falas dos moradores de Suruacá a partir do Telecentro Comunitário.

Se como lembrou um dos moradores de Suruacá, a ONG-PSA hoje não é mais tão presente ou atuante como já foi em seu início, por uma série de fatores, sua presença é visível e inegável a partir do Telecentro. É como se este fosse uma extensão da sede da ONG à localidade.

Fábio Pena, respondendo como o atual coordenador do Setor de Comunicação e Educação do Projeto Saúde e Alegria, diz que 12 telecentros existem nas áreas atendidas pelas ações desenvolvidas em 150 comunidades nos municípios de Aveiro, Belterra, Juruti e Santarém. Em relação à experiência de Suruacá, pode-se verificar que as ações desenvolvidas propiciam a práxis, ou seja, a relação entre teoria e prática por meio do aprender e do fazer, do fazer e do aprender, nas ações do programa Educação, Cultura e Comunicação, programa já visto no primeiro capítulo.

A ação resulta em oficinas, “teias caboclas”, elaboração de roteiros para programas de rádio e vídeos a serem publicizados; assim como, na construção de blogs e sites comunitários, a educação para saúde e alegria na experiência social em Suruacá passa por meios e mediações em conexões na vivência popular, na arte, no lúdico e nas estratégias e processos comunicacionais.

O que se percebe nas ações do PSA, em Suruacá, sintetizadas no Telecentro Comunitário, é que estas refletem um processo de comunicação que vai além de uma concepção linear, mecânica, automática – sistema de transmissão. A comunicação e a educação, pela via cultural, são consideradas como movimento de construção permanente, que permite o envolvimento dos partícipes dos processos, através de compartilhamentos de mediação entre signos e os símbolos, fundamental à vida social e comunitária, em que emerge toda construção cultural.

Em todo processo educacional, os símbolos são fundamentais para que educador e educando compartilhem significados, partilhem experiências, uma vez que o processo de educação implica uma relação complexa entre cultura e comunicação, pois educadores e educandos vivem experiências diferentes, e, por isso, podem atribuir significados diferentes a mensagens idênticas, ou, ainda, distorcer as mensagens, aceitá-las ou respeitá-las. Isto dependerá do interesse do professor em compreender a cultura ou culturas dos estudantes em uma contemporaneidade dinâmica, diversa e complexa.

Os agentes da ONG Projeto Saúde e Alegria faz da relação entre educação, cultura e comunicação uma experiência processual que se dá a partir da vivência junto às comunidades ribeirinhas, sendo as mesmas partícipes de um processo que não se daria sem elas. Resta agora analisar que tipo de práxis acontece na experiência social da vila de Suruacá a partir de sua relação com as ações da ONG-PSA.

TEORIA, PRÁTICA E PRÁXIS



Foto: Arquivo do autor

4 TEORIA, PRÁTICA E PRÁXIS ENTRE A ONG-PSA E SURUACÁ

Vive-se hoje, como em outras épocas que têm suas dinâmicas próprias, um tempo de significativas mudanças sociais, econômicas, políticas e de expectativas científicas e tecnológicas. Um tempo de crise de concepções e paradigmas, mas também de esperança na busca da convergência de saberes e de integração do que é diverso. Silva (2007) ao compartilhar com Clotet (2007) e Morin (2007) pensamentos na obra *As duas globalizações: complexidade e comunicação – uma pedagogia do presente*, afirma que:

Só se esquece o que nunca se chegou a realmente possuir. O esquecimento do complexo diz mais sobre os mecanismos de produção do saber no mundo moderno do que inúmeras obras relativas à natureza desse tema. No esquecimento da complexidade, afirma-se a simplificação que rege procedimentos sofisticados, porém incompletos. A busca do complexo orienta uma aventura, nunca uma finalização. Na encruzilhada da memória com a herança, a procura do complexo que suplanta o esquecimento e supera, ainda que provisoriamente, a redução, sempre à espreita, fundamenta uma nova relação do sujeito com o objeto. Nela, tudo é rede. (SILVA, 2007, p. 21).

Nesta perspectiva de busca da complexidade, na análise da relação comunicacional e educacional de uma organização não governamental com uma localidade ribeirinha na Amazônia, a presente pesquisa reconhece uma dimensão mista o complexo e o simples. Os aparatos técnicos e tecnológicos de que dispõe a ONG-PSA são diversos. Cinco grandes programas são desenvolvidos em relações e interrelações diversas com 150 localidades fixadas geograficamente em quatro municípios da região oeste do Estado do Pará.

Uma análise completa e total desse universo é algo inatingível para o que a presente pesquisa aqui se propõe. Por isso, escolheu-se uma dentre as dezenas de localidades atendidas pelas ações da organização não governamental Saúde e Alegria. A escolha de Suruacá e de seu Telecentro Comunitário, na delimitação da pesquisa, não torna menos complexa a análise. São muitos os aspectos e detalhes a serem pesquisados mais profundamente nas dimensões da comunicação, cultura e educação.

O que se busca com este trabalho é a percepção do que a ONG-PSA propões com suas ações e o como os moradores de Suruacá, escolhidos para esta pesquisa, recebem e percebem essas ações. Além disso, o cruzamento da teoria e prática

resulta em uma práxis a ser também buscada para ser compreendida e evidenciada ao longo da pesquisa.

4.1 Da teoria à prática

Como dito acima, o objetivo deste trabalho não comporta o esgotamento da complexidade da ONG pesquisada, assim como não pretende também simplificar e abarcar todo o universo simbólico do *lócus* da pesquisa na pequena vila de Suruacá. O que aqui se busca é a analisar comparativamente o que diz a ONG Projeto Saúde e Alegria e o que sentem e pensam os moradores da localidade, a partir das ações desenvolvidas em seu espaço, especificamente hoje no Telecentro Comunitário em que convergem as ações de comunicação, cultura e educação.

O pensamento que se faz a partir da relação entre complexidade e simplicidade vem da busca de articulação das propostas teóricas dos pensadores Edgar Morin, Jesús Martín-Barbero e Paulo Freire, no objetivo de comparar o que os agentes da ONG-PSA se propõem a fazer e o que de fato se dá em Suruacá, a partir da visão dos moradores. Daí que dialética, dialogicidade e complexidade são termos relacionados no que se busca da relação entre teoria, prática e práxis. Dialética no sentido das contradições e diferenças encontradas; dialogicidade, no sentido do encontro entre essas diferenças; e complexidade, no sentido da integração dessas diferenças em uma visão na uniforme, mas integrada a partir das diferenças e similaridades.

Analisar o todo nas partes e as partes no todo é um dos pontos fundamentais no pensamento de Morin (1991). Assim, a perspectiva de análise neste trabalho se faz na interrelação do que se dá em Suruacá a partir do que propõe a ONG-PSA e não o que se dá na ONG-PSA a partir de Suruacá. Nesta perspectiva, o texto fica em aberto na busca de integração em uma dimensão maior a ser permanentemente construída, desconstruída e reconstruída novamente. Isso porque, como lembra Silva:

Todo texto se trai ao cristalizar-se. Assim, o tecido de ontem exige a revisão de hoje. A rede amplia os seus nós, diversifica os seus links, destaca as incorreções, exige esclarecimentos, enfatiza o que não está em fase, sublinha a falta de sintonia, cobra o movimento das ideias que defendem o movimento. Obra em construção, o ensaio tem sempre uma dimensão de ensaio. Repetição para teste, simula o dito que ainda não foi dito, o qual, ao ser dito, restará imperfeito, logo pedindo novas versões. (SILVA, 2007, p. 21-22).

Nesse sentido, a aparente simplicidade de uma ideia e de uma reflexão não dispensa a complexidade e tampouco esta dispensa àquela. Assim, o esforço aqui empreendido na busca de um pequeno olhar para a grandiosidade de um empreendimento de duas décadas e meia, direciona-se para quem, em sua simplicidade e em sua localidade, espera por atenção e cuidados em políticas públicas que deveriam ser assumidas pelo Estado. Ações governamentais do que é básico e necessário são escassas ou inexistentes. O que se percebe em muitas localidades é, senão a ausência, a negligência do Estado no que diz respeito a políticas públicas fundamentais.

Mas, a figura do Estado, sozinha, no mundo contemporâneo, parece não dar mais conta de permear o imaginário popular no que diz respeito às populações necessitam. O estágio atual do capitalismo, em sua face neoliberal, cria necessidades ficcionais que vão além das necessidades materiais.

Marcondes Filho (1994) lembra que, na Pré-Modernidade, prevalecia uma cultura teocêntrica em que tudo se explicava pelo sagrado; na Modernidade, emergiu uma cultura antropocêntrica em que tudo devia ser explicado pela razão; já na chamada Pós-Modernidade, emerge uma cultura tecnocêntrica, cujas máquinas e os dispositivos maquínicos e eletrônicos, mais do que técnicos, tecnológicos, remetem à hegemonia de processos que vão além de diferentes de experiências anteriores, deixando como saldo uma crise dos paradigmas passados e, como também o atesta Hall (2003), um descentramento do sujeito que já não mais se sustenta como nos modelos do sujeito do Iluminismo e nem do sujeito sociológico do Interacionismo simbólico.

Atualmente, termos como sujeito, identidade, nação, estado, comunidade, dentre outros, passam por uma revisão no sentido de não darem mais conta da pluralidade polifônica e polissêmica por que passa a sociedade em uma condição de modernidade tardia, ou pós-modernidade como chamam alguns autores contemporâneos.

A nova configuração mundial também ocorre em localidades interioranas, nos mais longínquos recantos do mundo, assim como também na Amazônia brasileira, inclusive em Suruacá que, a partir da chegada da ONG-PSA, os moradores têm experimentado ao longo dos últimos 25 anos, processos convergentes entre comunicação, cultura e educação, em mediações, meios e mediatizações, alterando a realidade tradicional.

O aceleração tecnológica, inclusive e talvez principalmente no campo das tecnologias comunicacionais, em face global das estruturas de poder econômico e político do capitalismo, a partir de seu ordenamento mundial, avança em várias dimensões. Sodré (2010) não deixa de denunciar, neste tempo de mediatização e neoprodução tecnocultural, as estratégias do neoliberalismo transnacional em novas faces do poder. Para Marcondes Filho, o poder que era atribuído ao Estado na Modernidade, passa na Pós-modernidade para a hegemonia do mercado e este, considerado economicamente globalizado, faz com que, por meio de instrumentos maquínicos e mediáticos, padrões sejam impostos, mas aceitos passivamente, de maneira a mexer com os sentidos e desejos dos envolvidos nos processos.

Assim, concepções macro, mercadológicas, influem diretamente em todos os *lócus* alcançados pelo sistema capitalista, alterando a maneira de viver dos povos. Esse fetiche do capital que, em diferentes épocas, ganha nova roupagem, faz-se agora por um fascínio maquínico de alcance transnacional, gerando novas ambiências e novos sentidos para a cultura e o ordenamento cultural.

Todavia, lembra Sodré (2010) que não cabe agora a mesma análise feita pelos críticos da Escola de Frankfurt ao denunciar a Indústria Cultural. Termos como ‘sociedade de massa’ e ‘indústria cultural’ não cabem mais em um contexto em que um novo *sensorium*, como apontava Walter Benjamin, na contramão da mesma Escola Alemã, passa a prevalecer em novos tempos. Portando, não cabe mais considerar como ‘massa alienada’ os que usufruem e inter-relacionam-se com os novos processos comunicacionais que chegam aos mais longínquos cantos do planeta, como tem sido também em Suruacá.

Em artigo intitulado “Desafios Culturais da Comunicação à Educação”, Barbero (2000), citando o contexto colombiano, fala do surgimento na sociedade contemporânea de um ecossistema comunicativo que está se transformando em algo tão vital como o próprio ecossistema verde, ambiental. Ele explica:

A primeira manifestação e materialização do ecossistema comunicativo é a relação com as novas tecnologias [...] com sensibilidades novas, muito mais claramente visíveis entre os mais jovens. [...] Trata-se de uma experiência cultural nova, ou, como chamou Walter Benjamin, um *sensorium* novo. Novos modos de perceber e de sentir; uma nova sensibilidade que, em muitos aspectos, se choca e rompe com o *sensorium* dos adultos. (BARBERO, 2000, p. 4).

Em Suruacá há, conforme verificado na pesquisa de campo, uma alteração nos processos comunicativos e educacionais a partir das ações do Projeto Saúde e Alegria. Na localidade, esse “ecossistema comunicativo” (BARBERO, 2000, p. 4) se faz sentir. O Núcleo de Comunicação, Cultura e Educação da ONG-PSA busca desenvolver atividades educomunicativas na interface entre comunicação e educação, valorizando a cultura local, mas trazendo também novos elementos que proporcionem o contato com novas ambiências comunicacionais.

Hoje, como visto no capítulo anterior deste trabalho, as atividades da ONG-PSA são concentradas, no Telecentro Comunitário da vila. São ações como cursos de inclusão digital, produção audiovisual, além da programação, produção e execução das atividades da rádio comunitária e de oficinas e outras ações de parceria entre os agentes da ONG e habitantes de Suruacá.

Mesmo que nem todos os moradores frequentem o Telecentro, e sejam os jovens a grande maioria a participar diretamente das ações entre comunicação, cultura e educação, os adultos e idosos também participam dos resultados do trabalho nas produções veiculadas no jornal comunitário, rádio e TV comunitária que integram a Rede Mocaronga de Comunicação¹⁴.

Com a chegada da telefonia celular¹⁵, muitos dispõem hoje de aparelhos celulares que facilitam o contato imediato entre os moradores do local entre si, e com outros de localidades vizinhas e outras partes do mundo. Assim, a localidade vive, além dos processos de mediações a partir dos contatos e meios tradicionais, novos contatos, novas ambiências e novas mediações a partir de novos instrumentos comunicacionais.

Esse processo, conforme verificado em pesquisa de campo, não alterou ainda plenamente a maneira de ensinar e aprender que se desenvolve na escola local. Assim como nos grandes centros, as escolas ainda não acompanham plenamente as mudanças e os impactos causados por novas tecnologias comunicacionais. Em Suruacá ainda coexistem lado a lado, escola e telecentro comunitário com atividades próprias cada um, mas que se entrecruzam em algumas dimensões.

¹⁴ Rede fundada pela ONG-PSA a partir do nome Mocaronga atribuído ao morador que nasce no município de Santarém e tem orgulho e amor por sua terra, diferente do significado pejorativo que o termo tem em outras regiões do Brasil.

¹⁵ Em Suruacá, foi implantada uma grande torre que recebe e distribui sinal da companhia de telefonia Vivo, possibilitando também acesso à rede mundial de computadores.

Na análise feita em Suruacá, a partir do que se leu do pensamento de Freire (1983), buscou-se distinguir comunicação e extensão, reconhecendo que o protagonista e sujeito da comunicação, cultura e educação é o ser humano autônomo, consciente e livre. Em Suruacá, mesmo com os limites das ações da ONG Saúde e Alegria, percebe-se que muitos moradores, a partir das ações desenvolvidas, assumiram o protagonismo de construção da própria história, rompendo assim como uma visão tradicional em que o emissor seria absolutamente ativo no processo e que o receptor passivamente receberia o enunciado.

Mesmo que os moradores de Suruacá dependam em muitos momentos da iniciativa da ONG-PSA para articular-se e desenvolver-se, percebe-se que o processo educomunicacional¹⁶, em uma dimensão pedagógica convergente, tem favorecido um ecossistema comunicacional participativo. Assim, o que se propõe na prática pelo ONG, em suas linhas gerais, ocorre na localidade de Suruacá, pelo que se faz sentir, ver e ouvir no depoimento das lideranças envolvidas desde o início das atividades com o Projeto Saúde e Alegria.

Pelo conteúdo proposto e divulgado pela ONG-PSA em seu site oficial, vídeo institucional e materiais impressos, analisados pela pesquisa de campo e disponibilizados em www.saudeealergia.org.br, verificou-se sementes de criticidade pelo diálogo e práxis inspiradas no pensamento de Paulo Freire para uma educação além do ambiente escolar na sala de aula.

Todavia, em relação à articulação com outros movimentos sociais que têm presença atuante na região, há críticas ao isolamento do Projeto Saúde e Alegria, no sentido de ficar preso nas próprias ações. Um exemplo é o processo de criação da Resex Tapajós-Arapiuns. De acordo com Florêncio Vaz, a ONG-PSA não se fez presente e atuante durante a luta dos moradores para consolidação da Reserva, como será visto no depoimento do frade transcrito no V Capítulo deste trabalho.

Na pesquisa, percebeu-se ainda, os pontos desafiadores levantados pelo pensamento de Martín-Barbero (2000) que reconhece que a escola e os livros tradicionais não ocupam mais o lugar central na vivência das novas gerações. Para ele, novas estratégias, na sintonia com as novas construções tecnológicas, devem ser levadas em conta no processo pedagógico. Diz Barbero que

¹⁶ Do termo Educomunicação, interface que reúne comunicação e educação em uma perspectiva convergente, transdisciplinar e transmetodológica, desenvolvida no Brasil a partir do trabalho do Professor Ismar Soares e outros na Escola de Comunicação e Arte – ECA da Universidade São Paulo – USP.

a escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional. (BARBERO, 2000, p. 5).

Em Suruacá, a partir das ações de comunicação, cultura e educação, convergidas na relação entre a arte, o lúdico, costumes culturais locais e preservação do meio ambiente, reunidas nas ações pedagógicas promovidas no Telecentro Comunitário, há um grande ensaio para uma integração dialógica, sem negar as diferenças e os desafios da diversidade de estar aberto ao mundo que se abre pela possibilidade de interconexão com outros sites e canais das redes na internet.

É claro que nem todos os usuários da internet e de outros recursos disponibilizados no Telecentro de Suruacá o fazem exclusivamente para ações orientadas pela ONG-PSA para os próprios blogs construídos nas oficinas orientadas pela ONG. Não se percebeu, também, na pesquisa, que haja uma conscientização no sentido de participação política efetiva nos movimentos de esquerda ou no acesso a sites mais alinhados com a visão crítica ao sistema capitalista neoliberal. A nova ambiência envolve outras dimensões de encantamento e prazer tipificadas como característica da modernidade tardia.

Todavia, o objetivo da ONG-PSA, conforme entrevista com o coordenador do Núcleo de Comunicação da entidade, Fábio Pena, não é cercear os povos na Floresta e isolá-los do contato com o mundo e com a produção dos bens simbólicos inclusive do mercado capitalista. A ONG busca trabalhar, a partir da visão de empreendimentos sustentáveis, uma economia da floresta que possibilite às populações, que nela e dela vivem, ascender cultural e socialmente.

Há, aí, uma dimensão complexa na qual se falava no início desse capítulo a partir de reflexões aparentemente simples. Por exemplo, o desenvolvimento das populações ribeirinhas não remeteria à uma urbanização da população rural? Seria a ruralidade, com suas expressões próprias, descentrada? Não é objetivo desta pesquisa resolver essas questões, mas, a respeito disso, a entrevista com o jornalista Manuel Dutra, de certa forma explanada no primeiro capítulo, também resultou na seguinte reflexão:

Será que os povos da Amazônia, os moradores das florestas, têm de ficar “congelados” em sua localidade, como guardiões da floresta para garantir ao mundo e ao capitalismo produtos e ar para respirar? Será que essa preservação das riquezas naturais e essa valorização dos povos originários ou dos “caboclos” é para que eles permaneçam petrificados com a natureza? Eles ficarão como “guardiões intocáveis da floresta” como já se disse dos índios? Os índios já foram vistos no passado como estorvo ao progresso, de repente viraram os “guardiões da floresta”. Mas esses povos de hoje viverão como “guardiões da floresta” vivendo primitivamente em séculos futuros também? Ou eles não têm os direitos que nós das cidades temos à educação, à promoção, ao conforto da modernidade, aos chamados bens da cultura? (MANUEL DUTRA, entrevista concedida ao pesquisador em junho de 2013).

Perguntado se a afirmação acima não seria um paradoxo entre urbanidade afirmada e ruralidade negada, e ainda se a urbanidade chegaria à realidade rural, o jornalista se manifestou:

O que a gente tá vendo do contato dos povos indígenas com as cidades é uma desgraça. Em Roraima eu vi vários jovens indígenas estudando, muito esforçados, inteligentes. Mas, ao mesmo tempo eu vi jovens em bairros só ocupados por famílias indígenas vivendo cooptados por outra cultura que não é a deles. Não há diálogo intercultural nesse caso. Há um abafamento de uma como historicamente houve. Há uma destruição, pois jovens indígenas aos montes estão indo para o alcoolismo, viciados em crack e meninas sendo prostituídas. Então, este modelo de cidade eu tenho fé em Deus que nunca chega para os povos da floresta. Não poderia haver uma inserção na modernidade de outra maneira? (MANUEL DUTRA, entrevista concedida ao pesquisador em junho de 2013).

Há em Suruacá o ensaio da construção de novas possibilidades de cruzamento entre dimensões rurais e urbanas, no que diz respeito ao uso das novas tecnologias comunicacionais. E isso vem sendo possibilitado pelas relações entre comunicação, cultura e educação a partir do trabalho da ONG-PSA e pelo protagonismo dos próprios moradores em sua atuação nos programas da organização visando o desenvolvimento local. Mas, ao mesmo tempo, percebe-se na localidade a ausência de políticas públicas de saúde, educação, e infraestrutura vistas nos centros urbanos. Se mesmo nos centros urbanizados da região amazônica essas políticas já são deficientes, nas regiões ribeirinhas na maioria das vezes são inexistentes.

A partir do processo educacional, há a possibilidade do repensar das relações entre ruralidade e urbanidade nas ações de integração e interrelação com aspectos globais relacionados ao cotidiano da localidade, no despertar da consciência cidadã. Contudo, vale ressaltar que esse processo que Freire chamaria de ‘conscientização’ não se dá em todos os moradores, ao menos em todos os que

foram entrevistados e alcançados por essa pesquisa. Há uma consciência crítica na análise das ações da ONG-PSA e dos resultados destas na visão daqueles que foram envolvidos diretamente com elas, e assim, passaram por um processo de formação e ampliaram a sua visão a partir dos desafios propostos.

Pela via da emoção, da afetividade, da subjetividade intuída e manifesta nas vivências mais simples dos atendidos na busca pela saúde, percebeu-se na pesquisa os anseios de mudança e de qualidade de vida para os moradores da localidade. Talvez a simplicidade e o silêncio dos que não foram ouvidos diretamente na dinâmica da pesquisa, diga muito. Muitos, mesmo não falando, manifestaram no olhar e na atenção, o desejo de querer mais e melhor para si e para os seus pares no lugar em que habitam.

Quando comunicação, cultura e educação se entrecruzam naquilo que Morin (2011) chama de valores complexos, os resultados de análise da pesquisa não se dão apenas pelo viés racional, como que vindos da uma racionalidade pura. É necessário, segundo Morin (2011, p.42), “ultrapassar a ideia de razão pura, pois não há racionalidade sem afetividade. É preciso uma dialógica entre racionalidade e afetividade, uma razão mestiçada pela afetividade, uma racionalidade aberta” (MORIN, 2011, p. 42).

A mesma paixão pelos processos diversos se vê em Freire (1996), quando reconhece a necessária diferença nos processos comunicacionais e educacionais que primam pelo diálogo e liberdade, na tarefa de se assumir enquanto gente, pessoa sempre em relação dialética e dialógica. Em *Pedagogia da Autonomia*, diz ele que

uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*. A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a *assunção* de nós por nós mesmos. É isto que o puro treinamento do professor (FREIRE, 1996, p. 18-19).

O pensamento de Barbero, Freire e Morin, favorecem a análise da relação entre teoria e prática na busca do sentido comunicativo e educativo manifesto na vivência cultural dos sujeitos em diferentes contextos, com suas simplicidade e complexidades. E esse processo dá-se pela dialética da aplicação do pensamento humano na natureza-cultura-história, tendo o diálogo como fundamento, sem negar as diferenças e as possibilidades de integração.

4.2 A práxis que resulta da relação entre ONG-PSA e Suruacá

A práxis observada em Suruacá, a partir das ações propostas pela ONG-PSA e pela recepção dos moradores no envolvimento nas ações, dá-se na perspectiva dialógica, da necessária relação entre o que se pensa e o que se faz. A pesquisa constatou que o diálogo dos agentes da ONG com os moradores e destes entre si foi estreitando-se. Segundo o que dizem os agentes da Organização e as lideranças entrevistadas em Suruacá, o objetivo é que os moradores assumam o protagonismo de lutar em defesa de sua história e cultura, abrindo-se ao diálogo com o mundo da pluralidade cultural, econômica, política e também mercadológica.

A partir das ações da ONG-PSA, reunidas no Telecentro Comunitário de Suruacá, percebe-se que a realização de ações convergentes possibilitam articulações complexas que levam a repensar o próprio sentido da presença de uma Organização Não Governamental por tantos anos na mesma localidade, assim como, ao questionamento da ausência governamental com políticas efetivas para a região amazônica. Como dito alhures pelo jornalista Manuel Dutra, “as ONGs hoje estão no vácuo, ocupando um espaço vazio, não de pessoas, mas de ausência dos governos, ou do Estado” (MANUEL DUTRA, entrevista concedida ao pesquisador em junho de 2013).

Jesus Martín-Barbero (2000) também aponta para essa distância entre as políticas de governo ou estado e a reais necessidades de um país. Barbero diz que se um país realmente quiser prestar um serviço verdadeiro a seu povo, tem de promover um encontro da educação com o país. E esse encontro vai além de introduzir novas tecnologias da comunicação e informação na escola ou em sala de aula ou mesmo de introduzir cultura e educação nesses meios. É preciso reconhecer que

o modelo predominante é vertical, autoritário na relação professor-aluno e linearmente sequencial no aprendizado. Introduzir, nesse modelo, meios e tecnologias modernizantes é reforçar ainda mais os obstáculos que a escola tem para se inserir na complexa e desconcertante realidade de nossa sociedade. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 52).

A promoção da região amazônica para o progresso não se faz eticamente sem a promoção das pessoas para a qualidade de vida na garantia de seus direitos fundamentais. Não se faz sem a participação consciente dos povos que vivem nessas e dessas localidades. E quando comunicação e educação se encontram, em uma perspectiva transdisciplinar, a interface aponta para um sentido novo manifesto na cultura e permanente movimento, enquanto construção humana e histórica.

Por sua vez, a construção do campo da comunicação, espaço no qual essa pesquisa é efetivada, passa pela necessidade de uma séria revisão epistemológica, buscando superar o engessamento de diferentes áreas que ficam presas nos limites de determinado espaço. O campo da comunicação pode favorecer relações dialéticas, dialógicas e complexas em perspectivas transdisciplinar, considerando aspectos que vão além da objetividade científica, sem, contudo, descuidar de referências epistemológicas e de diferentes paradigmas construídos historicamente.

Essa articulação se dá principalmente quando se reconhece a importância da relação e integração do pensamento, em uma perspectiva que considera a unidade na diversidade, no exercício filosófico, ou seja, do pensamento pensando em diferentes contextos, em novos paradigmas interpretativos a partir do paradigma da complexidade, em dimensão transdisciplinar, que considera o todo e as partes, isto é, que considera os processos globais sem desconsiderar as especificidades locais.

4.3 Correspondência entre o que propõe a ONG-PSA e o que ocorre em Suruacá

A pesquisa considera que a proposta publicizada pela ONG-PSA corresponde com a descrição dos moradores do local que nos últimos 25 anos têm acompanhado, trabalhado e recebido suas ações nas dimensões da comunicação, cultura e educação para a promoção da saúde e qualidade de vida na localidade.

A partir dos teóricos de base da pesquisa, percebeu-se ainda uma práxis convergente presente na relação comunicacional e educacional entre a ONG-PSA e os moradores de Suruacá, sendo que as ações convergentes ocorrem de forma

sistemática e expansiva a partir do Telecentro Comunitário que constitui hoje a ação mais significativa da ONG na localidade. Concluiu-se ainda que a presença da ONG não dispensa a ação do Estado na efetivação de políticas públicas nas áreas de educação e saúde.

A seguir, no quinto e último capítulo dos resultados desta pesquisa, um olhar sobre os olhares externos às ações de organizações não governamentais na Amazônia brasileira, dentre elas a ONG-PSA. São análises de pessoas que vivem na Amazônia há muitos anos e, neste contexto, acompanham ações diversas nas áreas da comunicação, cultura e educação e podem, de fora de Suruacá e da ONG-PSA, manifestar seu pensamento sobre essa relação.

OS OLHARES SOBRE SURUACÁ E A ONG-PSA

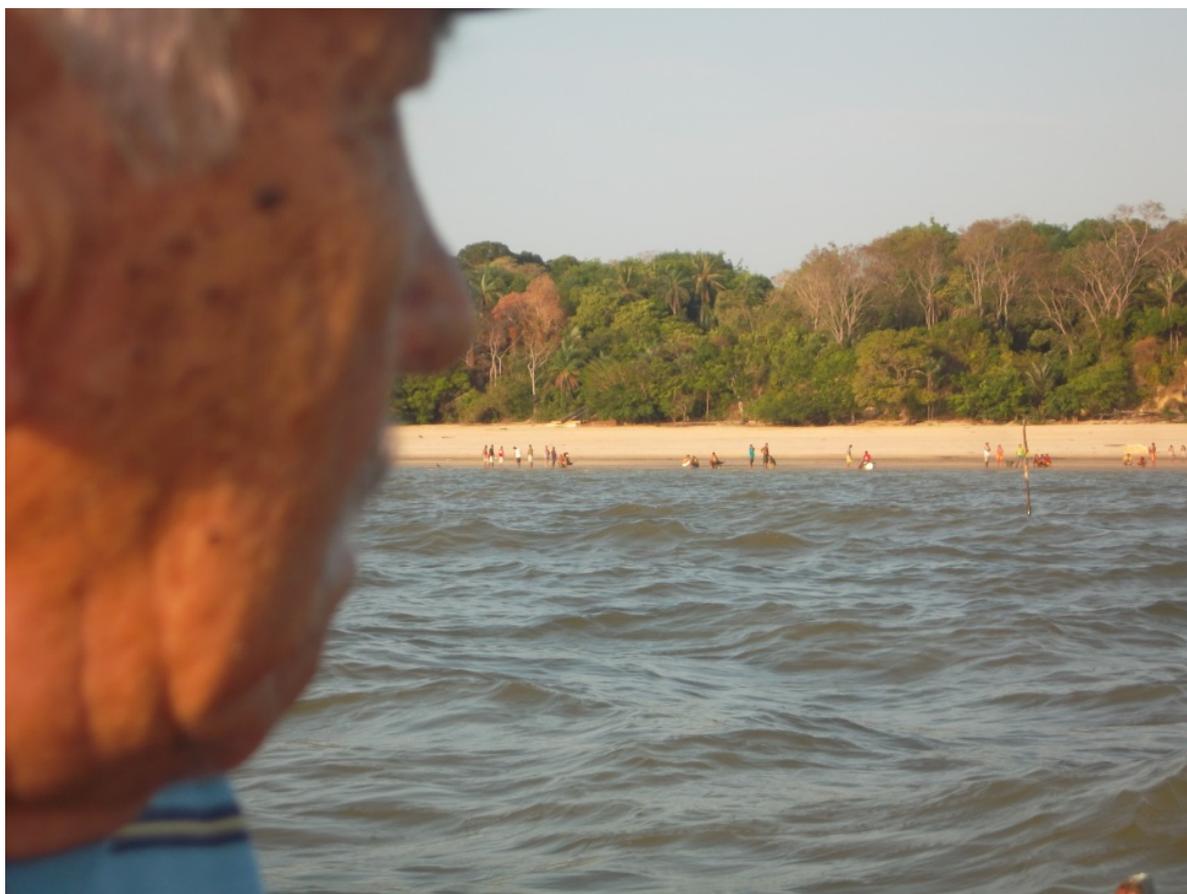


Foto: Arquivo do autor

5 ENTRE VISTAS E PONTOS DE VISTA SOBRE AMAZÔNIA, SURUACÁ E A ONG-PSA

Muito da história da Amazônia é vista sob o ponto de vista de pessoas ligadas a instituições como a Igreja Católica e movimentos sociais organizados, a partir da chamada conscientização política, aos moldes do pensamento freireano com inspiração cristã e marxista. Isso se verifica em grande parte das localidades ribeirinhas na extensão geográfica do município de Santarém no oeste paraense. Essas localidades, incluindo Suruacá, *locus* desta pesquisa, passaram a ser consideradas e, se autorreconhecem, como comunidades a partir do modelo de organização proposto pela catequese católica, nas décadas de 1960 e 1970, inspirada nas ideias de Paulo Freire aplicadas ao então jeito novo de ser Igreja das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Reflexões de grupos de base, a partir da Teologia da Libertação, favoreceram a organização dos trabalhadores do campo e da cidade em associações, sindicatos e partidos políticos alinhados a uma visão que até então se chamava de esquerda, baseada nas experiências ditas comunistas ou socialistas de inspiração marxista.

Em Santarém, a presença marcante do Movimento de Educação de Base (MEB)¹⁷, por meio de aulas transmitidas por vários anos pela Rádio Emissora de Educação Rural de Santarém desde 1964, contribuiu também para esse processo, com a criação de feiras da cultura popular¹⁸, no resgate e garantia da história de várias localidades no interior da Amazônia brasileira, levando-as assim a se identificarem como comunidades, na busca do reconhecimento da própria identidade e territorialidade.

No baixo e médio Amazonas, e também muitas outras localidades nos rios Tapajós e Arapiuns, encontram-se centenas de localidades que se intitulam comunidades. Por mais que essa terminologia, no campo das ciências sociais, seja hoje questionada quando se fala de temas como descentramento do sujeito,

¹⁷ O MEB foi um instrumento educacional voltado prioritariamente para a alfabetização de adultos da zona rural, trazido para Santarém pelo então bispo Dom Tiago Ryan que, ao mesmo tempo, fundou a Rádio Emissora de Educação Rural de Santarém, com fins de educação e evangelização. Inúmeras gerações foram formadas a partir dos círculos de educação de base por meio de monitores presentes ou à distância com aulas pelo rádio.

¹⁸ Essas feiras foram realizadas durante muitos anos pelo MEB e pela Rádio Rural, em uma grande praça pública em Santarém, às margens do rio Tapajós. As comunidades do interior vinham partilhar como o povo da cidade suas experiências, no sentido de organização e produção familiar, na arte, agricultura, experiências educativas e culturais.

desterritorialização, hibridização e mestiçagem, o auto-reconhecimento como comunidade é considerado na perspectiva de um mundo considerado plural e global, uno e diverso, na dinâmica da complexidade já abordada por Morin (1991), Hall (2003) e Sodré (2010).

O cientista social Florêncio Vaz, pesquisador da realidade ribeirinha amazônica no rio Tapajós, um dos entrevistados para este capítulo, defende o uso do termo comunidade por entender que o mesmo já foi assimilado pelas populações da região. Ele descreve a compreensão que tem do termo utilizado pela maioria das localidades no interior da Amazônia tapajoara¹⁹.

O termo comunidade, no baixo-Amazonas, foi colocado pela Igreja Católica com sua pastoral rural, motivada pelas ideias do Paulo Freire, nos anos 60 via Rádio Rural de Santarém. Hoje o termo já foi apropriado pelos nativos. Quando alguém sai de um povoado e começa a juntar as casas dele, da sua filha que casou, do primo que veio se juntar ali, não querem ir de volta pra onde vieram. Fazem um campo de futebol, uma capelinha e pedem para o padre visitar. E dizem que são uma comunidade. Nesse sentido, a palavra comunidade não é mais externa. E eu não tenho nenhum pudor de usar comunidade com um termo nativo, porque ele foi apropriado. Se não chamar comunidade muitos se sentem até ofendidos, porque a palavra comunidade dá a eles o sentimento de identificação, de pertença (FLORÊNCIO VAZ, entrevista concedida ao pesquisador, em junho de 2013).

Na pesquisa de campo, o que Florência Vaz diz acima foi constatado na localidade de Suruacá. A senhora Martinha Colares Bentes, moradora muito entusiasmada com o lugar, ao longo de 76 anos de vida, compõe versos e recepciona os visitantes com histórias e canções de sua própria autoria, exaltando Suruacá. Ela conta que “com a chegada da escola radiofônica do MEB, via Rádio Rural de Santarém, foi que Suruacá foi chamada de comunidade. Antes era conhecida como localidade” (MARTINHA COLARES BENTES, entrevista concedida ao pesquisador, em outubro de 2012). O sentimento de pertencimento possibilita que os moradores da localidade, considerem-se uma comunidade com uma identidade reconhecida em sua cultura por eles próprios e pelos de fora.

Diferente do pensamento tradicional de pertencimento fixo, o mundo no processo de globalização, experimenta uma espécie de descentramento do sujeito, termo utilizado por Hall (2003) quando fala da Identidade cultural na pós-modernidade. Mas, no imaginário do ribeirinho amazônida, a busca da essência precedendo à existência, na contramão do pensamento existencialista sartreano, é

¹⁹ Termo utilizado para falar do que é próprio da região banhada pelo rio Tapajós no oeste do Pará.

fato. Assim, muitos moradores tradicionais, a exemplo de Dona Martinha em Suruacá, sentem orgulho de ser considerados membros de uma comunidade.

Essa busca por identidades e identificações em movimento, no exercício intersubjetivo que rompe com o modelo de uma subjetividade autocentrada e plena, aos moldes cartesianos, abre-se a uma experiência descentrada que se move na dinâmica do ser e não ser. Esse é o objeto analisado na convergência e relação de saberes entre moradores de Suruacá e a ONG-PSA.

Não somente o olhar de uma realidade para a outra na busca da relação entre teoria e prática para compreender a práxis, mas também o cruzamento, dos olhares da ONG e Localidade/Comunidade, sob o ponto de vista de olhares externos à essa relação, reconhecendo que processos dialéticos, dialógicos e complexos estão envolvidos na questão.

Por isso, para este capítulo, foram reunidas visões externas à ONG-PSA, confrontando pontos de vista diferentes sobre a relação daquela com as populações amazônidas, especialmente com os habitantes de Suruacá. São pontos de vista de Edilberto Sena – padre da Diocese de Santarém ligado às lutas sociais em defesa da Amazônia, dirigindo à Rádio Rural de Santarém por doze anos, imprimindo uma marca de luta pela cidadania, democracia e vivência da ética à partir dos valores cristãos. Também foi ouvido Florêncio Vaz, descendente de indígenas da região e frade franciscano que, a partir de pesquisa acadêmica sobre as comunidades ribeirinhas do Tapajós, ajudou a criar a Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns - Resex. Ele tem lutado junto aos povos indígenas pelo resgate e reconhecimento de sua etnia com a experiência dos chamados “povos ressurgidos”²⁰. Atualmente docente da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA com uma cadeira de Antropologia. Por fim, ouviu-se ainda Manuel Dutra – jornalista, professor e pesquisador no campo da comunicação social na Amazônia, sendo docente em cursos de Comunicação Social na Universidade Federal do Pará – UFPA e Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA.

A partir dos pontos de vista desses três estudiosos amazônidas e tapajoaras, reunidos nas entrevistas sobre a presença das ONGs na Amazônia brasileira, em especial da relação pesquisada entre a ONG-PSA e os moradores de Suruacá no rio

²⁰ Terminologia utilizada pelos povos ribeirinhos que, pesquisando suas origens e história, lutam tanto para resgatar sua originalidade e identidade indígena quanto por políticas públicas que contemplem o auto-reconhecimento e o reconhecimento social de sua diferença.

Tapajós, busca-se ampliar a análise sobre a relação teórica e prática na convergência entre comunicação, cultura e educação no interior do Estado do Pará.

5.1 Padre Edilberto Sena

Edilberto Moura Sena, 70 anos, nasceu em Belterra, às margens do rio Tapajós, quando, a hoje cidade, era apenas uma vila pertencente ao município de Santarém. É padre diocesano e conhecido militante social na luta e defesa da Amazônia, engajado em ações contra mineradoras e multinacionais instaladas na região. Há 12 anos sua voz se faz ouvir bem longe, por meio das ondas da Rádio Rural de Santarém, imprimindo uma marca pautada na ética e na defesa do exercício da cidadania, respondendo pela produção jornalística da emissora e publicando todos os dias, de segunda a sábado, o Editorial do Jornal da Manhã. Foi o idealizador e principal articulador da Rede de Notícias da Amazônia (RNA), integrando rádios católicas, educativas e comunitárias, na defesa da credibilidade jornalística que esteja a serviço dos interesses populares e sociais da região. Em entrevista concedida para esta pesquisa, Edilberto Sena manifesta seu pensamento sobre Amazônia, organizações não governamentais e o Projeto Saúde e Alegria. Ele lembra que,

a partir da ditadura militar, de 1964 pra cá, especialmente na década de 70, podemos ver que esse regime ditatorial destruiu muitas organizações sociais. O militarismo proibiu organização social. E com isto, a Igreja Católica foi o espaço em que se pode discutir com muito cuidado a consciência da cidadania, a necessidade da organização em comunidade. E daí entrou o Movimento de Educação de Base, provocando, mais no meio rural do que no meio urbano, o despertar da consciência da identidade, através da alfabetização de adultos (EDILBERTO SENA, entrevista concedida ao pesquisador, em junho 2013).

O contexto acima, descrito por padre Edilberto Sena, remete ao cenário construído e vivenciado em Santarém e região oeste do Pará nas décadas de 1960 e 1970. Como já dito acima neste trabalho, atuação da Igreja Católica em sua ala mais libertadora, a partir dos fundamentos do Movimento de Educação de Base, levou a um processo de conscientização aos moldes do pensamento de Paulo Freire (1987) calcado em uma pedagogia libertadora. Essas ideias, segundo Edilberto Sena, contribuíram para a organização popular em terras santarenas.

Na década de 80, já nos finais da ditadura militar, começaram a surgir organizações na Igreja e fora da Igreja. O Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e a Colônia de Pescadores que, até então, eram simplesmente manipulados pela ditadura, passaram a assumir uma autonomia, conseguindo tomar das mãos dos pelegos a direção do Sindicato. Houve assim um momento de organização muito forte fruto da formação religiosa da Igreja através de suas comunidades, especialmente rurais. E na cidade as comunidades de periferia, em 90% resultado do êxodo rural, também se organizaram. (EDILBERTO SENA, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013).

Segundo Edilberto Sena, é dessa realidade rural e periférica que saem as três primeiras experiências de organizações não governamentais que lutam em defesa da Amazônia, a partir dos próprios amazônidas.

Eu destaco três organizações sociais fruto da ação consciente das comunidades na década de 80. A primeira experiência social libertadora foi o Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais; a segunda, foi a Colônia de Pescadores e a terceira, foi o Grupo de Defesa da Amazônia (GDA), surgindo pela necessidade de estudar a realidade amazônica e tomar posição. Era um grupo inicialmente chamado de Grupo de Terça-feira e que pouco a pouco foi se estruturando até formar o Movimento Social GDA (EDILBERTO SENA, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013).

Para Edilberto Sena, esse é o embrião das primeiras organizações não governamentais na realidade do município de Santarém. Depois, na virada dos anos 80 para os 90, surgiu outra organização não governamental local, o Centro de Apoio a Projetos de Ação Comunitária (CEAPAC). Essa ONG se dedicou mais à orientação agrária e agrícola, especialmente na região do rio Tapajós e do Lago Grande (braço do rio Amazonas que reúne inúmeras localidades que vivem da pesca e da agricultura familiar). Segundo o padre, no início, as ONGs como o Grupo de Defesa da Amazônia eram apenas movimentos sociais organizados que, depois, passaram a ser oficialmente ONGs para poder receber apoio de entidades de fora do Brasil.

O GDA, que era um movimento popular na década de 80, a partir de 1990 foi transformado em uma ONG. Nós buscávamos apoio financeiro na Holanda para nossas lutas sociais no combate ao mercúrio nos garimpos. E nós resolvemos fazer a denúncia dos governos paraense e brasileiro por permitirem a poluição dos rios com mercúrio, em especial do rio Tapajós. E quando buscamos apoio na Holanda, queriam apoiar, mas não apoiavam movimentos sociais, eles respeitavam os movimentos sociais, mas queriam apoiar ONGs porque estas, na concepção deles, estavam a serviço do movimento social. Daí elas precisavam ter recursos pra se mobilizar. E com isso eles praticamente nos induziram a transformar o movimento popular GDA em uma ONG, com estatuto, regras, etc. Na minha concepção isso foi a doença e a morte lenta do GDA a partir dos anos 1990. Hoje, 2013, esta ONG está moribunda, tá sem força (EDILBERTO SENA, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013).

De um movimento social que lutava pela defesa da Amazônia e pela conscientização e sensibilização da sociedade para o reconhecimento e direito dos povos indígenas, o GDA, quando transformado em ONG, segundo a opinião de Edilberto Sena, se acomodou. “Muitos voluntários se acomodaram, pois com a ONG tinha recursos para pagar os funcionários efetivos e com isso quebrou aquele entusiasmo inicial do voluntariado na luta por uma causa” (EDILBERTO SENA, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013). Foi nesse meio tempo que foram surgindo outras ONGs, como o PSA, para atuar na região, segundo conta o padre.

Vejo que o PSA tem uma capacidade muito grande de buscar recursos de fora. E com esses recursos eles têm tido um trabalho que, a meu ver, tende ao assistencialismo. Trabalham meio que sozinhos, tendo dificuldade de participar de uma articulação social com outros movimentos para se entrosar numa causa maior. Com exceção de alguns membros do Projeto que, por outras convicções, participam de outras articulações, mas o Saúde e Alegria em si é uma organização forte que trabalha individualmente. Tanto é que eles conseguiram um barco muito bom, o Abaré, para prestar assistência médica às comunidades ribeirinhas e não tiveram pano pra manga pra continuar como no início, e o barco ficou parado (EDILBERTO SENA, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013).

Enquanto a ONG-PSA continua suas ações com apoio de entidades internacionais e nacionais, incluindo governos federal e municipal, as outras organizações citadas por padre Edilberto, também recebendo ajuda de fora, atuaram em uma dimensão mais contestadora do sistema.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém que já teve fama nacional e internacional por sua capacidade organizativa e ousada de enfrentar a ditadura militar encontrou na experiência libertadora das comunidades de base católicas sua motivação para lutar. Depois, o Sindicato acabou em uma experiência de centralismo democrático, de inspiração marxista. Um grupo menor pensava as coisas e repassava a um grupo intermediário que assimilava o pensamento e repassava a um terceiro grupo que vinha das comunidades de base da Igreja. E como o contato da base com o grupo de cima ficava distante, acabavam sendo executores e não participantes nas decisões. Em poucos anos o Partido dos Trabalhadores - PT cresceu em Santarém e as lideranças do primeiro escalão do grupo pensante saíram para se candidatar a algum cargo público esvaziando a cabeça do centralismo democrático, provocando um desmoronamento que levou a turma do nível médio também para política partidária e o Sindicato foi definhando da ideologia original que era a autonomia do trabalhador rural. De força viva social e política que enfrentou a ditadura, acabou preso ao assistencialismo do governo federal, aos favores da aposentadoria e outros benefícios. A reforma agrária nem se luta mais por ela (EDILBERTO SENA, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013).

Ainda segundo padre Edilberto Sena, “o Estado perdeu a sua força de politização, perdeu ou nunca teve” (EDILBERTO SENA, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013). Então, a Igreja e o Sindicato dos Trabalhadores criaram espaços de politização dos moradores em Santarém que, a partir disso, foram se organizando em associações de bairros para conseguir ruas, água encanada, iluminação, escolas e outras conquistas.

Todavia, para Edilberto Sena, também as associações de moradores, depois de um momento forte, perdem o rumo, dividindo-se em duas federações, ficando como que apáticas, sem rumo e sem um programa claro de ação.

Penso que as associações precisam de um programa de ação. Estão fracas, meio que perdidas, estando sem forças até mesmo para pleitear as reivindicações de bairro. Eu mesmo na Igreja tenho pelejado para que os católicos se engajem nas associações de moradores. Não adianta só louvar a Deus, comungar na Santa Missa e se acomodar. Tem que participar porque as associações de moradores são um instrumento importantíssimo de democracia direta, aonde as pressões aos poderes públicos se fazem acontecer. Na década de 80 conseguiram-se várias coisas na luta e na pressão. Hoje, a Igreja, que era um instrumento forte de sensibilização e consciência com as comunidades eclesiais de base, perdeu sua força (EDILBERTO SENA, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013).

A fala de padre Edilberto Sena aponta para uma das dimensões da mudança paradigmática por que passa o mundo, sobretudo ocidental, da segunda metade do século XX aos dias atuais. Com o fenômeno da chamada pós-modernidade ou modernidade tardia, percebe-se o esfriamento de muitos movimentos sociais de esquerda com inspiração marxista, pautados na dialética e luta de classes. Com o avanço da globalização neoliberal, no campo econômico e cultural, há necessidade de um olhar mais sensível e profundo para a questão. Esse olhar remete também ao que Wolf (1995) já apontava ao analisar as teorias da comunicação quando estas se deslocam do eixo polêmico entre Teoria Funcionalista e Teoria Crítica para os Estudos Culturais voltados para a sensibilidade do receptor.

5.2 Frei Florêncio Vaz

Florêncio de Almeida Vaz Filho, 49 anos, é originário de Pinhel no rio Tapajós, comunidade que se autorreconhece indígena. Mudou-se para a cidade, ingressando na Ordem dos Frades Menores, tornando-se religioso franciscano. É graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em

Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Doutor em Ciências Sociais com concentração em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente é professor concursado da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA).

Frei Florêncio foi um dos idealizadores da criação da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns – RESEX, como visto no Capítulo III deste trabalho. Ele tem uma visão crítica em relação à atuação da ONG-PSA, porque durante esse processo de luta dos moradores da região, a ONG se manteve distante do processo, vindo somente a apoiar quando a gestão dá área passa a ser de responsabilidade do governo federal.

Quando a gente começou o movimento pela criação da RESEX, as organizações que mais lutaram para isso foram as da Igreja. A Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Grupo de Defesa da Amazônia (GDA), o Padre Edilberto Sena e eu apoiamos imensamente. Em 2002 o governo implanta a ferro e fogo um modelo de controle e arregimenta lideranças sindicais do Sindicato dos Trabalhadores Rurais para servir ao jogo governamental. Rachamos com o movimento. O Miguel Lima presidente da RESEX eleito pelos moradores teve suas asas cortadas. Verbas que vinham foram cortadas e o presidente afastado numa eleição em que o IBAMA jogou pesado, com apoio político e financeiro para eleger outro candidato, o seu Nazareno de Boim que seguiu perfeitamente a cartilha do IBAMA que desmontou o Movimento Social RESEX. Lideranças indígenas que vão hoje ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, braço do IBAMA para cuidar dos seus interesses junto às comunidades indígenas, dentro da RESEX, são humilhadas e desrespeitadas. Técnicos do ICMBio dizem: ‘você não são índios coisa nenhuma, você são mentirosos’ (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013).

É dentro desse modelo que a ONG-PSA atua, mesmo estando antes desse processo dentro da área que depois passou a ser Reserva Extrativista. A ONG diz, como visto no Capítulo II deste trabalho, a partir de seu vídeo institucional e site oficial, que está a todo tempo ao lado das organizações populares incentivando-as em suas lutas. Frei Florêncio Vaz não vê a ação da ONG dessa forma.

Quando nós começamos o movimento de luta pela criação da RESEX Tapajós-Arapiuns, o PSA não fazia parte. Porque o nosso movimento tinha esse aspecto politizado. Fazíamos encontros sobre direito, terra na mão dos trabalhadores e o PSA não se engajava nessa luta. Não participou das mobilizações iniciais. Quando há o racha de 2002, quando o movimento indígena se afasta e é afastado pela direção do IBAMA do processo do movimento social RESEX, um grupo de ONGs fica ligado à proposta do IBAMA, que hoje é o ICMBio. E o PSA entra nesse vácuo que nós deixamos, sendo que hoje é a entidade que mais se beneficia politicamente dentro da RESEX (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013).

Na concepção de Florêncio Vaz, a ONG-PSA se coloca ao lado do poder governamental e contra a organização popular originária da luta pela criação da RESEX Tapajós-Arapiuns, no início do processo, mesmo reconhecendo que a ONG apoia a Reserva e os moradores na gestão ambiental proposta a partir do Governo Lula, na chegada do PT ao governo federal. Florêncio reconhece as diferenças ideológicas e afirma que o pensamento da ONG-PSA é diferente do das organizações sociais mais ligadas às lutas políticas.

Eu acredito que o PSA tem outra ideologia, que não é a nossa que insiste nesse aspecto das identificações étnicas, indígenas, direito das populações tradicionais. Não tenho mais conversado com os membros do PSA nos últimos tempos. Mas penso que nós somos mais politizados, no sentido que a gente tende para demarcações de terra, para certa radicalização; esse é o discurso. A gente não queria criar uma reserva ambiental para passarinhos; queríamos uma terra na mão dos trabalhadores, das populações tradicionais e indígenas, tanto que hoje esse setor da pastoral social da Igreja que veio daquele tempo apoia o movimento indígena que dentro da RESEX é o movimento mais radical (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013).

Assim, percebe-se, tanto na fala do Padre Edilberto Sena, quanto na de Florêncio Vaz, que existem duas concepções sobre o trabalho com os povos da região do Tapajós, no interior da Amazônia brasileira. Uma, das organizações populares incentivadas pelas pastorais sociais da Igreja Católica, e outra, de organizações não governamentais, como a ONG-PSA, atuando em ações conjuntas com setores governamentais e políticas de Estado.

Como já visto à cima, nas décadas de 60 e 70, populações tradicionais ao longo do rio Tapajós foram incentivadas por movimentos sociais organizados a partir da catequese renovada da Igreja Católica, com formação de Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, inspiradas na Teologia da Libertação (TL) e nas ideias de Paulo Freire. Temas como educação libertadora, conscientização, politização e protagonismo popular na luta por seus direitos, consciência de seus deveres e responsabilidade de construir a cultura, o conhecimento e a história eram pautados.

Por outro lado, com a institucionalização de setores de esquerda a partir do governo Lula, houve rupturas e divisões dentro dos próprios movimentos sociais de esquerda, pois, assim como no grupo originário de luta pela criação da RESEX Tapajós-Arapiuns, há um alinhamento das lideranças com ideias libertadoras típicas da chamada esquerda naquele contexto político, também dentro da ONG-PSA suas

lideranças interagem com setores de esquerda que chegaram à esfera governamental.

Não é objetivo deste trabalho adentrar densamente nessas questões, mas dar visibilidade a elas é necessário no sentido de se perceber que a luta pela inclusão social entre os dois grupos em questão na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns apontam para uma dimensão complexa que requer, na perspectiva de consideração da dialética, não negar a dialogicidade, e da dialogicidade não negar a dialética, isto é, de considerar que os processos sociais são dinâmicos e que, mesmo a ONG-PSA não estando diretamente ligada na mesma forma de compreender a luta social, desencadeou processos que impactaram a vida das populações na região amazônica e em especial em Suruacá.

É preciso considerar novas sensibilidades que adentram no imaginário dos chamados povos da floresta, reconfigurando o que se entendia até poucas décadas sobre ruralidade e urbanidade, em outras dimensões. Frei Florêncio também aponta para essa reflexão.

O que era o mundo rural e urbano, há 30, 40 anos, hoje não é mais. O mundo rural hoje não deveria ser mais, com raras exceções, classificado dessa forma. A gente fala rural, aí já pensa no caipira, na viola, no interiorano, que não tem estudo, que tem medo da cidade. Esse mundo praticamente acabou. Quem toca viola e faz música caipira hoje, são, digamos “falsos cantores caipiras”, os tais cantores sertanejos, que de sertanejos não entendem mais nada, não sabem nem plantar tomate. E muitos jovens que nas comunidades rurais, não querem trabalhar na roça, estão usando a internet, celular, DVD, televisão, como qualquer outro jovem da cidade. Então, velhas categorizações hoje não explicam mais a realidade. Além do mais, eu vejo que os jovens das pequenas comunidades podem usar esses instrumentos da tecnologia sem que deixem de ter um modo de vida, uma cultura a partir da perspectiva de comunidades pequenas, como uma certa relação com a terra, com a plantação, com um estilo de vida mais natural possível, com sua própria história. Mas como vai ser isso é eles que vão decidir (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador, junho de 2013).

Na opinião de Florêncio Vaz, os que nas cidades criticam as populações da zona rural, ou as populações indígenas, pelo uso de recursos ou instrumentos tidos por muitos como próprios ou exclusivos dos mundos ditos urbanizados, precisam reconhecer que essas populações não podem ficar segregadas na floresta, a serviço dos povos das cidades.

Às vezes eu vejo pessoas da cidade, dizendo assim: “ah, mas esses jovens do interior não querem mais fazer roça. Porque o governo deu bolsa família aí ninguém mais que fazer roça”. Ué, se eles quiserem fazer roça, eles fazem, nós que estamos na cidade que não fazemos farinha, que não

plantamos arroz, feijão, a gente quer decidir que o jovem do interior continue plantando mandioca, vendendo a um preço baratíssimo para sustentar a cidade? Os jovens do interior é que decidem se eles vão continuar plantando mandioca. Se eles acharem que não vale a pena pelo preço, eles vão decidir o que vão fazer e nós que nos viremos. Se de repente os moradores do interior não plantarem mais mandioca e as grandes empresas do agronegócio só quiserem plantar soja, teremos que dar nosso jeito de plantar em quintais ou de pagar o preço mais caro para que, alguém do interior faça farinha de mandioca pra gente (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Em relação ao trabalho das ONGs com os povos da Amazônia, Florêncio Vaz tem a seguinte opinião:

Eu vejo que as ONGs mais simpáticas às comunidades humanas, aos direitos, ao respeito da cidadania são minoria. A grande maioria das ONGs que atuam na Amazônia têm objetivos mais assistencialistas quando tratam do humano e objetivos ambientalistas quando tratam da preservação do rio, da vegetação, da floresta, do meio ambiente. Mesmo quando elas fazem uma referência ao humano, é um humano romantizado, aquele caboclo bonzinho que deve ser preservado porque ele vive em harmonia com a floresta. Essas ONGs se ajudam alguém, ajudam principalmente a elas mesmas (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Quando provocado mais um pouco especificamente sobre a presença e o trabalho da ONG Projeto Saúde e Alegria na Amazônia, o cientista social assim manifesta seu pensamento:

Se a gente pega a ONG-PSA, veremos que sua origem se deu a partir da vinda do estudante de medicina na época, Eugênio Scannavino. Quando chega em Santarém ele toma contato com as comunidades ribeirinhas da Várzea e vendo os meninos buchudos, cheio de vermes, as senhoras que, no olhar de quem vem do Rio de Janeiro, são pessoas pobres precisando desesperadamente de uma ajuda. Assim, ele começa o trabalho dele que, sem dúvida, deve ter salvado muitas vidas, de crianças, de senhoras, eu acredito. No entanto, o PSA está aqui depois de décadas, como uma super ONG, com carros, ilhas de edição, conexões com o mundo inteiro, não saindo de Santarém. Manda seus produtos para Europa, para artistas no eixo Rio – São Paulo. E uma vez que esses produtos são visualizados e reproduzidos geram mais recursos e justifica para o governo brasileiro e outros governos investirem mais. Os pobres continuam bastantes pobres no interior e o PSA muito bem. Os seus técnicos, os seus diretores, agentes continuam muito bem (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Frei Florêncio aprofunda sua crítica lembrando que uma das últimas grandes visibilidades da ONG-PSA foi devido a uma polêmica sobre o barco-hospital, administrado pela ONG que, depois de doado por uma entidade internacional, foi pedido de volta.

A última grande visibilidade que o PSA teve recentemente foi com relação à lancha Abaré. Veja a situação da lancha Abaré. A Abaré era sustentada por uma entidade chamada “Terri de Homis”, a “Terra dos Homens”, da Holanda. A Holanda é um paíszinho, uma Ilha do Marajó, e a nossa briga toda aqui, era pra que a Holanda esse pequeno país não parasse de continuar ajudando os pobres do interior da Amazônia, uma obrigação do estado brasileiro. Estado que recebe os impostos da sociedade brasileira e que deveria garantir a saúde, educação, segurança dessas populações, podendo inclusive garantir não apenas uma mas várias lanchas ou barcos hospitais para as populações ribeirinhas (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Florêncio Vaz volta ao tema da ONG Projeto Saúde e Alegria não se colocar na luta ou na articulação da luta das comunidades para pressionar o Estado e o governo para garantir o que é de direito dos povos brasileiros.

O trabalho de qualquer ONG, inclusive da PSA, seria o de politizar o debate, despertar a consciência política, cidadã dos moradores, sejam indígenas, ribeirinhos, quilombolas, da periferia de Santarém, para que peitassem o estado brasileiro como fazem os Munduruku, para que o estado garantisse o que é de direito, e não seguir com essa política assistencialista. Na hora que acabar a ajuda da ‘Terra dos homens’, correm para a ajuda do BNDS, da Embaixada Alemã, sempre de fora. E pergunte a uma dessas comunidades que são assistidas por ONGs no interior da Amazônia, se os moradores sabem fazer projetos, se tem capacidade política para viajar para Brasília, Paris, Inglaterra, ou qualquer outro país, para discutir de igual para igual com esses representantes dessas super ONGs também mantidas nesses países. ONGs como o PSA não despertaram lideranças locais, nativas, para fazerem a interlocução. É claro que eles levam meninas, jovens para São Paulo para participar de feiras, inclusão digital, mas quem negocia de igual para igual com representantes do BNDS e das agências estrangeiras são exatamente os técnicos da ONG (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Ainda segundo Frei Florêncio, como são as ONGs e não as comunidades que protagonizam de fato as lutas e negociações mais importantes para seu destino, retroalimenta-se um já conhecido ciclo de dominação.

E essa é a reprodução de uma corrente de assistencialismo que passa pelos patrões da borracha, que eram os donos dos nossos antepassados indígenas, quilombolas. Eram os donos dos seus destinos, inclusive surravam, puniam. Eles eram a justiça. Nós estamos reproduzindo esse sistema, que pode voltar no tempo e chegar aos patrões que exploravam o trabalho indígena das drogas do sertão (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Florêncio ainda se pergunta como uma comunidade atendida pela ONG-PSA ficaria sem os aportes da Organização, no sentido de ter que garantir sozinha as iniciativas favorecidas pelos projetos desenvolvidos.

Eu gostaria de analisar uma hipótese do Saúde e Alegria em uma comunidade. Como seria Suruacá sem esse aporte, sem essas redes de relações que o PSA proporciona pra eles. Eu acredito que eles continuariam vivendo já que eles já viviam antes do Saúde e Alegria. Mas esse padrão de consumo com torres de telefone e tudo, internet, como é que isso se manteria sem a ONG? Eu tenho lá minhas dúvidas. Eu já vi projetos de ONGs de governo que saem e deixam na comunidade uma máquina pra descarregar cupuaçu e a máquina está apodrecendo lá totalmente. Porque esses projetos são sustentados com uma lógica de fora e as pessoas gostam de ver as máquinas chegando, dinheiro chegando, visitante de São Paulo, Rio de Janeiro, da Europa chegando e eles funcionam movidos por esse estímulo externo, acreditando que isso é muito bom (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Para Florêncio Vaz, é importante lutar para garantir que as comunidades assumam a própria história, principalmente no resgate da originalidade de sua identidade cultural.

Quando a ajuda de fora cessa os moradores dizem: “e agora?”. Não, a gente volta para a nossa farinha de mandioca. Foi assim com a borracha, quando acabou aquele ciclo todo, as pessoas voltaram para o seu sistema é isso que eu vejo. Outro dado que eu queria acrescentar com relação a essa diferença do Suruacá e das outras comunidades, é que Suruacá foi uma das duas comunidades que tiveram grandes eventos indígenas no começo do movimento indígena aqui junto com Taquara, foi Taquara e Suruacá que tiveram as missas indígenas, que nos fizemos em 1999. E isso cessou em Suruacá. Por quê? (FLORÊNCIO VAZ, em entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Segundo o pensamento de Frei Florêncio Vaz, “o capitalismo transforma tudo em mercadoria, tudo, tudo, tudo. Pedras, o vento, a água, ideias, florestas” (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013). Para ele, com ajuda do Saúde e Alegria,

estão transformando os caminhos, as trilhas, as cerâmicas que são as coisas mais antigas ligadas à memória, ou que poderia ser a memória indígena da população. Eu já estive em Vila Amazonas, em Guajará e os moradores estão se servindo a esse papel. E isso é mostrado dentro de uma perspectiva quase que totalmente folclórica. Com relação aos moradores de Suruacá eu não sei como é a visita de turistas lá, mas eu não duvido que eles não se coloquem de saiotas, que recriem um suposto mundo indígena, bem ao gosto do turista. Que o turista vem para ver o exótico, o indígena. O pessoal de Suruacá não se assume como indígena, enquanto identidade étnica, política, orgulho interior, mas aparentemente se traveste, se transforma em indígena para agradar ao europeu e dele receber os dólares por isso, eles poderiam se transformar em quilombolas no que fosse, para atrair esse dinheiro. Então esse é o tipo de capitalismo nefasto que eu digo que ele se serve daquilo que o povo tem de melhor, que é sua memória, sua tradição, mas o povo não assume isso para si. (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Vive-se aí um paradoxo entre a proposta de modernidade, no sentido do novo e o resgate histórico da própria localidade e da origem de seus moradores, paradoxo este que esta pesquisa não pretende resolver. Para Frei Florêncio, Suruacá acaba se tornando uma mercadoria capitalista de valor para os que vêm de fora, mas empobrecida para si mesma.

É uma mercadoria, um tipo de mercadoria que o capitalismo cria. Se você olha do lado do capitalismo, é ótimo que Suruacá tá moderna, é ótimo que Vila Franca tem uma equipe para receber os turistas. Mas se a gente olha esse movimento a partir dos nativos, a gente vai se perguntar: o que eu tô ganhando com isso, além dos dólares? Em que eu estou me tornando com isso? O que minha identidade, a minha dignidade enquanto povo nativo daqui está ganhando em crescimento com isso? Eu diria que muito pouco. Tanto que os mesmos que participam desse projeto de eco turismo não têm momentos para estudarem a própria história, as recentes descobertas da arqueologia sobre aquelas cerâmicas. Qual é povo que morava aqui? Se aquele povo que morava aqui, era o povo Badajó, por exemplo, lá de Vila Amazonas. O que nós somos, senão Badajó, eles não fazem essa reflexão (FLORÊNCIO VAZ, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Assim, a análise de frei Florêncio demonstra uma visão crítica sobre a presença e atuação do Projeto Saúde e Alegria em Suruacá, entendendo que nem sempre as finalidades de uma ONG são as mesmas das populações que vivem na Amazônia, sendo que o maior contributo que organizações governamentais e não governamentais teriam a dar aos povos ribeirinhos seria o incentivo para o autorreconhecimento, a autonomia e o protagonismo de organizar-se em suas lutas.

5.3 Jornalista Manuel Dutra

Nascido na Vila de Boim, às margens do rio Tapajós, município de Santarém, Manuel Dutra, é um jornalista que há muitos anos, a partir das próprias reportagens publicadas, dos livros escritos e do exercício da docência nos cursos de Comunicação, na Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES) e Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) tem se dedicado à pesquisa sobre a região amazônica e sua relação com o contexto nacional e mundial. É graduado em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Especialista em Educação Ambiental pelo Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará (NUMA/UFPA); Mestre em Planejamento do Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, pela UFPA e Doutor em

Ciências Socioambientais, pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) também da UFPA.

Quando perguntado em entrevista para esta pesquisa sobre ONGs, Amazônia e Projeto Saúde e Alegria, Dutra mostrou-se cauteloso devido a (poucos) conhecimentos específicos sobre as ações do PSA em seus 25 anos de existência. Mas manifestou sua opinião sobre a atuação das organizações não governamentais na região. Diz que é preciso situar a questão em uma dimensão mais ampla. É necessário perguntar-se o porquê desses projetos na Amazônia.

O que precisa ser aferido nesses projetos, nesses programas de trabalho comunitário, é o que subjaz nesses projetos. Se as populações dessas áreas vão ficar eternamente como povos extrativos, morando em casas de palha, a exemplo do que Lévi-Strauss chamou de “povos congelados”, que se “petrificaram” no passado. Será que os habitantes dessas áreas tem que ser congelados no tempo juntamente com os recursos naturais, a floresta, pra servir ao mundo que precisa de oxigênio? Será que essa preservação das riquezas naturais e essa posição diferenciada, essa valorização dos povos originários ou dos caboclos é pra que eles permanecerem petrificados, junto com a natureza, intocados? Eles ficarão como guardiões da floresta, como já de disse dos índios que no passado foram vistos como estorvos ao progresso e de repente eles viraram o contrário, os guardiões da floresta? (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Dutra, além de denunciar o “congelamento dos povos”, questiona se no futuro os povos da floresta têm de continuar vivendo primitivamente. “Viverão como guardiões da floresta no futuro também? Ou não têm os direitos que a cidade tem? Direito à educação, à promoção humana, ao conforto da modernidade, à cultura”. (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013).

Para Dutra, em algumas experiências, o que se vê do contato entre os povos indígenas com as cidades é uma desgraça em alguns aspectos. Ele cita o exemplo de jovens indígenas em bairros periféricos em Roraima.

Eu vi vários jovens indígenas, vindos de aldeias para a cidade em Roraima, estudando, esforçados, inteligentes. Ao mesmo tempo eu vi jovens morrendo no álcool e nas drogas, em um contato altamente danoso quando os indígenas chegam e passam a ser cooptados por uma outra cultura que não é a deles. Não há diálogo intercultural nesse caso. Há um abafamento de uma cultura como historicamente houve. Há uma destruição, pois muitos jovens indígenas estão fumando crack, além da prostituição das meninas. Então, este modelo de cidade eu tenho fé em Deus que nunca vai chegar aos povos que vivem em suas reservas ou terras originais. A questão que eu levanto é esta: eles vão ficar pra sempre do mesmo jeito como estavam há séculos morando na floresta? Ou eles vão se inserir na modernidade de uma nova maneira? Claro que isso é extremamente complicado ou complexo, mas eu acho que é uma questão que deve ser pensada (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Manuel Dutra diz ainda que a história de Santarém ainda está por ser contada. “É preciso investigar, fazer pesquisa. A história de Santarém está por ser contada e escrita”. (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador, em junho de 2013). A responsabilidade fundamental é das instituições de ensino superior.

Há quantas décadas tem o Curso de História em Santarém? Cursos na área das Ciências Humanas e Sociais, etc. E me parece que os trabalhos de conclusão de graduação, das especializações estão passando por cima dos grandes filões que estão esperando para serem revelados. O que existem são livros que repetem livros, que repetem livros. Quando eu vejo que o Projeto Saúde e Alegria está a tanto tempo aí com um trabalho abrangente, eu me pergunto por que não estudam as coisas daqui? Será que esses trabalhos de conclusão, seja de graduação, seja de pós, estão em um repeteco? Ou estão estudando coisas laterais, secundárias, que não dão trabalho? A verdade é que Santarém é hoje um centro universitário como uma quantidade expressiva de instituições de ensino superior e de acadêmicos e professores está em dívida com esta região, com este centro da região amazônica, no sentido de resgatar sua própria história. A história da Amazônia é mais importante para o Brasil do que se pensa. O passado e o futuro do Brasil se imbricam com a Amazônia (MANUEL DUTRA, entrevista ao pesquisador em junho de 2013).

Seguindo o pensamento de Manuel Dutra e dos outros pensadores, pesquisadores e teóricos analisados nesta pesquisa, percebeu-se que a Amazônia é um espaço geográfico e cultural permeado pela diversidade e que tem sido cenário permanente do envolvimento de símbolos e significados múltiplos que se aproximam e se distanciam em um movimento de criação e recriação que aponta para a renovação constante, em uma dialética que requer dialogicidade profunda, pois, nesse cenário, saberes ligados à comunicação, cultura e educação entrelaçam-se em dimensão convergente.

A tentativa de entendimento dessa relação, que não se dá apenas no âmbito da espontaneidade, mas por meio de estratégias conscientes, faz-se necessária para a compreensão do fenômeno humano manifesto na comunicação e educação por meio da cultura.

Assim, a pesquisa aqui desenvolvida objetivou descrever esses processos, analisar a importância da convergência entre comunicação, cultura e educação, e investigar como se dá a relação entre teoria e prática na experiência social em Surucá por meio das ações estratégicas da ONG Projeto Saúde e Alegria.

Na promoção da cultura ribeirinha santarena, percebeu inúmeros interesses internos e externos, desconstruindo o mito da naturalização da realidade cultural, sendo que esta é fruto processual da construção humana consciente por meio da

razão logicizada, mas também em dimensão demente e cheia de subjetivações e desejos que saltam em uma teia de complexidades em que a realidade se constrói, se destrói e se reconstrói, dialética e dialogicamente.

CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS

Já dizia Mário Quintana que “as palavras são como borboletas espetadas com agulhas em páginas de papel, por isso a palavra escrita é sempre triste”. (QUINTANA, 1976, p. 143). Talvez o poeta brasileiro tenha intuído que, a partir da dor da finitude, nem sempre as palavras finitas conseguem dizer coisas que infinitamente são indizíveis, mesmo com diversas, distintas ou semelhantes expressões. Talvez. Mais ainda, mesmo com todo apogeu e hegemonia de uma cultura da imagem no mundo atual, com dimensões polifônicas e polissêmicas, a escrita é imprescindível, principalmente em um trabalho como este, dentro da dimensão epistemológica, em que não bastam os sentimentos não traduzidos ou traduzíveis nos trâmites da lógica formal. Por isso, as considerações, depois de cinco capítulos desta singela dissertação, não são finais. São considerações não finais. Não que a pesquisa não tenha sido concluída ou que o objetivo proposto não tenha sido atingido frente ao problema colocado como desafio a ser enfrentado no caminho metodológico. Atingiu-se sim o objetivo, mas as possibilidades de exercício intersubjetivo considerando a diversidade de atores e de papéis percebidos ao longo do processo de investigação, levou ao entendimento de que muito ainda tem a ser investigado no campo do entrelaçamento entre cultura, comunicação e educação.

Refletir sobre comunicação é um desafio permanente. Desafio ainda maior quando esta reflexão vem articulada às áreas da cultura e educação. São questões amplas que perpassam a história em diferentes contextos e com diferentes aspectos. A comunicação, a cultura e a educação, são fenômenos humanos manifestados na complexidade do próprio existir.

Assim, para esta pesquisa, o exercício intersubjetivo manifesto nos olhares, nas impressões, nas palavras não ditas e talvez intuídas, foi fundamental. O diálogo também abre espaço para o silêncio que difere do mutismo. Na dinâmica da intersubjetividade, a partir da relação dialógica, muitas vezes há uma dimensão paradoxal, entre subjetividade e objetividade, considerando assim a necessidade de interpretações diversas, a partir da observação na interação com os interlocutores durante o estudo.

A pesquisa também levou em consideração as mudanças constantes do real, há vista o objeto de estudo remeter a uma relação permeada de relações ao longo

de 25 anos. Considerando a multiplicidade, a aleatoriedade e a incerteza inerentes ao movimento constante na esfera social, pontuou-se na pesquisa a impressão de sete moradores de Suruacá, além de três pesquisadores da realidade amazônica e que analisaram a presença de organizações não governamentais, em especial aqui da ONG Projeto Saúde e Alegria (ONG-PSA), na região Oeste do Pará, principalmente na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (Resex) onde está situada a vila de Suruacá, lócus da pesquisa.

Há de se considerar que diferentes realidades são percebidas e entendidas de modo diverso por cada sujeito social. São percepções semelhantes, mas são diferentes, individuais. Assim, compreendeu-se durante o estudo empreendido ser necessário relacionar dialética, dialogicidade e complexidade, no sentido de que as visões dos agentes do PSA, dos moradores de Suruacá e dos pesquisadores que deram seu ponto de vista sobre essa relação entre ONG e localidade, são distintas e contraditórias.

A ONG-PSA acredita que durante todo o tempo de presença em Suruacá e em outras localidades ribeirinhas na Amazônia brasileira esteve e está sempre ao lado dos interesses sociais dos moradores em suas lutas em defesa da vida, da sua cultura e dos recursos naturais renováveis dentro de reservas e áreas de conservação. Assim, dialoga com organismos internacionais, governo federal e outras instituições para levar aos moradores possibilidades de dinamizar seu modo de pensar e agir. Com objetivo de promover a saúde e a qualidade de vida, a ONG-PSA utiliza de estratégias comunicacionais, culturais e educacionais para conquistar seus objetivos.

Por outro lado, a presença da ONG-PSA no interior da Amazônia brasileira é vista, por integrantes de movimentos sociais que lutaram pela criação da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, como um trabalho assistencialista que corre o risco de acabar favorecendo à alienação (usando aqui o termo na perspectiva marxiana e freiriana), quando moradores da localidade, de origem indígena, poder acabar levados a um congelamento da própria cultura, em uma espécie de folclorização para gringo ver, sendo concebidos como guardiões da floresta para que está garantida o ar necessário para o mundo respirar.

Já os moradores de Suruacá têm suas impressões sobre sua relação com a ONG-PSA. Para os sete entrevistados selecionados para esta pesquisa, a organização muito contribuiu para o desenvolvimento social da localidade, mesmo

reconhecendo que as ações hoje já não são tão mais intensas como foram no início há 25 anos quando a ONG chegou ao local. Eles foram ouvidos sobre como sentiram e sentem o Projeto Saúde e Alegria em suas vidas e quais as suas mais fundamentais impressões sobre as ações da organização em Suruacá.

Como se dá a relação entre teoria e prática no que se refere ao trabalho desenvolvido pelo Projeto Saúde e Alegria no Telecentro Comunitário de Suruacá no rio Tapajós? Foi a pergunta que fundamentou a pesquisa a partir da problemática proposta ainda no projeto de pesquisa desta dissertação. A escolha do Telecentro foi devido à necessidade de delimitação de uma relação ampla que já dura vinte e cinco anos e que aqui não se pretendeu abarcar e esgotar com esse estudo. Foi também devido ao Telecentro ser o espaço onde convergem as ações de comunicação, cultura e educação propostas pela ONG-PSA, sendo que o espaço é o coração da organização em sua relação com os moradores do local e destes com outras regiões do país e do mundo.

Como resultados da pesquisa, constatou-se que a proposta divulgada pela ONG-PSA em seu site oficial e vídeo institucional, corresponde com a descrição da entrevista realizada com os moradores do local que há vários anos têm acompanhado, trabalhado e recebido as ações da organização na região do rio Tapajós no oeste do Pará. Mesmo não sendo desenvolvidos todos os programas que a organização divulga fazer, verificou-se que as ações do programa de Comunicação, Cultura e Educação acontece.

Como resultado da relação entre o que a ONG-PSA propõe na teoria e o que de fato faz na prática em Suruacá, percebeu-se com a pesquisa uma práxis resultante da relação convergente presente na relação comunicacional e educacional entre a ONG e os moradores da localidade pesquisada. Essa práxis não é de natureza exclusivamente dialética, pois em alguns momentos da história a organização não se envolveu em lutas mais amplas como, por exemplo, da luta pela criação da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns encabeçada por pastorais sociais da Igreja Católica e outras ONGs que lutam pela defesa da Amazônia.

Percebeu-se também que na relação entre a ONG-PSA e Suruacá há uma práxis dialógica, haja vista, o processo de relação com os moradores da vila ser feito de maneira participativa, respeitando as especificidades do local, ao menos no que disseram os moradores entrevistados para esta pesquisa. Para alguns olhares externos o que existe é uma espécie de cooptação e domínio da organização e de

agentes externos sobre os moradores do local que, por conta, do processo de folclorização de suas vivências, acabam investindo em pequenos incentivos presenteados por visitantes ávidos por contemplar uma Amazônia exótica aos olhares externos.

Em relação ao impacto que o uso de novos meios comunicacionais causou na vivência cultural na área pesquisada, percebeu-se que os instrumentais comunicativos favoreceram o contato entre os próprios moradores, com o encurtamento de distâncias, com o uso do celular e a instalação da rádio FM comunitária. Os moradores acolheram os instrumentos de comunicação integrando-os ao seu imaginário por meio de formação e capacitação continuadas por parte dos agentes do Projeto Saúde e Alegria. Mas, percebeu-se também a necessidade de fundamentar as ações educacionais em um contexto de exercício para a cidadania e de luta para a conquista do que é de direito da população ribeirinha no que diz respeito à melhoria da qualidade de vida.

É preciso ressaltar ainda que, a partir dos pontos de vista reunidos no capítulo final deste trabalho, a presença de ONGs na Amazônia brasileira não dispensa a ação do Estado na efetivação de políticas públicas nas regiões ribeirinhas. Ações nas áreas da comunicação, cultura, educação e saúde são necessárias e urgentes em muitas localidades, mesmo em Suruacá que conta com o incentivo da ONG-PSA há anos.

A pesquisa revela que, no interior da Floresta Amazônica, muitas ONGs preenchem um vácuo deixado pelo Estado, mas acabam, segundo críticas feitas ao longo desta pesquisa pelos olhares externos reunidos nesta investigação, por reforçar a petrificação dos povos da floresta em condições primitivas ou de dependência e subserviência à ajuda externa. Os benefícios do Estado ficam quase que exclusivamente para as áreas urbanas onde se concentra a maior parte da população, formada inclusive pelo êxodo rural histórico de anos anteriores, mas de novos êxodos no presente, pois a maioria das localidades ribeirinhas não conta sequer com o ensino fundamental e médio completos, tendo assim que migrar para cidades em busca daquilo que não chegou a seus espaços.

Muitas ONGs instaladas na região têm se concentrado quase que exclusivamente dentro das reservas florestais, quando a Amazônia também é urbana, e a maioria de sua população vive nas cidades. As grandes metrópoles amazônicas, como Belém e Manaus, enfrentam muitos problemas sociais e,

inclusive, ambientais, pois estão, por exemplo, entre as cidades mais desarborizadas do Brasil. Daí o questionamento de um dos pesquisadores entrevistados para a pesquisa sobre o porquê das ONGs não atuarem também nos espaços urbanos.

Dentro das críticas na pesquisa, apontou-se que a ONG-PSA, ao longo de mais de duas décadas na região do Tapajós, não tem gerado grandes lideranças que permaneçam em suas localidades e assumam um protagonismo em romper com a dependência da ajuda assistencialista de organismos externos. Os moradores cobram ou sentem falta da presença mais constata da ONG-PSA como foi em sua origem, no entanto, não se organizam para lutar e cobrar a presença de políticas públicas implementadas pelo Estado para a região. Por mais que o trabalho de ação social da ONG-PSA nas áreas da saúde, comunicação, cultura e educação, tenha sido fundamental para os moradores de Suruacá, analisou-se que falta mais cobrança, articulação e compromisso para fazer com que os governos cumpram suas responsabilidades para com as populações ribeirinhas que também precisam ser contempladas com o fruto de um progresso acompanhado de fato pelo desenvolvimento.

Um dos pontos de vista reunidos no último capítulo desta dissertação, pontuou que o assistencialismo das ONGs na Amazônia relaciona-se à políticas assistencialistas do governo brasileiro que leva as organizações sociais a esfriarem e deixarem de lutar pela emancipação social. Ele reconhece que as conquistas só vêm por meio da consciência popular e da organização na base da luta, da pressão, como o foi no caso da criação da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, resultado da conquista que partiu da consciência cidadã.

Para os críticos, a região precisa sim de mais barcos hospitalares, escolas de ensino médio, postos de saúde, energia elétrica, água tratada e canalizada, telefonia e outros aportes de comunicação, cultura e educação. Mas, segundo eles, as demandas não podem ficar na vitrine de Suruacá para ser vendidas como produto atrativo para incentivos financeiros de organizações nacionais e internacionais que vem trazer seus presentes para os povos da Amazônia.

Por fim, há de se considerar a luta de povos amazônidas pelo reconhecimento de sua etnia indígena, como povos ressurgidos. Mesmo em tempo de hibridizações e mestiçagens – e a dimensão cabocla ser um fato presente na Amazônia – o ressurgimento dos povos e culturas indígenas que foram dizimadas pelo avanço

capitalista ao longo da história da América Latina e do Brasil, é um fato social que o este trabalho não explorou e nem buscou problematizar. Mas, a pesquisa reconhece que a luta de organizações populares, como o Conselho Indigenista Tapajós-Arapiuns, pelo resgate de sua história e garantia de sua cultura, no sentido de identidade cultural, demonstra a complexidade da articulação entre culturas tradicionais e originárias com novas configurações culturais, no que tem ocorrido com a chegada da ONG-PSA e dos processos de mediatização na localidade.

Há de fato uma nova configuração mundial, na contemporaneidade. Novos tempos, novas ambiências, novos sentidos. Processos de mediação, modos de viver e de fazer que permeiam as interações sociais, atribuindo significados diversos à realidade social e natural que hibridizam-se com os meios que passam a ocupar o lugar de mediadores, rompendo as barreiras de tempo e distância, interconectando pessoas e realidades, resultando em uma nova configuração vivencial em escala global que marca profundamente o local. Essa nova configuração também é chamada de mediatização, ou seja, uma nova ambiência em que as relações humanas são intermediadas pelos instrumentos comunicacionais, não de forma passiva, mas interativa, gerando novos processos culturais.

Cada processo em curso, sejam os processos dos meios às mediações e destas às mediatizações, têm a marca própria do tempo em que se vive. Assim como no passado a Antiguidade teve seus momentos de Modernidade e que, a cada época, experimentam-se condições e marcas próprias do contexto vivido, o mundo contemporâneo experimenta novas configurações.

Em todos esses processos e configurações a dimensão do poder está presente e é histórica. A cada época o poder vai ganhando facetas sempre novas. Por isso, enquanto perdurarem as condições históricas de exploração pelo poder do capital, perduram também as lutas para transformação social e histórica do ser humano em sua capacidade de fazer cultura na concretização de modelos sociais e de experiências de convivência que garantam a equidade e justiça entre os povos.

Portanto, um mergulho nas condições próprias do tempo vivido no século XXI requer reconhecer que a crítica pela crítica não esgota ou dá conta da complexidade de um tempo ainda em construção e reconfiguração. O caminho que se abre é o do diálogo com novas dimensões que também são humanas e tão complexas como o próprio ser humano e o mundo natural na relação com o qual se cria a cultura, ou agora a tecnocultura no neoliberalismo econômico que se faz também cultural.

Os fenômenos sociais contemporâneos são complexos, como o foram os fenômenos sociais da Antiguidade e Modernidade no que conta a história ocidental. A diferença é que o tempo que se vive exige dos que neles vivem e se movem a obrigatoriedade de se refletir sobre os fenômenos humanos e sociais na busca da compreensão e do resgate do sentido para a própria vida em sociedade em escala global e local.

Os interesses são diversos, as convergências, as divergências, as configurações ideológicas múltiplas. Não é possível reduzir um fenômeno sem relacioná-lo a outros. Nenhuma experiência se autorreferencia. As coisas não se dizem sozinha como lembra Rubem Alves (2004) é preciso que alguém as diga. É preciso resistir à tentação de simplificar os fenômenos e as experiências sociais. É obrigatório pensá-los, senti-los, vivê-los, pois, como dizia um saudoso bispo da Diocese de Santarém, Dom Tiago Ryan²¹ “ninguém escapa ao encontro com a vida”. (DOM TIAGO RYAN, ao pesquisador em suas memórias no confessionário durante 10 anos entre os anos 90 e 2000).

²¹ Religioso franciscano norte-americano que se apaixonou pelo Tapajós. Foi grande incentivador das feiras da Cultura Popular, por meio do Movimento de Educação de Base e da Rádio Rural de Santarém, ganhando o afeto, o carinho e o reconhecimento do povo da região. Antes de morrer em terras estadunidenses, manifestou o desejo de ser sepultado em Santarém. Seu corpo está na Catedral da cidade. Seu funeral durou três dias com visitação de católicos e não católicos que o trazem na memória como alguém que amou e lutou pelos interesses do povo da região amazônica.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Ao professor com meu carinho**. São Paulo: Verus, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- _____. **Extensão ou Comunicação**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- LIMA, Venício A. de. **Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire**. 2ª Ed. rev. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Fundação Perseu Abramo, 2011.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Sociedade Tecnológica**. São Paulo: Scipione, 1994.
- MARTIN-BABERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, p. 51-61, maio/ago. 2000.
- MARTIN-BABERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MORIN, Edgar. et. al. **As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente** / Edgar Morin, Joaquim Clotet e Juremir Machado da Silva. 3ª Ed. Porto Alegre: Sulina, EDIPUCRS, 2007.
- _____. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- _____. **O método 4: as ideias – habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- _____. **Rumo ao abismo?** ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

QUINTANA, Mário. **Apontamentos de história sobrenatural**. Porto Alegre: Globo, 1976.

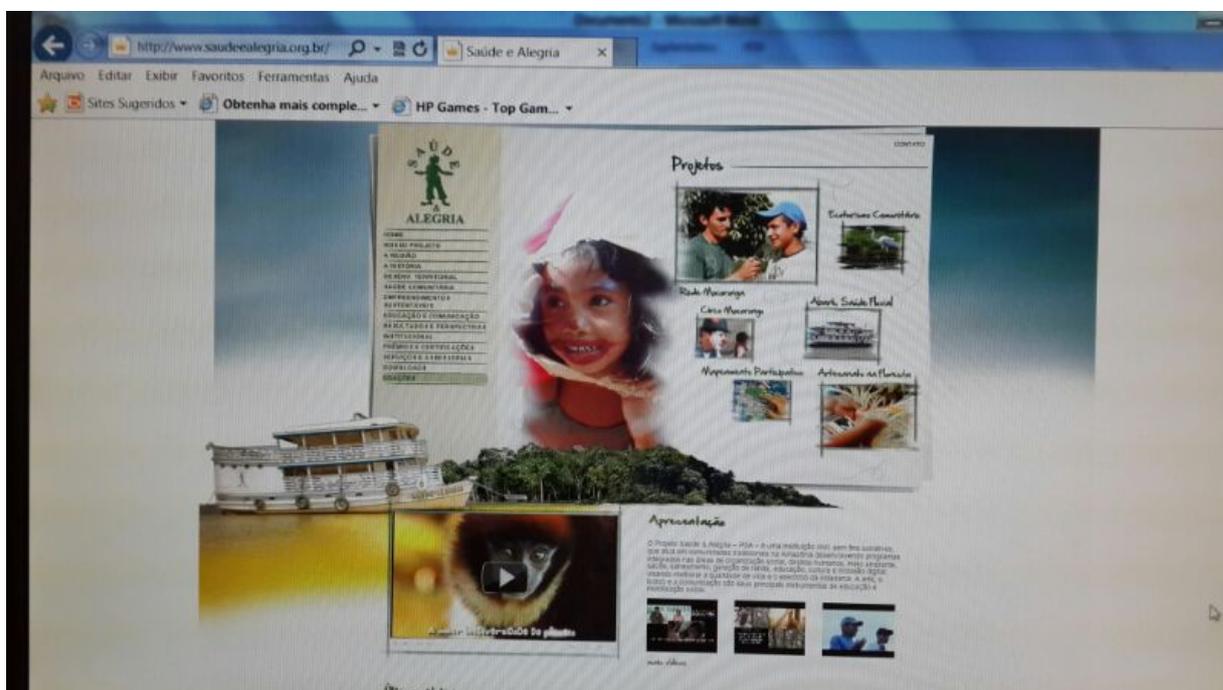
SCANNAVINO, Caetano; PENA, Fábio e GERMANI, Leo. **Saúde e Alegria: Vídeo Institucional**. [Filme-vídeo]. Produção de Rede Mocaronga de Comunicação, direção Caetano Scannavino. Santarém, Pará: CEAPS – Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental. (ANO). DVD com duração de 19 minutos e 49 segundos.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. 5ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4. ed. Lisboa: Presença LDA, 1995.

ANEXOS

SITE DA ONG-PROJETO SAÚDE E ALEGRIA



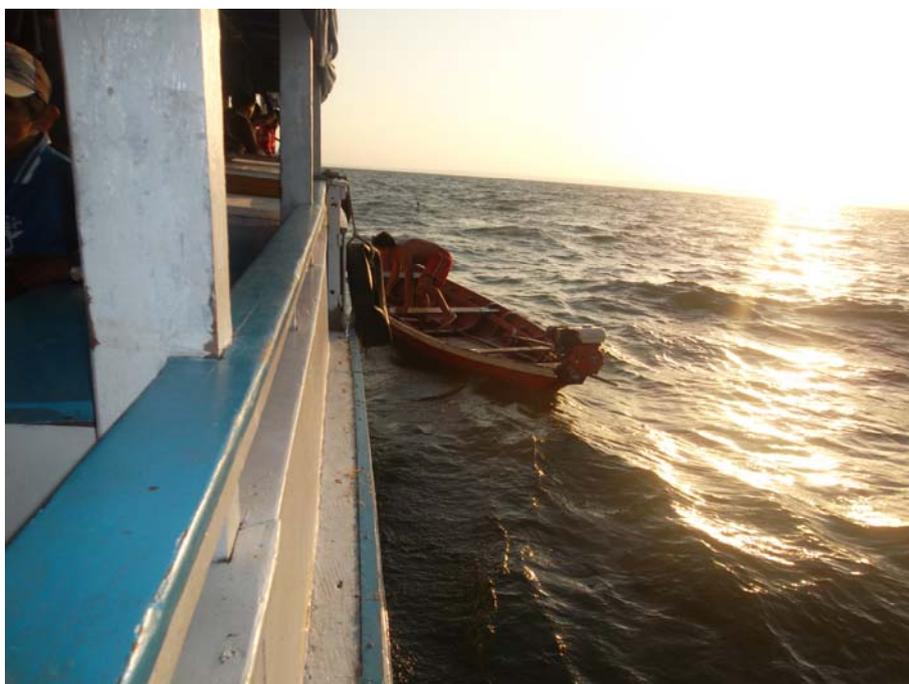
www.saudeealegria.org.br

BARCO DE SANTARÉM PARA SURUACÁ



Ribeirinhos com seu mais constante meio de locomoção, o barco.

CANOA CONHECIDA COMO BAJARA



As bajaranas fazem a travessia dos passageiros até as margens dos rios quando os barcos não podem atracar às margens do rio, devido ser o período mais seco.

A DIFÍCIL TRAVESSIA



Seu Inácio levando até melancia de Santarém para Suruacá. Aos 84 anos saindo do barco para a bajaran.

A LONGA DISTANCIA DO BARCO À MARGEM



Com seu Inácio Filho, a primeira entrevista começou na bajaran.

RECEPÇÃO NA CASA DE DONA MARTINHA COLARES



Com cantos de boas vinda e café da manhã na acolhida

DIÁLOGO COM OS MORADORES DE SURUACÁ



Distribuição dos questionários com as primeiras perguntas sobre a ONG-PSA

A IGREJA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS



Templo Católico do Padroeiro da Vila de Suruacá – O Sagrado Coração de Jesus

APRESENTANDO-SE AO POVO DA LOCALIDADE



Apresentando o motivo da visita: a pesquisa a ser realizada

O TELECENTRO COMUNITÁRIO DE SURUACÁ



Placa de identificação logo na entrada do Telecentro

OS ESPAÇOS DO TELECENTRO DE SURUACÁ



Estudantes da escola local utilizando os espaços do Telecentro na articulação entre comunicação, cultura e educação



Espaço destinado à pesquisa e capacitação dos monitores



Estrutura do Telecentro toda em madeira



Moradora colaborando com a limpeza do Telecentro Comunitário



Trabalhador rural e locutor da Rádio FM Comunitária Japiim



Adolescente operando na Rádio FM Comunitária Japiin



Rádio Comunitária ao vivo em uma das manhãs de Surua

PANORAMA DA VILA SURUACÁ







AS ENTREVISTAS SELECIONADAS NA PESQUISA

Inácio Francisco de Souza Filho – 84 anos



Martinha Colares Bentes – 76 anos



Djalma Moreira Lima – 49 anos



Maura Bentes Carmo –53 anos



Joacir Barreto Marques – 54 anos



Carla Mayara Melo Vasconcelos – 30 anos

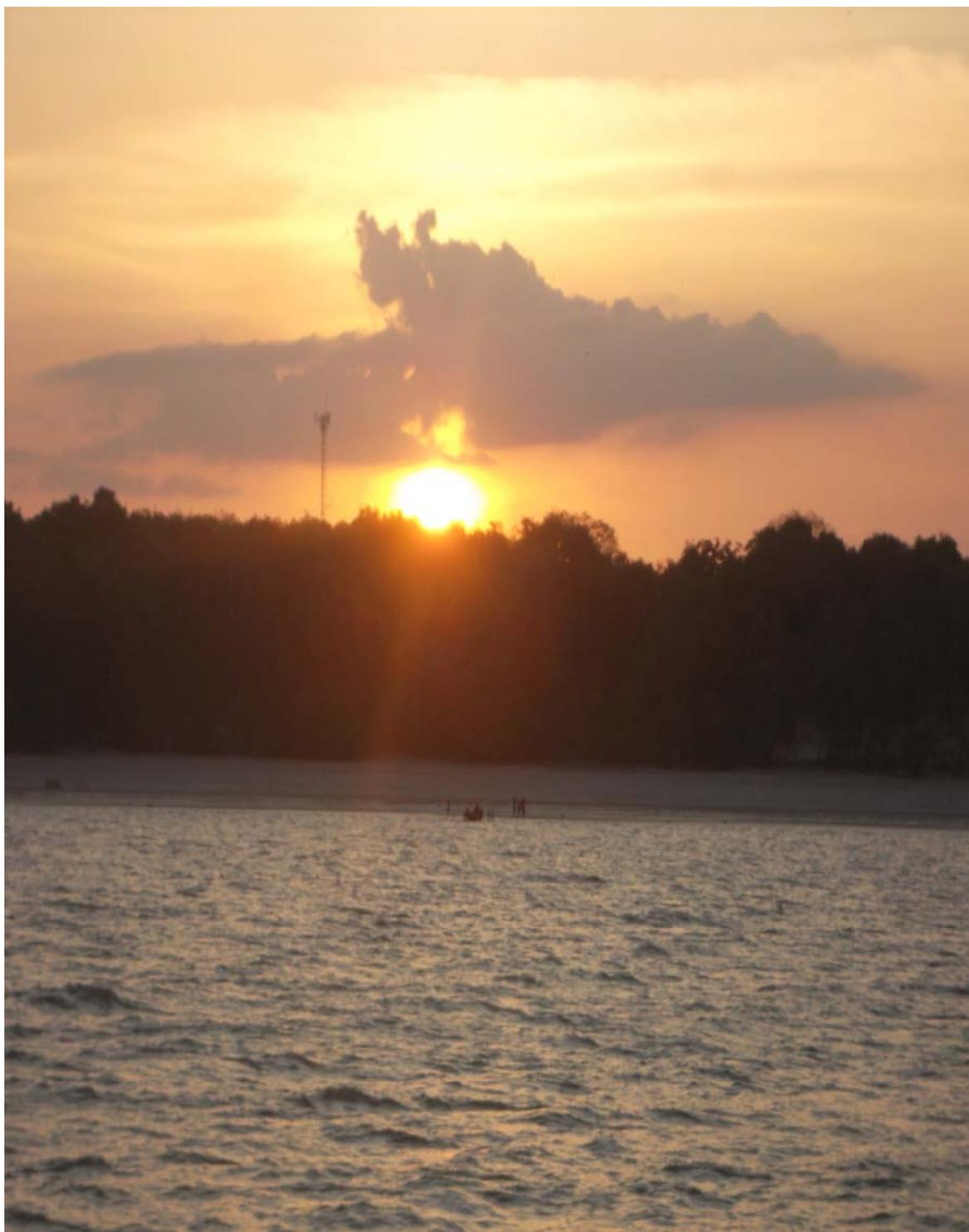


Antonio Bentes Farias – 69 anos



Margarete Colares Lima – 50 anos

ENTARDECER EM SURUACÁ



Torre de Telefonia Móvel – Hoje o ponto mais alto de Suruacá